686

Albano Bellino

Inscrições Romanas

Ao Ex.mo Snr.

Dr. Antonio Candido

Notabilissimo orador

Braga Janeiro 1896

off. m.to respeitosam.te

O auctor

INSCRIPÇÕES ROMANAS

Albano Bellino

Inscripções Romanas

DE

BRAGA

(INEDITAS)

Tiragem de 150 exemplares:

vão todos numerados.

N.º

BRAGA

TYPOGRAPHIA LUSITANA

19, Rua Nova de Souza, 21

MDCCCXCV

AO

NOTABILISSIMO ARCHEOLOGO EUROPEU

O EXC.^{mo} SNR.

DR. EMILIO HÜBNER

SABIO PROFESSOR

NA

UNIVERSIDADE DE BERLIM

O. D. C.

respeitosamente,
como a mestre consummado,

O auctor.

Dedicando-nos com fervor ao estudo das antiguidades patrias, mereceram-nos especial attenção, n'estes ultimos tempos, as *reliquias romanas* de que é precioso alfombre esta cidade de Braga; assim pela utilidade que offerecem ao estudo da historia, como tambem ao conhecimento dos progressos da civilisação.

Do nosso primeiro trabalho em copiar e decifrar inscripções romanas, com o escrupulo exigido pela natureza do assumpto, é fructo este modesto estudo, que só tem por alvo patentear *meia duzia* d'essas inscripções com que deparamos, AINDA INEDITAS, por isso que são dadas hoje a lume *pela primeira vez*.

Ao depararmos com ellas, apressamo-nos a dar d'isso conhecimento ao sr. dr. Martins Sarmento, de Guimarães; e este douto antiquario, dignou-se responder-nos o seguinte:

«Meu amigo:—Realmente o achado das inscripções romanas, *ineditas*, é importante. Muito estimava que as publicasse na *Revista* da Sociedade».

Enviamos-lhe então, muito gostosamente, um excerpto dos nossos apontamentos, tal como o tinhamos traçado para o trabalho, que por extenso damos agora á estampa.

Para nos animar n'este espinhoso estudo, bastava o conceito do consummado archeologo vimaranense. Mas accresceram ainda outros, que muito e muito nos estimularam a continuar em nossa tarefa.

O snr. D. Manuel de Foronda y Aguilera, archeologo Madrileno, a quem nos honramos de offerecer um exemplar do n.º 3 da *Revista de Guimarães*, agradecendo-nos a offerta, concluiu com estas palavras :

«...y hallo tan importante el asunto que le suplico me envie un ejemplar...

«Suplico me lo envie pronto».

O snr. dr. José Leite de Vasconcellos, illustrado redactor-fundador do *Archeologo Português*, de Lisboa, enviou-nos estas lisongeiras expressões:

«Li na *Revista de Guimarães* um artigo de V....; interessou-me sobremaneira a inscripção de Valábriga.

....

«Effectivamente a inscripção é importante. N'uma das passadas sessões da Academia das Sciencias fallei d'ella, mostrando o n.º da *Revista de Guimarães*».

Do snr. dr. Emilio Hübner, epigraphista de merecido renome europeu, é este o valioso conceito :

«E' muito importante o achado das seis inscripções romanas».

Na *Revista Critica* de Historia y Literatura Españolas, anno I, n.º 3, accusam-se em honroso logar estas inscripções, com que deparamos, nas paginas 86, 90 e 92; transcrevendo-as como

as publicamos em conformidade com as photographias que previamente fizemos tirar.

Tambem de Lisboa nos escrevêra o sr. Conselheiro Jeronymo Pimentel, dizendo-nos o seguinte:

«Li-no ultimo n.º da *Revista de Guimarães* o seu excellente, e interessante artigo».

Fazendo aqui estas referencias, não podêmos deixar de agradecer cordialmente as benevolencias, com que tão distinctos escriptores nos animaram.

*

Archivamos tambem aqui alguns fragmentos epigraphicos não sem importancia, aguardando a opportunidade de nos occuparmos d'elles um dia: e taes são por exemplo o existente na parede interior da sacristia do templo da Lapa, tendo 0,40 d'alto, com 0,75 de largo e 0,10 na altura da lettra:

E ainda outro mais, que existe sob os degraus d'uma escada de pedra em frente ao templo de S. Vicente:

Na ultima linha da primeira inscripção, a pag. CIX, não foi possivel, no acto da transcripção, figurarem-se uns symbolos n'ella gravados, e que são estes aqui expressos:

*

Quando por motivo da extraordinaria demora, que soffremos na impressão d'outro nosso trabalho consimilhante, tomamos a iniciativa d'este, não deixamos de prever os obstaculos com que deparariamos a breves passos; por muito reconhecermos, que, entre os differentes ramos da archeologia, nenhum excede em difficuldades o attinente á epigraphia em geral, e particularmente á epigraphia romana.

Convencidos, porêm, do quanto póde a vontade e o esfôrço, procuramos superar essas difficuldades, que fariam recuar talvez outros como nós ainda noveis no assumpto: e proseguimos animado por dois respeitabilissimos amigos nossos, o snr. dr. Martins Sarmento, de Guimarães, (que muito nos instigára a estas investigações), e o snr. dr. Pereira Caldas, de Braga, que generosamente nos confiára da sua opulenta livraria os melhores trabalhos de epigraphia romana.

*

D'este sabio professor-decano do Lyceu d'esta cidade, temos em nosso poder a seguinte carta, de que fizera acompanhar a primeira remessa de livros do nosso pedido:

«Não abandone os *estudos epigraphicos incetados*, e de que me diz ter dado noticia ao Dr. Martins Sarmento, de Guimarães, que é uma bibliotheca viva em assumptos archeologicos, em todos os ramos amplissimos d'esse vastissimo tronco».

«Exigem esses estudos muita paciencia e muitos subsidios, para o estudioso da especie não ser *archeologo* de nome, e *falsificador* de facto, como o fôra o infatuado MACHADO do seculo seiscentista—*Gaspar Alvares de Lousada Machado*—deixando esse appellido em execrando renome».

«Tem sempre achado em mim o Albano Bellino a maxima franqueza, em pôr á sua disposição os meus livros, e os meus conselhos».

«Não é isto favor especial: é procedimento meu para com todos os estudiosos, e filho da educação que me deram desde os meus inicios da juventude, graças á illustração de meu nunca olvidado pae—antigo escholar dos cursos litterarios bracarenses da sua epocha».

«Sabe por experiencia o Albano Bellino, como por muitos estudiosos do paiz, e não poucos de fóra d'elle, é de continuo *frequentada* a minha livraria, onde elles acham subsidios litterarios, que por vezes não encontram em nenhumas outras».

«Conte por isso plenamente, agora e sempre, com a permissão do manuseamento dos meus livros, onde achará annotações minhas em quasi todos os de mais uso».

«Aproveite se de tudo á vontade, para nunca o podêrem alcunhar de COPISTA FALSIFICADOR, como fôra esse MACHADO seiscentista—*archivista litterario, da Sé Primacial*—mais rebaixado a final no estádio que o limo das aguas estagnadas, e a podridão da vasa das marés».

«Compulse o Albano Bellino os indiculos indispensaveis ao archeologo novel, para luminosa iniciação, e regrada direcção, no espinhoso assumpto da EPIGRAPHIA ROMANA».

«Lembrar-lhe-hei por exemplo—*e para exemplo apenas*—alguns especimens no caso».

«Darei o primeiro logar ao venerando ancião lisbonense, o indefesso consocio archeologo Joaquim Possidonio Narciso da Silva, com as suas *Noções Elementares d'Archeologia,* illustradas com numerosas gravuras».

«E darei o segundo logar, como illucidação amplissima a essas *Noções Elementares*, á *Introduction á l'étude de l'archeólogie* de Millin, sem esquecer concomitantemente o *Resumé complet d'archeólogie* de Champollion Figeac».

«Não ajunte a estes preliminares o Albano Bellino—no alvo de não sobrecarregar-se de mais em seus inicios proficuos—senão o *Cours d'épigraphie latine* de Cagnat, e o *Dictionnaire des antiquités romaines et grecques* de Rich, todo repleto de numerosissimas gravuras—ou ainda o trabalho analogo de *Daremberg & Saglio*».

«E quando muito, meu Albano Bellino, auxilie-se ainda dos *E'lêments d'archeólogie nationale* de Batissier, onde achará uma curiosa *bibliographia* extensa, facilitadora de fontes e recursos nos multiplices ramos do grande tronco archeologico».

*

«Em relação ao Reverendo Theatino D. Jeronymo Contador d'Argote—de que mal póde o Albano Bellino prescindir no seu estudo de EPIGRAPHIA ROMANA em relação a Braga—duas indicações me cumpre fazer-lhe desde já, no alvo de não emaranhar-se improficuamente nos volumosos escriptos do indefesso religioso».

«E' minha *indicação primeira*—o não servir-se nunca do Reverendo Theatino, a não ser apenas como INDICE LOCALISATIVO das INSCRIPÇÕES que elle transcreve, confiado demais na fé de *copistas ignorantes*—senão talvez de *copistas falsarios*—imitadores *embusteiros* do archivista primacial MACHADO, a

quem terá o mundo litterario como desdouro dos filhos da capital do Minho, dedicados com fervor á indagação escrupulosa da verdade historica, mediante o auxilio de testimunhos que a documentam».

«E de só para esse INDICE LOCALISATIVO nos poder servir o Reverendo Theatino, já eu indicára isso na minha CARTA EPIGRAPHICA ao indefesso auctor do *Portugal Antigo e Moderno*—Augusto Soares d'Azevedo Barbosa de Pinho Leal».

«E ahi roborára eu inconcussamente essa minha indicação, em palavras endereçadas então ao fallecido *Pinho Leal*, e agora egualmente applicaveis ao Albano Bellino»:

«Abra o meu amigo as *Noticias Archeologicas de Portugal*, escriptas em allemão pelo *dr. Emilio Hübner*; e vertidas em portuguez pelo nosso finado confrade *Augusto Soromenho*, por ordem da Academia Real das Sciencias de Lisboa:—e achará na pagin. 4 a confirmação do meu alludido asserto, n'estas palavras do sabio archeologo de Berlim»:

«...*Argote*, preoccupado com a ideia d'encher os seus *in-folios*, reproduziu quasi na integra as *memorias* que lhe vieram ás mãos, *sem lhes addicionar cousa alguma essencial; mas tambem sem lhes fugir aos erros no texto das inscripções* - e na designação dos logares».

«E visa a minha *indicação segunda*—a que somente manuseie o Reverendo Theatino em conformidade com a coordenação dos seus *grossos volumes*, que já em vida do indefesso auctor—pelo desordenado do contexto respectivo—eram appellidados pela critica zombeteira a HISTORIA *dos Calhaus da Diocese Bracarense*».

«Para por isso compulsar com proveito esses grossos volumes—deve-os estudar com pausa na ordem das epochas, em que elles então foram escriptos e impressos:

1.º—ANTIGUIDADES da Chancellaria de Braga, de que fôram impressos *Quatro Livros* em 1728 primeiramente—sendo reimpressos depois em 1738 com

mais o *Quinto Livro*: e d'essa *edição primeira*, rara entre os *avulsos* raros, tenho eu exemplar em optima conservação:

2.º—MEMORIAS do Arcebispado de Braga—Titul. I. Tom. I—escriptas em 1724, emendadas depois, e depois impressas em 1732:

3.º—MEMORIAS do Arcebispado de Braga—Titul. I. Tom. II—escriptas em 1724, emendadas depois, e depois impressas em 1734:

4.º—MEMORIAS do Arcebispado de Braga—Titul. I. Tom. III, com SUPPLEMENTO ao Titul. I. Tom. II—impressas em 1744:

5.º—MEMORIAS do Arcebispado de Braga—Titul. II. Tom. I—escriptas em 1722, emendadas depois, e depois impressas em 1747.

Não se attendendo a esta *ordem bibliographica*, acha-se muita ambiguidade, muita confusão, nos grossos volumes do Reverendo Theatino.

*

Não dê ouvidos o Albano Bellino à *critica invejosa*—oriunda sempre dos ignorantes infatuados—com presumpção de sabios insubstituiveis—e capazes por isso mesmo de escrever *archeologia* com *x* e *epigraphia* com *gh* no meio.

Só por esse modo podem elles singularisar-se no *estadio* litterario, onde intentam ousadamente *associar-se* aos cultores das lettras que os repellem, por não poder ser *estabulo* esse *estadio*, nem poder idear-se para esses *intrujões* uma *associação*, com abstracção practica da conjuncção copulativa *argola*.

O Albano Bellino conhece-os de sobra, afim d'arredar-se d'elles para longe, conscio do que é e do que vale, e do nada que são esses histriões da critica insolente, petulante, e collareja».

«D'esses imitadores hodiernos do maximo desvergonhamento dos seculos decorridos até hoje, achará um retrato magistral no HYSSOPE do Dr. Antonio Diniz da Cruz e Silva, pouco depois dos principios do *Canto* V:

«Ah ! se as marmoreas campas levantando,
«Saissem dos sepulchros, (onde jazem
«Suas honradas cinzas), os antigos
«*Lusitanos* varões, que com a penna
«. . . . . .a patria ornaram,
«Os novos *idiotismos* escutando,
«A *mesclada* dicção, *bastardos* termos,
«Com que *enfeitar* intentam seus escriptos
«Estes *novos*, *ridiculos* auctores,
«(Como se a bella e fertil lingua nossa,
«*Primogenita filha da latina*,
«Precisasse d'estranhos atavios);
«Subito certamente pensariam,
«Que nos sertões estavam de *Caconda*,
«*Quilimane*, *Sofala*, ou *Moçambique;*
«Até que já por fim desenganados
«Que era em *Portugal*—que os portuguezes
«Eram tambem os que costumes, lingua,
«Por tam estranhos modos affrontavam;
«SEGUNDA VEZ DE PEJO MORRERIAM !

*

E agora, meu Albano Bellino, finaliso com o mesmo exordio d'esta minha *missiva:*

«Não abandone os *estudos epigraphicos* incetados».

Lembre-se dos dois versos de CAMÕES nos LUSIADAS—Cant. I. Est. XL:

«Não tornes para traz; pois é fraqueza
Desistir-se da cousa começada».

E lembre-se ainda d'outros dois mais do nosso HOMERO PATRIO—Cant. X. Est. CXLV:

«O favor, com que mais se accende o engenho,
Não o dá a patria—não».

*

Para bem se comprehender o que n'este modesto estudo tivemos em vista explanar, não prescindimos de longas transcripções, nem de repetidas referencias ao Padre Argote, como o leitor notará; porque só d'este modo, com a reunião de tantos e tão valiosos transumptos, conseguiriamos contrabalançar opiniões, que por ventura nem sempre estivessem accordes com a nossa—embora conscienciosa, franca e imparcial.

Os que sabem quanto é espinhosa a missão do transcriptor e decifrador de lapides romanas; e os variados conhecimentos que demanda da antiguidade; relevar-nos-hão por certo deficiencias occasionaes n'este *primeiro estudo* na especie, que nos abalançamos a publicar, confiados especialmente na indulgencia proverbial dos mestres.

Se a acceitação d'esta estreia corresponder á nossa boa vontade, dar-nos-hemos por pagos e repagos das muitas vigilias, e das longas locubrações que tivemos d'empregar, para attingir o resultado que damos á publicidade.

Em testimunho d'esta nossa boa vontade, offerecemos aos estudiosos das antiguidades o desenho fidelissimo do monumento archaico, mais singular de Braga, pela diversidade das opiniões que o estudo de todas as suas minuciosidades tem suscitado, desde o Padre D. Jeronymo Contador d'Argote, auctor das MEMORIAS do Arcebispado Primaz, até á actualidade.

Este monumento, verdadeiramente singular em tudo, é conhecido desde então até agora com o nome geral—IDOLO BRACARENSE do local dos Granginhos.

Quem verificar o nosso desenho, em face do proprio monumento, poderá notar que tivemos todo o cuidado em não dar aso, a que possam desorientar-se os archeologos, que o queiram estudar detidamente.

Braga, 2 de Fevereiro de 1895.

Albano Bellino.

DIAGRAMMA TOPOGRAPHICO DOS LOCAES DAS LAPIDES ROMANAS A, B, C, D, E, SENDO VI D'ELLAS INEDITAS

INDICAÇÕES LOCAES

1 — Paço archiepiscopal.
2 — Sé primaz.
3 — Palacete do conselheiro Pimentel.
4 — Lameda das Carvalheiras, com lapides romanas.
5 — Capella de S. Sebastião, ladeada de lapides romanas.
6 — Egreja matriz de S. Thiago.
7 — Seminario archiepiscopal, transferido do antigo Campo da Vinha actualmente de D. Luiz.
8 — Egreja matriz de S. João do Souto.
9 — Convento dos Remedios (nome do campo da sua situação), da invocação de Nossa Senhora da Piedade.
10 — Egreja de Santa Cruz.
11 — Collegio de regeneração feminina, no antigo convento de religiosas da Conceição; tem officinas de tecelagem.

ESCALA 1:8000

INDICAÇÕES EPIGRAPHICAS

A — Lapides sobre o tanque da Quinta do Avellar
B — Lapides do palacete de Fernando Castiço
C — Lapide do Campo de S. Sebastião
D — Lapide do palacete do conselheiro Pimentel
E — Lapide da porta principal da Sé (á direita)

✱ Local da antiga casa do nascimento tradiccional das sanctas protomartyres bracarenses — nove irmans gemeas

N'ESTE nosso primeiro ensaio de epigraphia romana, haverá por certo muito a corrigir, muito a addicionar; e nem isso admira, pois como judiciosamente diz o distincto archeologo vimaranense, o snr. dr. Martins Sarmento, em carta que muito prezamos entre outras com que nos distingue:

«... esta vinha não é muito facil de cavar. A's vezes uma lettra é um penedo».

Deixamos por isso de reunir em grupos coirmãos estas inscripções, limitando-nos a tentar explical-as nos logares competentes, conforme aqui em Braga as descobrimos; e damos aos nossos leitores o Diagramma Topographico respectivo, que foi reduzido d'uma Planta de Braga litographada no Rio de Janeiro em 1857, e levantada anteriormente pelo sr. dr. Pereira Caldas.

Dividimos as nossas referencias em cinco grupos locaes, que designamos com as lettras maiusculas A. B. C. D. E.

A

Estão na rua dos Pellames, embutidas no muro d'uma fonte com espaçoso tanque, na Quinta do Avellar, tres lapides que d'alli fizemos photographar para mais escrupulosamente as interpretarmos; sendo ainda *inedita* uma d'ellas.

II

BLOENA

É uma lapide quadrangular de 0,95 de alto, e 0,33 de largo, encimada por uma roseta de seis pontas, e sobre cuja face não tem passado em balde a acção destruidora do tempo.

Damos em zincographia, mediante a copia photographica, essa lapide *inedita* d'alto valor archeologico :

Eis a transcripção respectiva, attestada ainda pela vista e pelo tacto, como era de inteira necessidade :

B L O E N
A C A M
A L I . F
V A L A B
RICeNSIS
H . S . E .

Está incluso o A na primeira abertura do M, como é frequente em inscripções romanas.

A falta da lettra E, na palavra *Valabricnsis* em logar de *Valabricensis*, não ha porque suppor-se erro de canteiro (*lapidario*), como talvez poderia parecer á primeira vista.

São frequentes as suppressões de lettras, na epigraphia romana, quando o contexto as traz á memoria facilmente.

Para exemplo recordaremos uma inscripção romana de Carthagena em Hespanha, copiada de Fr. Henrique Florez na *España Sagrada*, (Tom. V. Cap. I. n. 106):

M.VALERIO
M.F.QVIR.
VINDICIANO
FLAMINI
CONVENTVS
CARTHAGNENSIS
STATVAM
DECREVIT
CONVENTVS
CARTHAGNENSIS

Ahi nos apparece duas vezes a palavra CARTHAGNENSIS em logar de CARTAGINENSIS, onde se acha omisso o I na syllaba GI, por ser evidentemente sobentendivel na leitura.

Na *Revista Archeologica* de Lisboa, (1887, n. 7), dá-se copia d'uma inscripção romana achada em Elvas n'um quintal da rua de S. Vicente, e recolhida depois na bibliotheca da Camara Municipal, em que se lê EMERITESI por EMERITENSI, (por ser facil a sub-intellecção do N).

Como seja uma inscripção pela primeira vez achada em territorio nacional, com exemplo d'um legionario de serviço militar legitimamente completo, não deixaremos de a transcrever aqui por extenso:

IV

G.IVLIO GALLO
EMERITESI VETERANO
LG.VII.G.F.STIPENDIS
EMERITIS.ANN.LXX
H.S.ES.TTL.IVLIA.PRIMA
LIB.ET.CONIVX.PATRONO
BENEMERI.D.P.S.F.

A Gaio Julio Gallo, emeritense, veterano da Legião Septima Gemina Felix, tendo completado legitimamente o serviço militar, de setenta annos de edade, aqui está sepultado. Seja-te a terra leve.

Julia Prima, liberta e conjuge, á sua custa erigiu ao Patrono Benemerito.

*

Eis o texto da lapide bracarense:

Bloena, Camali filia, Valabric(*e*)ncis, hic sita est.

Versão:

(Bloena, filha de Camalo, Valabricense, aqui está sepultada).

*

Com o nome BLOENA ha tambem no museu archeologico da *Sociedade Martins Sarmento,* em Guimarães, uma lapide romana; e não sabemos de mais alguma com egual nome em localidades portuguezas.

A copia d'essa lapide, achada no anno de 1887 em Castro d'Avellans (Traz-os-Montes), n'umas excavações custeadas pela benemerita *Sociedade* do Berço da Monarchia, como a decifrára o snr. dr. Martins Sarmento com a subida competencia de que dispõe, é a seguinte:

BLOEN
A.VIRO
NI.ANN
LX.

«Bloena, Vironi (*filiae*), annorum sexaginta».

Esta leitura exposta na «*Revista*» da *Sociedade Martins Sarmento*, de Guimarães, (Tom. IV. 1887, n.º 4), não é a que se acha indicada na *Revista* Archeologica, de Lisboa, no Tom. I. n. 6 (1887).

A leitura do fallecido snr. Borges de Figueiredo, bibliothecario da *Sociedade de Geographia* de Lisboa, a que muito nos honramos de pertencer, é a que passamos a expor:

BLOEN
Æ//////O
Æ ANN
LX

«Bloenae...oae (*filiae?*) ann(orum) sexaginta».

(Monumento de Bloena, filha de...oa, de 60 annos).

N'esta decifração, é palpavel (embora se encobertasse n'uma interrogação o finado filho de Coimbra), que elle suppunha, no seu inexacto OAE, o nome truncado da mãe de Bloena—apesar de não ser d'uso, na epigraphia romana, a filiação materna em substituição de filiação paterna.

Não começa esta lapide com a conhecida formula preambular—DIIS MANIBVS—ordinariamente indicada só com as siglas D. M; embora fosse tão commum esse uso, que nas officinas dos canteiros (*lapidarios*) havia sempre abundancia d'essas lapides preparadas preventivamente.

D'ahi vem o terem sido encontradas, com as duas siglas, algumas lapides funerarias em grego: do que dá testimunho o escriptor *Zaccaria* no *Excursus Litterarius per Italiam*, (edição veneziana de 1754, pag.

194), referindo-se a um exemplar epigraphico da cidade de Pisa.

D'ahi vem egualmente algumas lapides similhantes em cemiterios catholicos, dando isso aso a interpretarem-se as mesmas siglas como D(*ei*) M(*artyri*): o que nos leva a lembrar aqui o syntagma de Memije—DE RE FUNEBRI—edição madrilena de 1789, cap. V.

Algumas vezes os canteiros (*lapidarios*) duplicavam as siglas exordiaes, dando-lhes a forma ritual DD.MM: d'um exemplo dá noticia o Padre Oderico (Dissertationes) n'uma lapide de *Cesia Karalitana.*

Tambem por vezes esta formula não passava de MANIBVS, como se pode ver em Fabretti, (Inscriptionum Antiquarum Explicatio, pag. 80. n. 98); assim como ainda no *Museum Veronense,* pag. CXLIX e pag. CCCVI.

Usualmente encontram-se as tres siglas D.M.S. com a significação de *Diis Manibus Sacrum;* havendo no entanto em Gruter (Inscriptiones Antiquae, pag. MXXXII. 2) a anteposição do S. em logar da posposição frequente.

Todavia não raras vezes apparece o D a um lado das inscripções e o M ao outro correspondente.

Pode servir-nos o exemplo do *Museum Veronense* (pag. CDXX. 3) n'uma lapide funeraria de *Cominia Severiana.*

Nas *Inscriptiones* de Fabretti (pag. 7. n. 31) ha uma dedicação sepulchral de *Lucio Pacieno Saturnino,* com as siglas D.M. depois do nome do erector.

Tambem nos lembramos de as ver no final d'um epitaphio copiado pelo nosso *guia* n'estes assumptos epigraphicos, o versor e illucidador Castro Gonzalez das *Instituciones Antiquario-Lapidarias de Zaccaria* (pag. 228), dedicada a *Cominia Paterna.*

São comtudo frequentes os casos em que não apparecem as siglas D.M.S.; sendo substituidas pela formula H.S.E., que na Peninsula é conhecidissima, e que lá fóra tem dado aso a interpretações forçadas.

Em Gisberto Cuper, por exemplo, (edição de João Poleno), vê-se ter elle sempre essa formula por H(*oc*) S(*epulchrum*) E(*rexit*).

Fez porém cair isto a Cuper em grande contrasenso; pois achando inscripta n'uma lapide a reunião de dois finados, um homem um tanto edoso, e uma creança de tres annos apenas; e tendo alludido á erecção tumular pelo primeiro finado, viu-se forçado a duplicar o primeiro contrasenso com outro ainda peior, viciando a significação palpavel ANN(*orum*) III em tres annos depois : não notando a impossibilidade da erecção d'um mesmo sepulchro duas vezes, tanto mais sendo ordenada a segunda por uma creança em tenrissima edade!

Ha ainda exemplos, em lapides menos antigas, de se achar a insersão do H.S.E no principio, como se póde vêr n'uma lapide tarraconense, de que nos dá noticia D. José Finestres, (Sylloge Inscriptionum Romanarum, classe. 7, n. 24), allusiva a Didaco Orcellitano, de familia nobre, fallecido aos 55 annos de edade, tendo militado com merecido louvor na guerra civil, tanto em fortalezas como nos arraaes:

HIC.SIT.EST.
DID.ORCELL
NOB.FAM.NAT
QVI.CIVIL.BELL
LAVD.IN.ARC.ET.CASTR.MER
OBIIT
AN.AET.LV

Sem as formulas D.M.S., e H.S.E, apparecem tambem lapides sepulchraes.

Sirva-nos de primeiro exemplo uma, que fôra mettida na parede da egreja de S. Pedro de Merelim, no concelho de Braga, á entrada da porta principal, e que o Padre Argote transcreve, (Memorias. Tom. I. n. 429):

L.VALERIO
QUIR
RUFINO
VAL.RUFUS.FI.A
HESEXLSMN

Diz o seguinte (segundo o Padre Argote):

«Esta sepultura fez Valerio Rufo a seu Pae Lucio Valerio, Quirino»

A inscripção porêm auctorisa-nos a dizer:

L(*ucio*) Valerio, Quir(*ina*) (*tribu*), Rufino, Val(*erius*) Rufus, Fi(*lius*) He(*re*)s Ex T(*e*)s(*tamento*) M(*ere*) n(*ti*)

Em vulgar:

A Lucio Valerio Rufino, da Tribu Quirina, Valerio Rufo, filho, herdeiro por testamento, *erigiu* ao Meritoso.

De Valencia del Cíd, falla Beuter (Primera Parte de la Coronica, L. I. C. 17), e com elle tambem Escolano (Hist. de Valencia, Dec. I. L. IV. C. 9), na dupla inscripção seguinte:

L.ANTONIVS
L.F.GASABNVS.E
ANTONIA.L.F.
PROCVLA

«Lucio Antonio Gasabno, Filho de Lucio, e Antonia Procula, Filha de Lucio».

E' muito de crêr que os dois finados fossem irmãos.

Ha tambem lapides sepulchraes, em que se encontra o numero d'annos sem a palavra *annorum*.

Servir-nos-ha de exemplo uma lapide referida no Padre Argote (De Antiquitatibus, L. III. C. IX. p. 233), cuja copia inexacta é a seguinte:

ATON.GOMUNI
XXV HSE
RICIUS PROCU.

Deu-lhe por extenso este texto:

«Atonius, Gomuni Filius, vigintiquinque annorum Hic Situs Est.

Ricius Procurator Viarum».

Na pagina 240 suppõe-lhe inexactamente a seguinte versão:

«Aqui jaz Ato, filho de Gomuno; viveu vinte e cinco annos. Ericio, Procurador das estradas, lhe fez esta sepultura».

No mesmo Padre Argote (MEMORIAS, Tom. I. n. 438) encontra-se outra transcripção:

ATONGOMUNI
XXV.H.S.E.
RICIUS PROCU

«Aqui jaz Ato, filho de Gomunio, que falleceu de vinte e cinco annos. Ericio, Procurador, lhe fez este jazigo».

Esta lapide acha-se hoje no Campo das Carvalheiras sobre um cippo milliario, ao lado sul da porta principal da Capella de S. Sebastião.

O que n'ella se lê é o seguinte:

ATON GOMVNI
LXXV H.S.E.
RICIVS PROCV

Como se vê, não ha antes do numero d'annos a palavra *annorum*.

O nome Ricius apparece na epigraphia romana da Provincia Hispanica, assim como o nome Ericius, que são differentes.

De Valencia del Cid, transcreve Diago (ANNALES del Reyno de Valencia, T. I. L. IV. f. 156) a inscripção seguinte:

X

Q.IVNIO.CRATIC
RICCIVS.ATIMETVS
ET.RICCIA.NYMPHE
AMICO

N'ella nos apparecem Riccius e Riccia com a unica differença do C duplicado.

O sentido da inscripção é o seguinte:

«Riccio Atimeto, e Riccia Nymphe, (*consagram*) ao amigo Quinto Junio Cratico».

Pelo que da nossa inscripção se pode deduzir, inclinamo-nos a crêr que no jazigo houvesse dois defuntos.

Para Ricius Proculus ser o erector deveria terminar a inscripção por F(*ecit*) ou F(*ieri*) C(*uravit*), ou ainda P(*osuit*): o que não é tão frequente.

*

Com relação á naturalidade *Valabricense* de BLOENA, eis o que de *Volobriga*—homophonismo de *Valabriga*—achamos em summa no Padre Argote, (Memorias, Tom. I, n. 670):

«*Volobriga* era uma cidade, cabeça dos povos nemetanos, segundo lê Molecio em Ptolomeu—ou nemetatos, segundo lê Bercio».

«No tempo de Tiberio já tinha a honra de *Municipio*, como consta d'uma medalha que traz Goltzio, citada por Ezechiel Spanhemio na *Exercitação* I á *Constituição* do Imperador Antonino».

«Caia esta cidade na Chancellaria de Braga, segundo Ptolomeu; *mas o sitio individual não o sabemos*».

Com relação ao tempo de Tiberio, referido no Padre Argote, recordaremos aos pouco dados a estes assumptos, que nascêra 42 annos antes da Era Vulgar esse genro do Imperador Octavio Augusto, que fôra feito Cesar aos 4 annos da mesma Era, e 10 an-

nos depois acclamado Imperador; sendo por ordem de Caio Caligula mandado suffocar aos 23 annos do seu tyranismo insoffrivel.

Em vista do texto da lapide bracarense BLOENA, parece-nos dever lêr-se *Valabriga* (em logar de Volobriga), no Ptolomeu tantas vezes emendado ao sabor e capricho dos editores.

Por egual prurido de correcções, vemos em Lucio Floro chamarem-se Curgonios umas vezes, e Curinogios outras, os *populi hispani* a que pertencia Segisamon, antiga cidade hespanhola em terras ora chamadas de Berges, appellidada tambem *Setisacum*.

Vemos ao mesmo passo os Curgonios como *Murbogos* em Ptolomeu; vendo-os em Plinio Senior como Turmodigos; e no Padre Paulo Orosio, bracarense, como Turmogos acertadamente, segundo se deprehende da seguinte inscripção de França:

D.M./PHOEBVS/QVI.ET.TORMO
GVS/HISPANVS/NATVS.SEGI
SAMONE/III.K.MARTIAS
(27 Fevereiro 143)C BELLICIO.TOR
QVATO/TI.CLAVDIO.ATTICO.
HERODE/COS...........

A cidade Valabriga da lapide BLOENA, de que o Padre Argote como Volobriga não chegára a entrever sequer a situação, acha-se marcada hoje pelo distincto archeologo hespanhol o sr. D. Aureliano Fernandez Guerra y Orbe, illustrado bibliothecario da Real Academia Hespanhola e eximio antiquario da Real Academia d'Historia.

Assigna-lhe a situação em Vianna del Bollo, marginalmente ao rio Bibey, onde tem uma ponte memoravel.

Do nome da villa de Bollo, (homophonismo da fórma grammatical Volo, e onde outr'ora fôra sup-

posta a situação de Volobriga, como D. José Cornide a figurára em 1790 no *Mapa Corografico* de la Antigua Galicia, derivou naturalmente o nome Volobriga em logar de Valabriga, que a valiosa lapide bracarense nos está testificando com a orthographia propria.

D'essas correcções a esmo resultou ainda a confusão palpavel, na *Antiga Geographia Callaica*, de tres povoações entre si distinctas e como uma só geralmente consideradas:—*Aobriga, Abobriga,* e *Avobriga.*

A primeira d'ellas, *Aobriga,* em situação marginal do rio Minho, não muito abaixo da confluencia do rio Sil, correspondendo na actualidade a Orense.

Na epocha sueva facilmente corrompia o povo *Aobriga* em *Aubrega*, e depois em *Aurega.* D'ahi veio naturalmente a latinisação em *Aurea* e *Auria*, d'onde nascêra o adjectivo *Auriensis* e *Aurensis*, e depois o nome *Orense.*

A segunda *Abobriga,* na Insua da foz do rio Minho, onde effectivamente a deixava entrever Plinio Senior (Hist. Nat. III, 20, 112), ao descrever as costas callaicas de norte a sul.

Na *Revista Archeologica* de Lisboa, em amplo artigo geographico *Las diez Ciudades Bracarenses en la Inscripcion de Chaves*, estranha o sr. Fernandez Guerra, que o sr. dr. Emilio Hübner confunda com *Aobriga* a povoação *Abobriga*, «situada por Plinio (Hist. Nat., IV. 20. 112) *en los Cilenos y convento bracarense*».

Conforma-se com *Detlef Detelfsen*, (Philologus de Gotinga, pag. 658) em que «*Abóbriga estava á gran distancia del rio Avo; y debe colocar-se en la especie de peninsula, de forma triangular, que hay al norte de la embocadura del Miño*».

«*Abóbrica* fué quizá el puerto situado en la costa septentrional del dicho rio».

A estas linhas do snr. *Detlef Detlefsen*, adduz como suas eguaes o snr. Fernandez Guerra:

«Alli fijo el sitio de *Abóbrica* en la isla fortifi-

cada que existe á la desembocadura y costa septentrional del Miño».

«Y dá vigor á mi conjetura un testimonio del año 1154, nada menos que del geógrapho árabe *Edrisi*».

A ultima das tres, *Avobriga*, em situação marginal do rio Ave, que banha as Caldas das Taipas no concelho de Guimarães, apoiando-se para isto o summo epigraphista allemão, o sr. dr. Emilio Hübner, n'um monumento lapidar de Tarragona, em Hespanha, erigido ao Flamen Lucio Sulpicio Nigro Gibbiano, *Avobrigense*.

*

Não nos surprehende que nas margens do rio Ave estivesse a cidade *Avobriga*, florescente na epocha romana.

No local do edificio balnear das Caldas das Taipas, entre Braga e Guimarães, acham-se sobterradas curiosas ruinas romanas, reveladoras do alto apreço que aquelle antigo povo consagrava aos mananciaes d'aguas salutares, onde quér que deparasse com ellas.

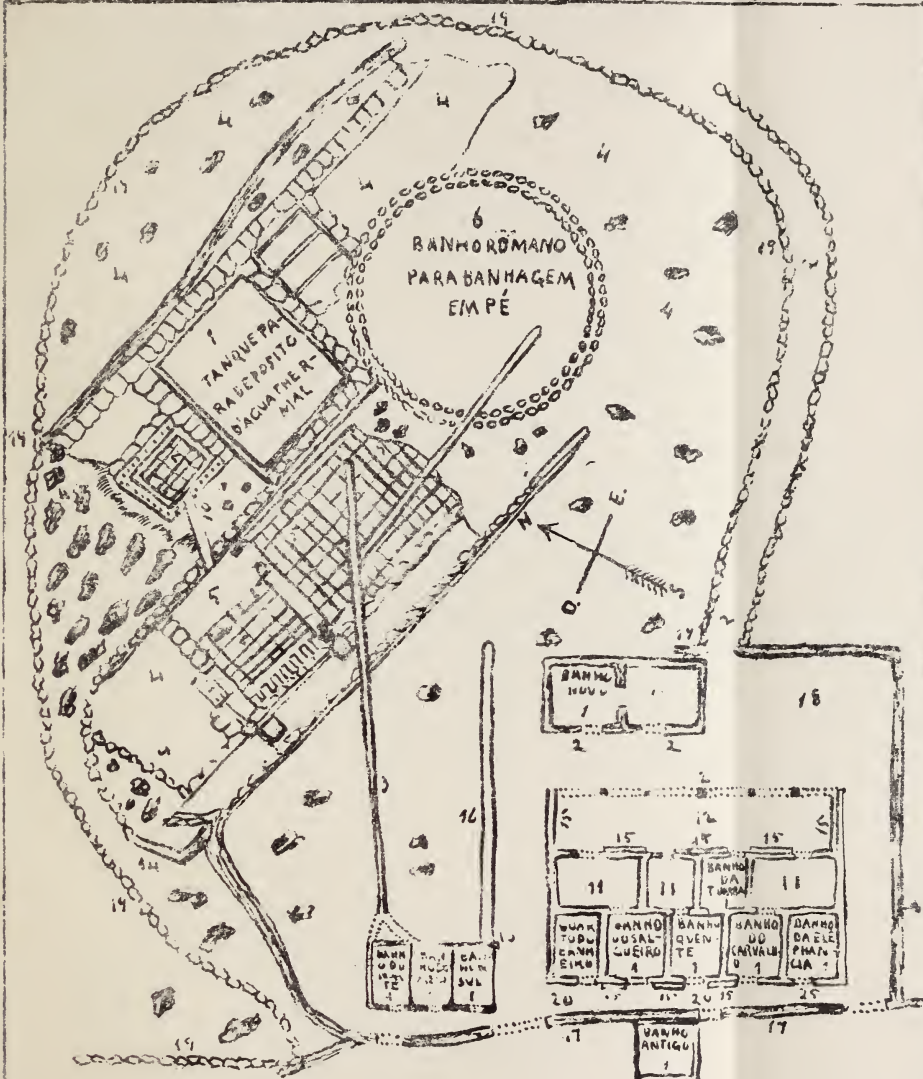
Ainda em nossos dias nos assombram em Roma os vestigios das thermas dos imperadores Nero, Diocleciano, Tito, e Trajano; não só como estabelecimentos balneares de subido merito architectonico, senão tambem, e sobre tudo, por nos testimunhar a historia, que n'essas thermas monumentaes corria parelhas a sumptuosidade com a voluptuosidade, que só fôra reprimida de vez no tempo de Constantino Magno; pois embora os imperadores Hadriano e Marco Aurelio tivessem cohibido as licenciosidades balneares, com a promiscuidade de sexos, veio Elagabalo (Marco Aurelio Antonino) que a permittira sem restricções, *tendo-a por util e proficua aos interesses do imperio!*

Entre as ruinas balneares das Caldas das Tai-

pas, postas a descoberto em 1844, appareceu um *hypocausto* sem deterioração, que nos consta ser similhante a outro *banho* de *vapor* em Aix, proximo do lago Bourget no Piemonte, e de que nos apontam a descripção em Alexandre Dumas, nas *Impressões de Viagem.*

D'estas ruinas infelizmente occultas, levantou por esse tempo a planta o sr. dr. Pereira Caldas, sendo então alumno distincto de sciencias mathematicas e naturaes na Universidade de Coimbra, e estando no goso de ferias em Guimarães, onde havia ultimado laureadamente os estudos secundarios.

Temos o grato prazer de aprensentar aos leitores a copia d'essa planta, que reduzimos a um pouco menos de metade.

RUINAS ROMANAS DAS CALDAS DAS TAIPAS
ILLVCIDAÇÕES
1 - BANHOS SULPHUREOS EM USO
2 - CAMINHO DE SERVENTIA LOCAL
3 - CANO DE MADEIRA-CONDUCTOR D'AGUA PARA OS BANHOS FRESCOS.
4 - RUINAS ANTIGAS
5 - TANQUE GRANDE LADRILHADO DE TIJOLO
8 - TANQUE PEQUENO ANALOGO (HYPOCAUSTO)
7 - ABERTURAS COMMUNICANTES COM 8
10 - CANO COMMUNICANTE COM 8
11 - CASAS D'ABAFO
12 - ALPENDRADA
13 - BICA DE BEBIDA
14 - CALLEIRO D'ESGOTO
15 - ASSENTOS DE PEDRA
16 - MURO BAIXO
17 - REGATO
18 - TERREIRO
19 - CIRCUMVALLAÇÃO
20 - FRONTEIRA
6
BANHO ROMANO
PARA BANHAGEM
EM PÉ
7
TANQUE PA
RA DEPOSITO
D'AGUA THER
MAL
BANHO NOVO
BANHO DA TURMA
BANHO DO SALGUEIRO
BANHO QUENTE
BANHO DO CARVALHO
BANHO DA ELEPHANTIA
BANHO ANTIGO
N
E
O
Escala de 1/400
10 metros

Proximo do edificio balnear, ha n'uma bouça um monolitho com adaptação a ara de sacrificios; sendo por isso faceado na frente, onde se acha gravada uma inscripção romana, e faceado eguálmente em dois lados e no cimo.

Com o nome *ara de Nerva* tem sido conhecido este penedo, em cujo cimo são visiveis ainda os vestigios de lavores sacrificatorios; e alludindo a elles o Padre Argote (De Antiquitatibus Livr. II. cap. IV), assim os individúa no texto portuguez (pag. 120, n. 2 e 3):

«No alto e superficie de cima tem uns *regos e covas*, feitas.... com instrumentos de ferro» (n. 2).

E acrescenta logo a isto (n. 3):

«Que este penedo fosse lavrado para *ara*, o modo e fórma da obra o està mostrando, e o nome que lhe deram os antigos; pois refere Barros, que os moradores d'aquelles contornos lhe chamavam *ara de Nerva.*

«Eram gente que ignorava a *historia romana;* e como na inscripção liam primeiro o nome de Nerva, e depois o de Trajano, attribuiam ao primeiro a fabrica da *ara,* sem attender a que o demais, relatado na inscripção, não podia competir ao imperador Nerva».

Damos essa inscripção, como a revela a photographia que temos à vista.

IMP CAES NERVAI
TRAIANVS AVG GER DAC
PONT MAX TRIB POT VII
IMP IIII COS V P.P.

No fim da linha 1.ª não é certamente um I, mas a haste d'um E, o que a photographia apenas esboceja na inscripção, devido ás inclemencias de 1792 annos; pois foi erigida esta *ara* por todo o mez d'Outubro do anno 103 da Era Vulgar, quando o Imperador Trajano, sendo consul a 5.ª vez, começára a contar o 7.º anno do podêr tribunicio.

O Padre Argote (Memorias, Tom. I. n. 515), nada nos deixa vêr na sua copia epigraphica depois do nome NERVA, sendo por isso para elle nominativo.

Apparece com effeito em nominativo n'uma lapide milliaria da Hespanha, collocada a IX milhas romanas (duas leguas e um quarto) na cidade Augustobriga, e achada em territorios da antiga Numancia.

Em nominativo apparece tambem n'outra lapide milliaria, collocada a XIV milhas romanas (tres leguas e meia) da cidade de Compluto, na mesma Hespanha, e achada nas cercanias de Arganda.

E' todavia mais usual o genitivo NERVAE nas lapides trajanianas, e seguido quasi sempre da lettra F., inicial da palavra FILIVS, que na lapide taipense não existe.

Na versão em vernaculo, sotoposta em 1818 á inscripção romana, é como NERVAE em genitivo que é dada a traducção respectiva, subentendida por isso a palavra FILIVS.

Tem sido attribuida ao senado vimaranense, que no citado anno exercia as attribuições municipaes, essa versão gravada na ara de Nerva.

Não é todavia fundada essa affirmativa.

Encontra-se em Fr. Bernardo de Brito, (Monarch. Lusit. Livr. V. Cap. XI), a referida versão.

Fica assim dado a Deus o que é de Deus, e a Cesar o que é de Cesar.

N'uma lapide milliaria de Salamanca, na Hespanha, de que temos copia á vista, acha-se por extenso a palavra FILIVS:

IMP.CAESAR
DIVI.NERVAE.FILIVS
NERVA.TRAIANVS
AVG.GER.P.M.
TRIB.POT.COS.II
RESTITVIT
M.P.II

N'outra lapide milliaria de Merida, tambem na Hespanha, indicando a reparação de 157 milhas romanas (trinta e sete leguas e um quarto) da *via imperatoria* d'essa antiga cidade, acha-se em sigla F a palavra FILIVS:

IMP.CAESAR
DIVI.NERVAE F
NERVA TRAIANVS
AVG.GERM.PON.MAX.
TRIBVNIC.POT.COS.III
AB.EMERITA.AVGVST.
RESTITVIT
CLVII.M.

*

As ruinas romanas das Caldas das Taipas testimunham evidentemente a importancia d'essas thermas. nas margens do rio Ave.

E' por isso natural que n'essas margens houvesse povoação anterior, a quem o rodar do tempo revelasse a existencia d'essa estancia salutar.

Segundo se lê em Fr. Bernardo de Brito, (*Geographia da Lusitania,* Cap. III), era para Ptolomeu o rio Ave, na provincia hoje do Minho, o mais notavel dos rios que a banham.

Não nos compete porêm enaltecer as margens do rio Ave. Falle por nós o Padre Francisco do Nascimento Silveira no *Mappa Breve* da Lusitania Antiga, (§ V. n.º XI):

«Banhando o Ave campos deliciosos junto a Guimarães; e recebendo em si alguns regatos nas duas margens; sepulta-se no mar com placida corrente abaixo de Villa do Conde e Azurara».

«Só é navegavel desde essas villas até á barra, como noutr'ora, e em pequenas embarcações».

«Difficulta-lhe a navegação um penedo, que ha seculos intentára quebrar D. João Pires, dos da Maia, rico homem dos assistentes ao rei D. Sancho II., e filho de Pero Paes, o Alferes, de quem tracta no *Nobiliario* o Conde D. Pedro».

«Mas debalde fôra intentada essa obra proveitosa, por nunca o rio ficar desembaraçado de todo: pois nas marés vasias ainda alguns vestigios do mesmo penedo deixam vêr as aguas».

«Nas ribeiras do rio Ave, engrossadas com os cabedaes d'alguns rios, como o Briteiros, o Celho, o Celhinho, o Déste, e o Vizella, estanciavam os *povos labricanos*, havendo pelas suas margens as cidades Abona, Labrica, e Cinania entre outras mais».

Do rio Ave — diz o Padre Argote no seu chamado Tom. V, (De Antiquitatibus, Livr. I. Cap. III. n. 13)—derivou sem duvida o nome o Promontorio Avaro, que se estendia outr'ora desde a foz d'esse rio até á foz do rio Cavado (Celano e Celando); e principalmente pela corda de penedias a começar da foz d'este ultimo rio por grande espaço pelo mar adiante, conhecidas actualmente com o nome de Cavallos de Fão.

«E nem é para maravilhar—continúa o Padre Argote — que do rio Ave (Avus) e não do rio Cavado (Celano e Celando) recebesse o nome o Promontorio Avaro: pois este mesmo ultimo rio, com ser mais opulento que esse primeiro, mudára com o andar dos tempos o nome em Catavus (Cata Avum), em rasão da natural visinhança com o rio Ave (Avus)».

Não é por isso desarasoada a nossa insistencia sobre o existir de povoação saliente nas margens do rio Ave, na epocha da antiga dominação romana; pois anteriormente a deixamos comprovada ao lembrarmos a confusão geographica, (impossivel hoje), entre *Aobriga, Abobriga*, e *Avobriga*.

Damos agora aqui a referida lapide romana, reveladora da antiga povoação *Avobriga* nas margens do rio Ave:

L.SVLPICIO.Q.F.GAL
NIGRO.GIBBIANO
AVOBRIGENSI
OMNIBVS.IN RE.P.SVA
HONORIB. FVNCTO
FLAM.ROMAE.DIVOR
ET. AVG. P.H.C.
P.H.C.

Foi encontrada esta inscripção romana em 1825 na Hespanha, *en la torre del castillo del Patriarca;* e existe na parede da casa n.º 3, *en la calle del Patriarca.*

Achou menção d'ella o sr. dr. Emilio Hübner nas Memorias *da Academia Matritense*, (7, 1832, pag. XXIII); alludindo a isso no Corpus das *Inscripções Latinas* da nossa Peninsula, (Inscripção n.º 4247).

O Avobrigense *Lucio Sulpicio Nigro Gibbiano* (que era Flamen do Genio de Roma, de Todos os Deuses, e dos Augustos Divinisados, na Provincia Hispana Citerior), tinha sido honrado com todos os empregos publicos provinciaes; e em testimunho de reconhecimento lhe dedicou a mesma Provincia (P. H. C) alguma estatua, a que de certo allude a *inscripção* aqui transcripta.

Havia *Flamines Provinciaes*, na dominação romana, sem designação de *cultos especiaes*.

Temos para exemplo uma inscripção de Tarragona em Hespanha, de que dá noticia Rodrigo Caro (ANTIGUEDADE *de Sevilla*, Livr. II. Cap. XVI), consagrada a Caio Virio Fronton, Flamen da jurisdicção de Lugo :

C.VIRIO.FRONTONI
FLAMINI.EX.LVCENS.
EX.DECRETO.CONCILII
P.H.C.

Preferimos este exemplo, para fazermos vêr como lá por fóra, ainda em epigraphistas de nomeada, andam ás vezes estropeadas expressões lapidarias, que são realmente de interpretação clarissima.

Achamos em Muratori (NOVUS THESAURUS, pag. 154) a explicação de EX.LVCENS. por EXIMIO. LVCENSI ; e suppondo distar muito da P.H.C. a Gallisa, que era parte integrante do territorio d'ella :

«Deixo examinar a outrem os motivos da Provincia Hispana Citerior, *tam distante da Gallisa,* para honrar com uma *estatua* um gallego da cidade de Lugo» (disse Muratori).

Especialisando-se por tanto ao nosso AVOBRIGENSE as suas funcções flaminicas, dava-se-lhe um testimunho publico da sua preeminencia sacerdotal; avultando-se-lhe por essa forma o ser elle um cidadão memoravel para exalçar o berço natalicio nas margens do rio Ave, onde o sr. dr. Emilio Hübner fôra o primeiro a suspeitar a existencia da *Avobriga*, como antiga povoação distincta nas consimilhantes do nome.

Das cidades *Abona* e *Labrica*, ambas marginaes do rio Ave, rastream-lhes os archeologos nacionaes as situações.

Rastrea-se *Abona* perto da foz do rio, em S. Salvador d'Aruore, não longe d'Azurára.

Rastrea-se *Labrica* perto do rio, na Labruge, a uma legua d'Azurára para sul.

Da *Citania*, immortalisada com as explorações e os escriptos do sr. dr. Martins Sarmento, (por isso mesmo duplamente benemerito da patria), ninguem desconhece hoje a situação entre as duas cidades— Braga e Guimarães.

Do local da antiga *Avobriga* nada conhecemos de positivo, nem nos consta de nada escripto.

Se todavia nos é permittido um alvitre (embora sejamos novel em assumptos d'esta natureza) fal-o-hemos n'uma interrogação simplissima, endereçada muito respeitosamente aos que pódem respondernos com a sua provada auctoridade:

Será por ventura *Avóbriga* o nome proprio da *Citania de Briteiros,* não longe das Caldas das Taipas entre Braga e Guimarães, e proximo á margem direita do rio Ave?

Quem sabe?......

Suspeitamol-o, porque—*Citania* é nome geral e não especial.

ARQVIVS

JUNTO á lapide sepulchral BLOENA acham-se mais duas, que tambem fizemos photographar.

Dando em copia escrupulosa a primeira, que fica á direita do observador, (e que tem d'alto 1,50 e de largo 0,52), notaremos as differenças que tem havido em leituras anteriores á nossa.

E' esta a copia que fizemos pacientemente:

ARQVIVS
VIRIATI. F
Ↄ. AGRIPPA
H. S. S. EST
MELGAE
CVS. PELISTI
MONIME.....
CO.........................

Nas *Noticias Archeologicas de Portugal*, devidas ao consummado epigraphista de Berlim, o sr. dr. Emilio Hübner, e vertidas do allemão pelo fallecido socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa, o sr. Augusto Soromenho; acha-se esta inscripção na pag. 70, como se segue:

ARQVIVS
VIRIAT*i.f.*
Ↄ.AGRIPPA*e*
H.S.EST
MELGAE
CVS.PELISTI
MONIMEC\
CO.........

Na *Revista Archeologica de Lisboa* (1887. n. 6) diz-se copiada do sr. dr. Emilio Hübner esta inscripção, mas contêm leves differenças de que ignoramos o fundamento:

ARQVIVS
VIRIAT*i*
Ↄ.A*g*RIP*p*A*e*
H.S.*EST
MELGAE
CVS.PELISTI
MONIME*ntum*
CO..........

No Padre Argote, (Memorias, Tom. I., n. 430), acha-se a mesma inscripção em fórma incorreta:

ARQUIUS
VIRIAT.K..
Ↄ.ACRIP.IA
H.S.S.EST
MEL CAE
CUSP.ELISTI
MONI ME...I..
CO

Aproveitamos a opportunidade n'este logar, para uma lembrança que nos parece curiosa.

Frei Agostinho de Santa Maria copia no Sanctuario Mariano, (*Tom.* IV. *pag.* 693), uma lapide sepulchral de Condeixa, encravada n'um lanço da torre da egreja matriz, em que se depara com o nome ARQVIA, muito menos vulgar ainda do que o neme ARQVIVS na epigraphia romana peninsular.

Foi ARQVIA, e seu marido, que erigiram aos filhos um sepulchro:

ARQVIA.HELENA.MATER.
ET.P(*ater*).
F(*ieri*).C(*urarunt*).

No cimo desta lapide ARQVIVS, ha uma roseta de seis lunulas, que nos parece uma modificação curvilinea do *swastika,* impropriamente chamado cruz gammada, como supposto de quatro gammas (**ΓΓΓΓ**)do alphabeto grego.

Não a reputamos como simples ornato de canteiro (*lapidario*), pelo facto de ter a disposição das petalas d'uma rosa.

Quér isolada e com grande campo, quér duplicada e com pequeno tamanho; umas vezes em logar de preferencia, outras entre ornatos variados; repugna crêr-se um simples desenho de phantasia n'um grande numero de cippos funerarios, e ainda em não poucos monumentos archeologicos.

Acha-se esparso por toda a parte o symbolo gammado do *swastika,* de que na *Revista Archeologica* de Lisboa (1888, n. 4), summariou lucidamente a historia, com factos e deducções, o seu finado redactor, o sr. Borges de Figueiredo: e d'elle extratamos nós aqui o mais essencial para este modesto estudo.

Vê-se com effeito o *swastika* em variados monumentos archaicos.

Vè-se nos *menhirs* e nos *dolmens*; nas necropoles hallstattianas da Italia; nas fibulas da Grecia Antiga; e nas *fusaiolas* das excavações da *Tróada*, exploradas minuciosamente pelo incansavel archeologo o snr. *Schlieman*.

Do *swastika* primitivo

passou naturalmente o espirito do homem a um *swastika* secundario, sem todavia abandonar ainda a linha recta.

Passou conseguintemente ao *swastika* de cruzamentos duplos

só encontrado atégora em territorios do *Mediterraneo*, e sem rasão considerado por Ludwig Müller como simples ornato.

Com o *swastika* assim de cruzamentos duplos, melhor delineava então a mão do homem a irradiação do sol: e substituindo depois por curvas as rectas da graphia dupla, ainda melhor exprimia, n'essa modificação symbolica, a configuração propria do astro-rei como foco simultaneo de luz e calor:

Posteriormente a este *swastika*, (o do ARQVIVS), apparece-nos elle ainda orlado com as curvas dobradas:

Foi com effeito a adoração do sol, e por conseguinte a adoração do fogo, a manifestação primitiva do naturalismo entre os povos antigos.

Os arianos e os semitas, os africanos, os aztecas, e os oceanicos, todos prestaram culto ao sol e ao fogo, como o testimunham numerosas provas.

Achamol-as entre os chaldeus—dizia o finado sr. Borges de Figueiredo—pelo culto de Baal, significado egualmente com o nome Bel; entre os Parsis, pelo nome de Mithra; entre os egypcios, pelo culto de *Amon-Rah;* entre os gregos pela fabula de *Prometheu,* e pelo fogo sagrado em ignição constante no *Pritaneu;* entre os latinos, pelo culto de Apollo e pelo fogo de Vesta; entre os aztecques, pelo deus *Xiuhteuctli,* além d'outros monumentos; entre os peruanos, pelo seu *Patchakamac* e pelas virgens do sol.

Na Africa subsiste ainda o culto do fogo entre os Ova-Héréro, onde ha mulheres encarregadas de o conservar, á similhança das vestaes romanas.

Em lapides funerarias (e no cimo d'ellas antes das inscripções, como local principal), só em nosso

paiz conhecemos o cippo ARQVIVS, com dois cippos mais das ruinas de *Castro d'Avellãs* em Traz-os-Montes.

Faz menção d'elles a *Revista Archeologica* de Lisboa, (Tom. I. 1887. n. 6): e dá ainda ao *swastika* o nome popular de *roseta*, que somente depois (Tom. I. 1888. n. 4) considera realmente como symbolo do culto solar do divino *Surya* dos hymnos do *Rig-Veda*, e conjunctamente do culto do fogo *Agni*, que é como emanação celeste caida do firmamento sobre a terra, ou divinamente procreada na terra com tendencia para o firmamento.

E foi talvez só então, que no espirito prescrutador do sr. Borges de Figueiredo calaram fundas as reflexões de Gaidoz, (Le Dieu Gaulois *du Soleil et le Symbolisme de la roue*).

Um dos cippos transmontanos allusivo a MAECIO CORNELIO, descreve-o a *Revista Archeologica* na pag. 90; e descreve o outro allusivo a FLAO, FESTI F(*ilio*), na pag. 92.

Do *swastika* do culto indiano, em concomitancia com a cruz do culto christão, acha-se na mesma *Revista* um especimen muito curioso, (Tom. I. 1887. n. 2 Est. VI n. 1); e descreve-o na pag. 25 § V.

Pela curiosidade lapidaria d'este cippo de Tuy na Galliza, allusivo ao somno obituario d'uma christã com o nome de MODESTA, folgamos de o reproduzir aqui em zincographia:

O distinctissimo epigraphista allemão, o sr. dr. Emilio Hübner, referindo-se á lapide ARQVIVS nas *Noticias Archeologicas* (versão do sr. Soromenho, pag. 70), diz haver na copia inexacta do Padre Argote dois SS na 4.ª linha, em que o *segundo* não se explica.

Ora como n'essa lapide estão claramente gravados os dois S.S.; e cada um com o ponto final no meio, como era d'uso romano; parece-nos por esse motivo, (salva respeitosamente opinião tão auctorisada), que não deixará de ter uma explicação plausivel o segundo S.

Leva-nos a isso o exame comparativo de lapides sepulchraes da nossa Peninsula, de que temos conhecimento.

No Castello de Truxillo, na Hespanha, achou-se em 13 de Maio de 1795, uma lapide sepulchral com o theor seguinte:

BOVDIN
NA.CA(*ii*)
AM.F.H.S.

E' este o texto por extenso:
Boudina, Ca(*ii*) (*filia*): Am(*icus*) F(*ecit*) H(*oc*) S(*epulchrum*).

No H e S da lapide ARQVIVS, parece-nos vêr, por isso, o *Hoc Sepulchrum;* e no segundo S o frequentissimo *Sibi* das lapides funerarias exclusivamente pessoaes, da nossa Peninsula.

Em Finestres, (Sylloge, Classe 6. n. 83), achamos uma inscripção de Lerida, na Hespanha, que diz o seguinte:

AFRANIA
L.L
CRHOCALE
S

No texto por extenso diz-se :

Afrania Chrocale, Liberta de Lucio, (*erigiu*) para si; sendo de notar que o canteiro (*lapidario*) transpoz no principio as lettras CRH, do que ha numerosos exemplos.

Na mesma povoação de Truxillo foi descoberta outra lapide, que passamos a copiar :

OVTIA
ISALI.F.
LXII.S.

Em vulgar diz-nos esta lapide :

Utia, Filha de Isalo, (de sessenta e dois annos de edade), *erigiu* para si.

Parece-nos ainda assim; que bastaria para explicação do segundo S., como SIBI, o seguinte uso frequente na epigraphia romana :

H.S.H.N.S.

H(*oc*) S(*epulchrum*) H(*eredes*) N(*on*) S(*equitur*).

Pois se o sepulchro não podia servir para os herdeiros, claramente se infere, que serviria apenas para quem o fazia: (SIBI).

SALVIVS ATHICTVS

A' ESQUERDA da lapide BLOENA, acha-se outra em posição transversa, tendo 0,28 d'alto e 0,73 de largo.

Está mencionada no Padre Argote, (MEMORIAS, T. I. n. 426), copiada do modo seguinte:

D:: SALVIUS
ATHICTUS
AN XVIII.S.T.T.L.

e dá-se-lhe alli esta versão:

«Aqui jaz Decio Salvio Athicto, que falleceu de dezoito annos: seja-te a terra leve».

No mesmo Padre Argote, (DE ANTIQUITATIBUS, L. III c. X. n. 9), deu-se a seguinte copia, mas em desharmonia com a primeira:

D. SALVIUS
ATHICTUS
ANN XVIIII SETTL.

e é esta a transcripção que se lhe dá:

«Decimus Salvius Athictus, annorum undeviginti, hic situs est: sit tibi terra levis».

Conforme a photographia que fizemos tirar, podêmos garantir, que é o seguinte o que diz a inscripção:

D. SALVIVS
ATHICTVS
AN.XVII.H.S.E.S.T.T.L

Vê-se portanto, que a versão respectiva não póde concordar com nenhuma das duas do Padre Argote.

O que ella diz é o seguinte:

Decimo Salvio Athicto, de desesete annos de edade, aqui está sepultado: seja-te a terra leve.

O prenome Decimo era pouco usado em nossa Peninsula nos tempos da dominação romana; e costumavam substituil-o geralmente, com erro, pelo prenome Decio.

Com este prenome Decimo, diz-se nas *Instituciones Antiquario-Lapidarias* de Zaccaria. versão de Casto Gonzalez, pag. 66—que era designado o que nascia em decimo logar: allegando-se a auctoridade de Varron (De Lingua Latina, Livr. VIII. Cap 38).

*

Nos tempos do Imperador Domiciano, acclamado no anno 81 da Era Vulgar, e assassinado 15 annos depois, introduziu-se a liberdade de dar aos sobrenomes romanos a terminação em IVS, propria dos nomes gentilicios.

E' por isso que são posteriores a esses tempos as inscripções, em que apparecem os sobrenomes SALVIVS, TERTIVS, e outros similhantes como IVLIVS.

Conhece-se por esta circumstancia não ser anterior ao governo imperial de Domiciano a nossa inscripção bracarense.

O nome ATHICTVS nem sempre se acha escripto com TH.

N'uma inscripção romana de Porcuna, em Hespanha, consagrada ao deus ENDOVELLICO, acha-se escripto ATICTO sem H:

E.S.
P.MANIL.ATICTVS
V.S

Por extenso:

E(*ndovellico*) S(*acrum*): P(*ublius*) Manil(*ius*) Atictus V(*otum*) S(*olvit*).

A villa de Porcuna, em territorios provinciaes de Jaen na Hespanha, é a representante da antiga *Obulco* da dominação romana, aonde Julio Cesar chegára de Roma em 27 dias, quando se dirigira ás Hispanias contra os filhos de Pompeu; como se acha indicado em Fr. Henrique Florez, (Medallas de España, Tom. II. pag. 497).

*

Ao lado da lapide ARQVIVS, encontram-se ainda tres fragmentos lapidares *ineditos*, bastante mutilados.

Eis o primeiro:

Apenas se reconhece ser consagrado a pessoa fallecida com setenta annos de edade; sendo para suppôr que antes do E da ultima linha estivessem as siglas H. S.

No segundo fragmento, nada podêmos apurar. Eil-o·

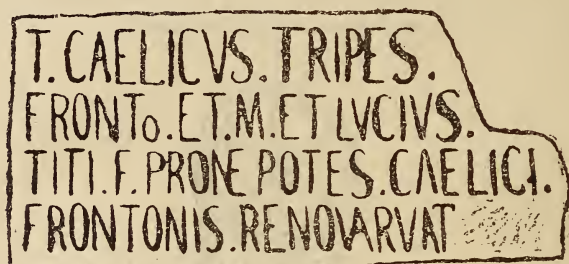
O terceiro fragmento, que não deixa de revelar importancia, vae aqui zincographado:

Sò por conjectura completamos em parte a inscripção; e sendo essa conjectura plausivel, deverá lêr-se o seguinte:

*ca*ELICA
*ce*LTICI
*cala*DVN
.....VN

Por extenso:
Caelica, Celtici *(filia)*, Caladunensis......
Não se poderá julgar inacceitavel a conjectura CAELICA, tendo havido CAELICVS em Braga,

conforme se vê d'uma lapide romana existente no atrio murado da capella de S. Sebastião das Carvalheiras, (sobre um cippo milliario dedicado ao Imperador Cesar Marco Aurelio Carino), para nos limitarmos a um exemplo apenas.

Esta lapide vem assim zincographada com todo o escrupulo em nosso livro—Inscripções e Lettreiros da cidade de Braga :

Reprodusimol-a n'este logar, por não ser fiel a seguinte copia, que o Padre Argote nos dá nas suas Memorias, (Tomo I. n. 413):

I.CAELICUS.....IPES
FRONTO FIL:I: * EI * LUCIUS
TITI * F * PRONEPOTES CA
ELICI *
FRONTONIS * RENOVARUNT

Nas Noticias Archeologicas, (versão do sr. Soromenho, pag. 75), tambem esta inscripção discorda um pouco do que está gravado na pedra :

T.CAELIVS * IPIPES
FRONTo ET * M * ET * LVCIVS *
TITI * PRONEPOTES * CAELICI *
FRONTONIS * RENOVARVNT

XXXV

Os *coraçõesitos*, que vão representados por **, já nem pelo tacto se percebem.

Com rasão o snr. dr. Emilio Hübner nas Noticias Archeologicas, (pag. 70), diz serem assim as lapides romanas bracarenses:

«Gravadas sem arte e não profundamente, em granito pouco consistente; sendo por isso necessario, ainda a um observador exercitado, examinal-as com particular cuidado; para conhecer os caracteres escriptos».

Na Sylloge de Finestres (Classe II. n. 28) acha-se uma inscripção com numerosos *coraçõesitos*, dedicada pelo senado Barcelonez ao Imperador Cesar Marco Aurelio Claudio, cognominado o Gothico; e erecta nos primeiros mezes do anno 269 da Era Vulgar, por então exercer este Imperador o Consulado II, sem ter ainda completado o primeiro anno do Podêr Tribunicio.

A nossa leitura do fragmento CAELICA é portanto a que melhor se póde alvitrar, sem receio de nos transviarmos como tem succedido a outros mais praticos do que nós.

Muratori, por exemplo, no seu Novus Thesaurus *Veterum Inscriptionum*, (pag. 22), dá uma interpretação injustificavel á seguinte inscripção romana clarissima, encontrada em Caldes de Cataluña em Hespanha, e dedicada a Apollo por Lucio Minicio Aproniano, Tarraconense, da tribu Galeria, conforme em testamento fôra ordenado por elle—T(*estamento*). P(*oni*). I(*ussit*):

APOLLINI
L.MINICIVS
APRONIANVS
GAL.TARRAC
T.P.I.

Pois apesar de toda a clareza epigraphica, ainda assim deu Muratori a significação GALLECVS a GAL, não se lembrando que só a sigla GALL (com dois LL) é usada para a palavra *Gallecus*.

Consta do *Itinerario de Antonino*, que a dezoito mil passos de distancia (4 leguas e meia) de Aquas Flavias (Chaves) existia a povoação *Caladunum*, na via militar que de Braga sahia para Astorga,

Pelas averiguações topographicas do Padre Argote, (Memorias Tom. I. n. 517), estava situada esta povoação no logar das Gralhas, a que o povo chama a *Ciada*; e conseguintemente não a grande distancia de Mont'alegre.

Não é por isso difficil de se acreditar, que uma oriunda de *Caladunum* viesse a fallecer em Braga, e tivesse n'esta cidade a lapide sepulchral respectiva.

*

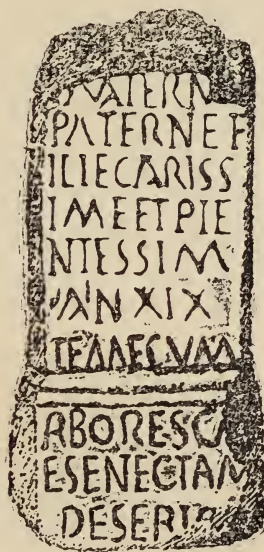
B

São *4* as lapides com que deparamos no quintal do palacete do fallecido sr. Fernando Castiço, escriptor distincto; e auctor da Memoria Historica do Centenario da edificação do Templo do Sanctuario do Bom Jesus do Monte.

Refere-se uma d'ellas a MATERNA, outra a SVLLIA, outra a VIBIA, e outra a ALBVRA, sendo todas *ineditas* com excepção da ultima.

XXVII

MATERNA

Com o fim de estudarmos detidamente esta lapide de altissima importancia, e que tem 0,88 d'alto e 0,34 de largo, mandamos photographal-a, passando-a depois a zincographia, como se vê da seguinte copia:

Matern(*a*), Paterne Filie Carissime et Pientessime, Ann(*orum*) undeviginti.
Te Mecum Arboresc(*ent*)e Senectam Deseru(*isti*)

Em vulgar:

Materna (*consagra*) a Paterna, Filha Carissima e Piedosissima, fallecida aos dezenove annos de edade.

*

A exclamação d'esta lapide é de tão difficil interpretação, que chegamos a encontrar divergencias entre auctoridades latinistas.

A' primeira vista, pareceu-nos dever ler-se ADORESCENTE; mas o exame reflectido deixa entrever no inicio da palavra immediata a MECUM, não a lettra A isolada, mas em sigla com o R.

A photographia, que fizemos tirar, não parece dever levar-nos a outra conclusão.

O supposto A isolado é differente de todos os mais da lapide: ao passo que tem total similhança com os RR, que alli se encontram gravados, e aos quaes fosse dada a travessa horisontal dos AA.

N'este presupposto, significa em vulgar a mesma exclamação:

—Tu, que a meu lado foste crescendo como um arbusto, desamparaste-me na velhice!

Não era natural que a *mãe*, qualificando de *carissima* e *piedosissima* sua *filha*, lhe mandasse gravar na lousa tumular uma exclamação, dizendo que desamparára a *mãe* por se aborrecer da sua velhice!

Termina pois esta lapide com uma affectuosa sentença funeraria, á similhança d'outras em que não é escaça a epigraphia romana.

No SANCTUARIO MARIANNO, (TOM. IV. pag. 693), transcreve Frei Agostinho de Santa Maria, como final d'uma inscripção funeraria de Condeixa, existente n'um lanço da torre da egreja parochial, a exclamação seguinte:

DIC.ROGO.QVI.TRANSIS.
SIT.TIBI.TERRA
LEVIS.

Em Gaspar Barreiros (Chorographia, 49) lembra-se uma inscripção de VALERIA FVSCILLA ao filho VALERIO AVITO; transcripta em Frei Henrique Florez, (España Sagrada, Tom. XIV. pag. 65); e referente á antiga Conimbrica, em cujo fecho achamos estes dois sentenciosos versos:

VIXI.TERDENOS.ANNOS.SINE.CRIMINE.VITAE.
VIVITE.VICTVRI.MONEO.MORS.OMNIBVS.INSTAT.

Lembraremos emfim a sentença d'uma lapide de Tarragona (Hespanha):

NON.FVI
DEINDE.FVI
MODO.NON.SVM

As MATERNAS e os MATERNOS, assim como as PATERNAS e os PATERNOS, apparecem frequentemente nas inscripções romanas.

A palavra PIENTESSIME em logar de PIENTISSIMAE, substituindo os II por EE, é muito vulgar na epigraphia romana.

Tomaremos um exemplo no Padre Tragia, (Apparato. Tom. II. pag. 138 a 139):

D.M.
VALERIO.II
BERO.VALER
IA.LEOLONINA
COIOGI(s)MER
ENTES(s)EM
O.ET.LIBERI
O.FILIO.KAR
ESSEMO FE
CET
D.S.

Quer isto dizer por extenso :

Diis Manibus. Valerio Ebero Valeria Leolonina, Coiogis, Merentessemo Et Liberio Filio Karessemo Fecet De Suo.

Apparecem-nos aqui dois II na segunda linha, em logar d'um E:

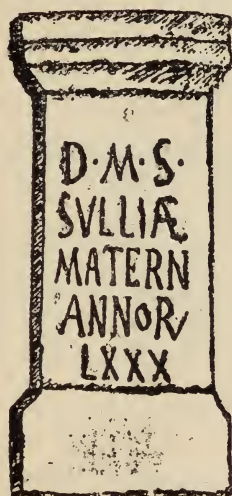
Apparece MERENTESSEMO, CARESSEMO, e FECET em logar de *merentissimo*, *carissimo* e *fecit*.

Por isso em vernaculo significa:

Aos Deuses Manes. Valeria Leolonina, Conjuge, (*erigiu*) á sua custa a Valerio Ibero muito benemerito, e a Liberio, filho queridissimo.

XLI

SVLLIA

No mesmo quintal, e ao lado da curiosissima lapide MATERNA, acha-se outra egualmente *inedita*, que tem 0,80 de alto e 0,30 de largo, cujo texto é o seguinte:

Por extenso:

Diis Manibus Sacrum Sulliae Maternae, annorum octoginta.

Em vernaculo:

Consagrada aos Deuses Manes de Sullia Materna, de oitenta annos de edade.

Não é vulgar na epigraphia romana, da nossa Peninsula, o nome SVLLIA.

Era de longa edade a fallecida, a quem fôra consagrado o monumento; mas ha ainda exemplos de edades bastante mais adiantadas.

No Padre Argote (Memorias I. n. 425) acha-se a inscripção seguinte:

ADRONUS
CATURONI
F.Ɔ.CIE AN
H.S.E.

A esta copia acrescenta o mesmo Padre Argote:

«Esta inscripção não se entende bem, assim por estar quebrada, como porque tem alguns breves não mui usados».

Parece-nos todavia, que o texto lapidar é o seguinte:

Adronus, Caturoni F(*ilius*), C(*entum*), Ci(*rcit*)e(*r*) an(*norum*), H(*ic*) S(*itus*) E(*st*).

Em vernaculo:

Adrono, Filho de Caturon, de cêrca de cem annos de edade, aqui está sepultado.

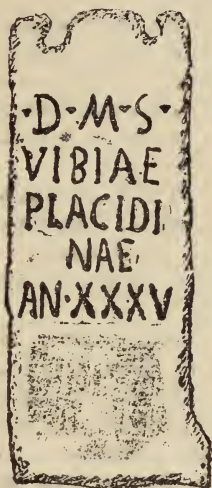
Mas o exemplo de maior longevidade, de que temos noticia na epigraphia romana, é o que encontramos no Ami de la Religion (1861, 29 de janeiro, pag. 252):

D.D.
C.IVLIVS
PACATVS
V.A.
CXX

O texto por extenso d'esta inscripção da antiga Numidia, descoberta nas origens do Bou-Marzoug por Cherbonneau, secretario da Sociedade Archeologica de Constantina, é o seguinte:

Diis. Caius Iulius Pacatus Vixit Annos Centum et Viginti.

VIBIA

Ainda no mesmo quintal, e ao lado da lapide SVLLIA, acha-se outra, tambem *inedita*, com 1,05 d'alto e 0,29 de largo, e que é a seguinte:

Por extenso:

Diis Manibus Sacrum Vibiae Placidinae, Annorum Triginta quinque.

Em vernaculo:

Aos Deuses Manes de Vibia Placidina, de trinta e cinco annos de edade.

Para Thomaz Reinesio (Syntagma Inscriptionum Antiquarum omissa in vasto Gruteri Opere), considera-se VIBIA como prenome de mulher.

Em Fabretti (Inscriptionum Antiquarum Explicatio, pag. 34) parece ter-se este prenome como cousa ridicula.

Não é porêm assim; pois além de serem conhecidas, em 1844, umas 70 medalhas consulares com este nome, sabêmos de mais d'uma inscripção, estranhas a Braga, em que figuram VIBIAS.

Lembraremos duas do nosso paiz:

Em Povos, entre Santarem e Lisboa, uma VIBIA CHRISPIA, natural de Hierabrica, em lapide sepulchral sua.

Em Lisboa, nas costas da egreja de S. Thiago, uma VIBIA MAXIMA, avó de LVCIO GAVLIO MARINO, filho de Maria Procula.

Menciona a lapide respectiva D. Antonio Caetano de Sousa no AGIOLOGIO LUSITANO (Tom. IV. pag. 120); e d'ahi a transcrevêra Manuel Gomes de Lima Bezerra nos ESTRANGEIROS *no Lima* (Tom. I. pag. 196).

D'esta ultima VIBIA do nosso paiz, mencionada primeiramente em D. Rodrigo da Cunha, (HISTORIA ECCLESIASTICA de Lisboa, 1642, pag. 15), dá este illustre Prelado uma versão, que não condiz com o texto :

«Deu esta dadiva a Lucio Gaulio Galerio Marino, almotacel, seu filho Lucio, e sua avó Vibia Maxima, e sua mãe Maria Procula, contentes com as honras que tinham: foi feita á sua custa».

E' por isso que damos aqui o texto epigraphico em contraprova, desfazendo as *siglas* em minusculo :

D(*onum*).D(*edit*).
L(*ucio*).GAVLIO.L(*ucii*).F(*ilio*).
GAL(*eria*) (*tribu*).MARINO
AEDILI.
VIBIA MAXIMA.
AVIA.ET.
MARIA PROCVL(*a*).
MATER.HONOR(*ibus*).
CONTENTAE.
D(*e*).S(*ua*).P(*ecunia*).

Lembraremos quatro Vibias da Hespanha:

Em Osuna, uma VIBIA TROPHIME, em inscripção consagrada a APOLLO.

Em Lora, uma VIBIA LOCANA, em estatua erigida a FABIA FIRMA, herdeira do Duumviro CAIO FABIO VIBIANO.

Proximo de Cuenca, uma VIBIA RVSTICANA, em estatua consagrada ao imperador Tiberio Claudio.

Em Cadix, uma VIBIA GALLECA, em lapide sepulchral sua.

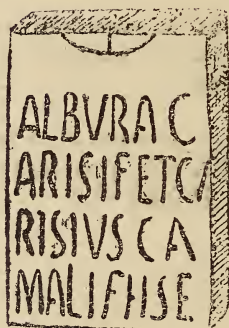
Em Pisa, na Italia, uma VIBIA THISBE, em lapide consagrada ao marido MARCO VLPIO, liberto do Imperador Trajano, secretario seu de cartas latinas, e *verna* por haver nascido na casa imperatoria.

Com relação ás desinencias de sobrenomes em ANVS, só começaram a vulgarisar-se no quarto seculo christão; sendo derivadas dos gentilicios em IVS.

Foi assim, por exemplo, que de AEMILIVS, CLAVDIVS, e IVNIVS, provieram AEMILIANVS, CLAVDIANVS e IVNIANVS.

ALBVRA

Junto das tres lapides anteriores, está outra tambem funeraria, que tem 0,50 d'alto e 0,44 de largo.

Eil-a:

Encontramol-a publicada a primeira vez pelo distincto archeologo d'esta cidade o sr. dr. Pereira Caldas, no periodico mensal *Alvorada*, n.º 3, relativo a 1 de Agosto de 1885; e reproduzida depois em opusculo, juntamente com outro artigo inserto no *Commercio do Minho*, de 8 de Setembro do referido anno, em transcripção do semanario bracarense *A Abelha*, n. 3.

Era este ultimo artigo concernente a uma nova divindade luso-romana; motivo porque vamos reproduzir do mesmo opusculo a parte essencial:

«Em 28 de Agosto findo, achou-se aqui em Braga uma *lapide romana*—entre uns entulhos d'um cano d'esgôto—ao lado da egreja matriz de S. João do Souto, e defronte da *Direcção Geral* das obras publicas do districto».

«E' uma lapide *inedita* ainda—e duplamente valiosa, por isso mesmo—para a historia da epigraphia romana em Braga».

«Eis aqui o contexto lapidar d'esta *columneta emoldurada*—com 0,64 de altura, 0,24 de largura central, e 0,29 nas duas bases—tudo em fórma regularmente quadrangular, e com engaste no cimo para uma divindade:

FROVIDA(*e*)
SACRVM
MATERNVS
FLACCI
EX VISV
V. S. L. M.

«Eis aqui a licção corrente d'esta inscripção, em que formam uma sigla de ligação, na linha terceira, o T e o E de MATERNVS:

«Frovidae. Sacrum. Maternus. Flacci (*filius*). Ex. Visu. V(*otum*). S(*olvit*) L(*ibens*). M(*erito*).

«(*Monumento*) consagrado a Frovida: Materno, filho de Flacco—em virtude d'uma visão—de bom grado cumpriu este voto».

Não sabemos onde hoje pára esta lapide votiva, que fôra recolhida na Direcção das Obras Publicas do Districto.

Cremos porêm que não esteja perdida, por isso que d'ella tomára conta o illustrado escriptor o snr. Alfredo Campos.

*

A'cerca da lapide Albura, diz o snr. dr. Pereira Caldas o seguinte no já citado *opusculo:*

«Ao numero das lapides romanas de Braga, conhecidas dos epigraphistas no paiz e fóra d'elle, uma sepulchral addiremos hoje, de que está de posse o nosso amigo Fernando Castiço, amador illustrado n'esta capital do Minho.

«Achou-se esta lapide ha poucos annos, ao abrir-se aqui uma nova rua, entre o antigo *Campo da Vinha* e o agora novo *Campo da Alfandega*».

«Com a ponctuação respectiva, suggerida pelo conjuncto relativo das lettras, eis aqui a inscripção alludida, como devêra sair das mãos do canteiro lapicida:

ALBVRA.C
ARISI.F.ET.CA
RISIVS.CA
MALI.F.H.S.E.

«N'esta forma agora, nada mais facil ha, que a decifração epigraphica da mesma inscripção:

«Albura, Carisi(*i*) filia, et Carisius, Camali filius, hic sita est:

«Albura, filha de Carisio—e Carisio, filho de Camalo—aqui está sepultada».

Em todo o paiz não conhecemos mais do que outra lapide com o nome ALBVRA; e é relativa a Collipo (Leiria).

Vamos copial-a das *Portugaliae Inscriptiones Romanae,* coordenadas pelo snr. dr. Levy Maria Jordão, para comparação com a lapide bracarense:

D.M.
ALBVRAE
TITI.F.
DVTIA
AVITI F.
MATER
F.C.

Diis Manibus Alburae, Titi Filia, Dutia, Aviti Filia, Mater, Fieri Curavit.

Versão em portuguez:

Ducia, filha de Avito, Mãe, mandou erigir (*lapide*) aos Deuses Manes de Albura, filha de Tito».

O nome CARISI da nossa lapide ALBVRA deve ter dois II, e não um só, como claramente se vê na photographia que possuimos, e cuja copia vae no principio zincographada.

*

Em analogia com o nome pessoal ALBVRA transcreveremos duas lapides romanas do Corpus das Inscripções Peninsulares, do sr. dr. Emilio Hübner, copiadas sob os n.os 551 e 1294:

D. M. S.
DOC.QVIRICVS.VITA
LIO.ANN.LXV.H.S.T.T.L
ALBANA.SABINA.MA
RITO.OBSEQVENTISSI
MO.ET.AMICIS.DVLCIS
SIMVS.CVM.QVO.VICSI
ANN.XXXVIII.PINTA.MEVS
ANIMA.OPTIMA

L

L.ACILIO.QVIRINA
ALBANO.F.HVIC
EX.CONSENSV
POPVLI.CONOBA
SA///AM.PONI.PAQVIT
PAMILIA.LVCI......
MATER.I(*mpens*)
AM (*remisit*)

*

Como esta lapide se refere á familia dos CAMALOS, tam salientes nas ruinas da Citania de Briteiros, damos aos leitores os esclarecimentos e indicações seguintes, que devemos á preciosa amisade do sr. dr. Martins Sarmento:

«As inscripções do museu, com o nome de CAMALO, são todas da Citania:

Padieira d'uma porta com o simples nome CAMAL, (os *aa*, o *m*, e o *l* ligados):

N'outra padieira CORONERI CAMALI DOMVS;

N'uma lage: CORV ABE MEDAMVS CAMALI (a palavra CORV pouco clara nas duas ultimas lettras, e tão inexplicada até hoje como a palavra ABE):

N'uma pedra tosca e grande: CRON CAMALI:

N'outra pequena e faceada, CAMALI:

N'outra muito pequena, e que parece ter servido de pedra d'amolar:

CAMALI DOMI CATVRO.

(Aqui *domus* parece ter o significativo de familia: acima—o de casa, edificio).

«Ha mais em barro, na bocca ou bojo de vasilhas, umas poucas de marcas com os nomes de ARG CAMALI.

«As lettras são sempre *ligadas*, como no primeiro exemplo».

«No *Corpus Inscriptionum*, vol. II, não faltam tambem inscripções com o nome de Camal».

*

A uma interrogação, que tivemos o prazer de lhe dirigir, respondeu-nos ainda o sabio vimaranense:

«Com respeito ao nome CAMALVS, não ha duvida nenhuma, que nem é grego, nem romano.

«Os celtistas tem-n'o como *celtico;* eu como *pre-celtico.*

«Apparece na Inglaterra e Irlanda, na França, e na Hespanha. Era um nome de DEUS e um nome de HOMEM.

«Como *deus* tem sido equiparado a Marte; e não por simples conjectura, mas em face d'inscripções, que não deixam a questão duvidosa.

«Nas inscripções da Citania apparece um CAMAL e dois filhos.

«Apparece alem d'isso o nome de CAMAL associado com gravura n'um penedo:

e quer-me parecer que este nome aqui é o do *deus.*

«Na India encontra-se uma gravura identica:

chamada *Mahadeu,* e consagrada ao deus Siva, que era tambem o Marte d'aquelle PANTHEON.

«Eu teimo que os Celtas não tiveram entre nós,

é em toda a Europa, senão o papel de barbaros; e que, quando entraram na Lusitania, havia todos os nomes, que os linguistas chamam celticos, incluindo o de Camal».

*

No Padre Argote, (De Antiquitatibus, Livr. III, Cap. XII, pag. 259 e pag. 266), acha-se copiada uma inscripção romana, que estivera no logar de Cambella, donde foi levada para Friães, estando alli a servir de degrau na escada d'uma casa de João Pereira, em tempo do Bispo d'Uranopolis, D. Luiz Alvares de Figueiredo, coadjutor do Arcebispo D. Rodrigo de Moura Telles (1704 a 1728).

Era um cippo muito bem lavrado, em que se via insculpida a effigie d'um homem com o rosto dentro de circulos, e um escudo por baixo.

Seguia-se a este escudo a inscripção, que mal copiára em parte o Padre Argote:

CAMALVS
MIBOIS.LIM
IVS.SLIVAIR
H.S.IVL

Não tem explicação plausivel o SLIVAIR, que o Padre Argote diz tambem não perceber, a não o suppormos estropiamento de SILVANVS, por vêrmos no mesmo Padre Argote (pag. 287 e pag. 290) um exemplo bracaraugustano do nome SILVANVS, n'uma lapide encontrada na parede do extincto convento benedictino de Santo Thyrso, nas margens do rio Vizella.

Tinha esta lapide insculpidas umas aguias, (insignias dos estandartes das legiões romanas desde *Mario*, emulo obstinado com Sylla na rivalidade), conjuntas com uma dedicação de Lucio Valerio Silvano, soldado da Legião VI, Vencedora, VIC(*trix*), P(*ia*), F(*elix*); e de que o Padre Argote copiára VIXIT em logar de VIC.P.F., pelo modo seguinte:

LIII

L.VALERIUS.SILVANUS
MILES.LEG.VI.VIXIT
VIRIATO

Vamos d'accordo n'esta decifração com o distincto archeologo d'esta cidade, o sr. dr. Pereira Caldas.

No *Viriato* havia para o Padre Argote um *companheiro de Lucio*, a quem por elle lhe fosse feita a dedicação.

Mas na lapide hoje existente em Guimarães, no *Museu Sarmento*, é o deus TVRIASO o que o *Viriato* dá.

Deve então ser o texto por extenso da inscripção de Friães:

Camalus Mibois Silvanus, Limius, Hic Situs (*est*), (*annorum*) Quattuor de quinquaginta.

Em D. Antonio Pons, (*Viage en España*), ha uma lapide de Merida, dedicada a Lucio Melonio Apro, que militára como Beneficiario do Consul (protegido do Magistrado por serviços de confiança) n'esta Legião VI, a qual auctorisa a *restituição* na má copia da de Santo Thyrso.

Não são vulgares as fórmas de numerações como IVL em logar de XLVI e XXXXVI; mas alguns exemplos se encontram em inscripções romanas.

Nos Anales *del Reyno de Valencia* (Tom. I. Livr. III. Cap. XXXV), dá-nos o seu auctor *Diago* o exemplo de XXIIX, em logar de XXVIII, n'uma inscripção de Benaguacir, e que *Cecilia Artemis* endereçára á filha *Grattia Crispina*, e ao marido *Caio Grattio Polynico*, em sepulchro para todos tres:

D.M.
GRATTIAE.C.FILIAE
CRISPINAE.AN.XXIIX
CAECILIA.ARTEMIS
FILIAE.PIISSIMAE
ET.C.GRATTIO.POLYNICO
AN.LXX.MARITO.OPTIMO
ET.SIBI

Ainda no Padre Argote, (MEMORIAS, Tom. I. n. 482), achamos copiada outra inscripção de CAMALVS, encontrada n'uma veiga em Chaves entre Pastoria e Casas Novas, e guardada depois no logar de Vinhó.

Foi mal copiada por Thomé de Tavora e Abreu, secretario do exercito na provincia de Traz-os-Montes, e erradamente publicada pelo Padre Argote.

E' esta a inscripção:

CAMALVS
BVRNI.F
HIC.SITVS
EST.ANNOR
HI.E'FS.ƆTARBI
FRATER FACIE
NIV CVRAVIT

Camalus, Burni F(*ilius*), Hic Situs Est, Annor (*um*) Triginta, ET F(*ere*) S(*emis*): C(*aius*) Tar(*quinius*), B(*urni*) F(*ilius*), Frater, Facien(*d*)u(*m*) Curavit.

Dá-lhe o Padre Argote esta versão:

«Aqui jaz Camalo, filho de Burno, que morreu de trinta e tres annos: e seu irmão lhe mandou fazer esta sepultura».

Como se vê, os CC ás avessas, ƆƆ, não são simplesmente sigla do prenome CAIA, como quer Fabretti (INSCRIPTIONES, pag. 32).

Tambem ás vezes são sigla de CAIVS.

Do prenome CAIA, com C ás direitas, daremos um exemplo d'uma inscripção de Iecla, em Murcia, na Hespanha, publicada por D. João Lozano, (BASTITANIA, Dissertação III. § 19), referente a *Caia Festa*, que viveu cincoenta annos:

C. FESTA
AN. L. V(*ixit*).
H. S. E. S. T.
T. L.

*

Na cangosta dos Falcões, aqui em Braga, acha-se cravada na parede da enfermaria do Hospital de S. Marcos uma lapide quadrangular, com 0,72 de comprido e 0,32 de largo, referente a um filho d'um CAMALO.

Eis a copia que podêmos apurar:

REBVRRVS CaMAL
AV...S..NVS
XXX

Na linha 2.ª parece-nos entrever um A *siglado* com V; e mais adiante um S alarado, talvez a pição, quando a lapide foi encontrada n'aquelle sitio, por occasião de se construir a referida enfermaria.

N'esta presupposição teremos AVGVSTANVS n'essa linha 2.ª, e teremos na lapide por extenso:

Reburrus, Camal(*i*) (*filius*), Augustanus, (*Annorum*) Triginta, (*Hic Situs Est*).

Do adjectivo AVGVSTANVS, com equivalencia a BRACARAVGVSTANVS, temos um testimunho epigraphico ao pé da porta, (como costuma dizer-se), descoberto em 1855 na parochia suburbana de S. Martinho de Dume: e tambem n'elle se menciona um CAMALO.

Transcrevemos das *Noticias Archeologicas* do snr. dr. Emilio Hübner, (Versão do snr. Soromenho, pag. 75), a referida inscripção:

(*ca*)MALO.MELG(*acci*)
(*fili*)o.BRACARA
VGVSTANO
(*s*)ACERDOTI
(*ro*)MAE.AVG.CaESA(*rum*)
CoNVENTVS
(*a*)VGVS(*tanus*)

As lettras d'esta lapide, (conforme o sabio epigraphista allemão), assimilham-se ás da epocha do Imperador Vespasiano, acclamado no anno 69 da Era Vulgar, e fallecido 10 annos depois: o que deixa presumir plausivelmente quaes os Cesares da inscripção.

Lembra por isso ou o filho Tito, do mesmo Vespasiano, associado ao seu imperio no anno 71 da Era Vulgar, até ficar imperador unico passados 8 annos; ou então o Imperador Domiciano d'execranda memoria, acclamado no mesmo anno 81 da morte de Tito, e 15 annos depois assassinado.

Termina o snr. dr. Emilio Hübner com uma advertencia valiosamente auxiliadora para nós no AVGVSTANVS do REBVRRVS:

«Não é para admirar, que o *conventus juridicus* (BRAGA) seja appellidado unicamente AVGVSTANVS e não BRACARAVGVSTANVS».

Que fosse *bracaro* (AVGVSTANVS) o REBVRRVS da lapide, nenhum obice nos offerece a presumpção; pois havia oriundos da jurisdicção de Braga, na dominação romana, os *Reburros* em altos cargos do estado.

No Padre Argote, (MEMORIAS, Tom. I. n. 414), achamos lembrado Marco Valerio Pio Reburro, filho de Lucio, da Tribu Quirina, natural da jurisdicção de Braga, honrado com todos os cargos honorificos do estado, a quem dedicára uma estatua a Provincia Hispana Citerior.

Eis a inscripção respectiva, descuidadamente copiada no Padre Argote, e transcripta de Gruter (INSCRIPTIONES, pag. 480):

M(*arco*).VALERIO.PIO.REBVRRO.
L(*ucii*).F(*ilio*).(*ex tribu*) QUIR(*ina*).
EX. (*convento*).BRACARAVG(*ustano*).
O(*mnibus*).H(*onoribus*).IN.RE(*publica*).S(*ua*)
F(*uncto*)
P(*rovincia*).H(*ispana*).C(*iterior*)

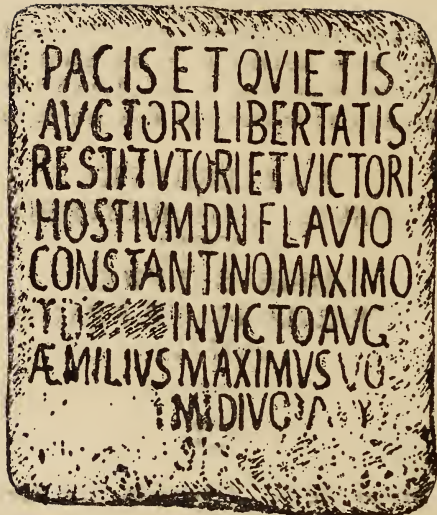
Analoga a esta inscripção tarraconense é ainda outra, talvez de personagem parente, com o sacerdocio d'*Augur* no adivinhar os prognosticos do vôo e do canto das aves, como os *Aruspices* o faziam pela inspecção das entranhas dos animaes dos sacrificios:

M.VALERIO.PIO
SEX(*ti*).F.QVIR.REBVRRO
AVGVRI
OMNIBVS.HONOR.
IN.R(*e*)P(*ublica*) S.FVNC
P.H.C.

C

No Campo de S. Sebastião das Carvalheiras, por occasião da visita da familia Real a Braga, em 27 de Novembro de 1891, descobriu-se n'um desaterreamento, fronteiro ao palacete do sr. Conde de S. Martinho, uma lapide romana quadrangular, *inedita*, que tem d'alto 1 metro e de largo 0,90.

E' consagrada ao Imperador Constantino Magno, que nascêra no anno 274 da Era Vùlgar; fôra proclamado Cesar e Augusto, no anno 306; nomeado novamente Augusto no anno 307 por Maximiano Hercules, em virtude de ter sido algum tempo antes privado d'esse titulo; reconhecido finalmente Augusto no anno 308, por ter sido reconhecido apenas como filho dos Augustos; tornado protector dos christãos no anno 311; eleito imperador sem companheiro, no anno 323; e fallecido no anno 337, tendo transferido de Roma para Bysancio, com o nome de Constantinopolis, no anno 330, a séde do Imperio Romano.

Fizemos photographar esta lapide, que a acção do tempo deteriorára profundamente, e reduzimol a depois a zincographia na fórma seguinte:

Texto por extenso:

Pacis et Quietis Auctori, Libertatis Restitutori, et Victori Hostium, D(*omino*) N(*ostro*) Flavio Constantino Maximo.........Invicto Aug(*usto*), Aemilius Maximus Vo....mi Divo......

. . . .

Em vernaculo:

A Nosso Senhor (D.N.) Flavio Constantino Maximo...... Invicto, Augusto, Auctor da Paz e Tranquillidade, restituidor da Liberdade, e Vencedor dos Inimigos, (*consagra*) Emilio Maximo......

E' *votiva*, sem duvida, esta inscripção.

Em Gruter (Inscriptiones, Tom. I. Part. I. pag. 159 e 283) achamos duas inscripções muito similhantes a esta.

E' uma d'ellas de Merida e outra de Cordova, ambas na Hespanha.

Em Merida:

LIX

IMP.CAES.
FLAVIVS.CONSTANTIN. AVG.
PACIS.ET.IVSTITIAE.CVLT.
PVB.QVIETIS.FVND
RELIGIONIS.ET.FIDEI.AVCTOR
REMISSO.VBIQVE.TRIBVTO
FINITIME. PROVINC.ITER
RESTAVR.FECIT
CXIIII.

Vê-se d'esta consagração lapidar, como Constantino Magno fôra cultor da Paz e da Justiça, fundador da Tranquillidade Publica, e fautor da Religião e da Fê; e como em todo o Imperio remitira os tributos, e fizera restaurar *vías publicas* até ás provincias extremas.

Esta *via militar*, que o Imperador Constantino restaurára, na distancia de 114 mil passos (48 leguas e meia), era a *via publica* entre Merida e os Pyreneus.

D'esta moderação de tributos proveio a origem do *Edito*, donde começaram a contar-se as Indicções, de que na Curia Romana costumam usar os Notarios Pontificios.

Em Cordova:

FORTISS.ET.INDVLGENTISS
PRINCIPI.DOMINO.NOSTRO
CONSTANTINO.VICTORI
PERPETVO.SEMPER.AVGVSTO
DECIMVS.GEMINIANVS
VIR.CLARISS.CONSVLARIS
PROVINCIAE.BAETICAE
N.M.Q.E.
DICATISSIMVS

Não offerece duvidas o texto d'esta lapide por extenso; e nas ultimas duas linhas declara-se como DECIMVS GEMINIANVS era *dedicadissimo* ao Numen e á Magestade d'elle imperador: (*Numini Maestatique Ejus*).

E vê-se de todas estas inscripções, que deixamos transcriptas, como a este imperador, um dos mais notaveis na serie d'elles, eram tributados agradecimentos pela concessão do livre exercicio da Religião Christã, com permissão de se edificarem templos para o culto dos fieis, erigindo-se Aras d'entro d'elles ao Deus verdadeiro.

*

No Padre Argote, (MEMORIAS, Tom. I. n. 487), transcreve-se uma inscripção de Chaves, em Traz os Montes, com o texto seguinte:

DON.N.CONS
TANTIN.N.B.
CAES

Dedica-se esta inscripção a Nosso Senhor Constantino, Nobilissimo Cesar.

Não declara o Padre Argote, qual o motivo dos Aquiflavienses para consagrarem esta memoria a Constantino; nem tampouco declara, se é ao Constantino pae, ou ao Constantino filho, que esta dedicação fôra feita.

O que elle declara, é ter sido gravada antes do anno 338 da Era Vulgar; porque em Maio do anno anterior começára a imperar o Constantino filho.

Seja porêm como fôr, parece-nos indubitavel que tanto o imperador Constantino, como os filhos

d'elle, receberam sempre dedicações affectuosas dos povos peninsulares, e sobretudo dos *bracaraugustanos*.

Na epreja de S. Pedro de Lòmar, parochia rural suburbana de Braga, accusa o Padre Argote, (Memorias, Tom. I n. 392), uma lapide romana com o teor que lhe transcrevemos:

DI: :V̈
FLAVIO
IULIO
CRISPO
NO B*
CAESS

Foi, como se vê, consagrada ao Divo Flavio Julio Crispo, Nobilissimo Cesar, filho do Imperador Constantino Magno e de Minervina, que não era conjuge.

Obtendo o titulo de Cesar no oitavo anno do imperio do pae, fez-se-lhe perder a vida violentamente, doze annos depois, em 326 da Era Vulgar, como consta de Eusebio, (Chronicon, annos 8 e 20 de Constantino, folh. 83).

Pela consagração DIVO, vê-se ter-lhe sido feita a dedicação não depois da morte; mas ainda em vida do imperador Constantino, conhecedor sem duvida da innocencia do filho em face da accusação maldosa de Minervina, attribuindo ao desditoso Crispo a intenção de macular incestuosamente o talamo do pae.

E' difficil reconhecer, quaes fossem os motivos das affeições publicas dos antigos bracaros para com a familia imperial Constantina.

O que parece mais plausivel, é serem os *bracaros* devedores d'alguma benevolencia a Constantino Magno, natural da Britannia (Inglaterra), onde estava de presidio uma cohorte bracara.

Em Onuphrio Panvinio, (Commentarios da republica romana), achou o Padre Argote uma inscripção relativa a essa cohorte, transcrevendo-a nas Memorias (Tom. I. n. 408), e que reproduzimos aqui:

L.FVRIO.L.F.PAL.VICTORI
PRAEF.PRAE.TRIB.LEGIONIS II.
ADIVTRIC. ⊳COH BRACARVM
IN BRITANIA.

Sem fazermos distincção entre *bracaros* e *bracaraugustanos*, como contra o Padre Argote judiciosamente comprova Frei Henrique Florez (España Sagrada, Tom. XV, 2.ª edição, pag. 86 a 88), vê-se que era esta cohorte presidial a bracara, de que era centurião Lucio Furio Victor, filho de Lucio, da Tribu Palatina, Prefeito do Pretorio, e Tribuno da Legião 2.ª adjutrice.

*

A lapide bracarense, dedicada ao Imperador Constantino Magno, é um dos numerosos testimunhos publicos da affeição geral para com elle, que n'um decurso de dois mezes reparára cuidadoso as calamidades d'uma tyrannia de seis annos.

Entre esses testimunhos publicos avulta notavelmente o *Arco de Triumpho,* que o Senado e o Povo Romano (S.P.Q.R) lhe erigiram na capital do imperio depois da victoria obtida contra o cruel Maxencio, que morrêra affogado em 312 da Era Vulgar no rio Tibre, onde projectava ardilosamente affogar o mesmo Constantino Magno.

Seria uma falta censuravel o deixarmos de transcrever do Benedictino Mauriano Montfaucon, (Antiquité Expliquée *avec figures*, Tom. IV. part. I. Est. CX), a inscripção gravada no alto d'esse monumento augustal:

IMP.CAES.FL.CONSTANTINO MAXIMO
P.F.AVGVSTO S.P.Q.R.
QVOD INSTINCTV DIVINITATIS.MENTIS
MAGNITVDINE.CVM EXERCITV SVO
TAM DE TYRANNO QVAM DE OMNI EIVS
FACTIONE VNO TEMPORE.IVSTIS
REMPVBLICAM VLTVS EST ARMIS
ARCVM TRIVMPHIS INSIGNEM DICAVIT.

Em vernaculo:

«Ao imperador Cesar Flavio Constantino Maximo, Pio, Felix, Augusto, o Senado e o Povo Romano, (pois que por inspiração da Divindade e grandeza d'animo, auxiliado das suas Legiões, vingára a Republica em guerra justa, libertando-a simultaneamente do tyranno e de toda a sua facção), dedicou-lhe este Arco Triumphal Insigne».

N'um dos lados da arcada central gravou-se esta dedicação, (á direita):

LIBERATORI VRBIS
(Ao Libertador de Roma)

No outro lado, (á esquerda):

FVNDATORI QVIETIS
(Ao Fautor da Tranquillidade Publica)

Na inscripção de Braga exaltam-se por egual os altos feitos de Constantino Magno:

PACIS ET QVIETIS AVCTORI
LIBERTATIS RESTITVTORI,
VICTORI HOSTIVM

D

No jardim do palacete do sr. Conselheiro Jeronymo Pimentel, (esquina do Campo das Carvalheiras e rua da Sé), encontramos um marco milliario *inedito,* troncado a toda a altura, lendo-se n'elle apenas o que damos em zincographia, fielmente copiado d'uma photographia que fizemos tirar:

Posteriormente a essa photographia, podémos examinar em toda a volta o milliario, que tem 1,52 de alto e 1,75 de circumferencia; e chegamos ainda a lêr o que de novo aqui reproduzimos:

COS.X	....	C
POTEST	....	I
PONTIF	....	*N*S
PATER.P	....	
TVDE.	....	II

Diz-nos o sr. Conselheiro, que o encontrára ha 15 annos, n'umas excavações do jardim e á profundidade de 2 metros, fazendo parte d'umas construcções antigas, descobertas junto ao muro que facêa com a nova rua de D. Frei Caetano Brandão.

Como este marco seja pertencente a uma das *vias militares* que partiam de Braga (*Bracara Augusta*), vejamos o que eram essas *vias romanas* em geral, e em particular esta, a que a inscripção se refere.

*

As antigas *vias romanas*, abertas atravez de montes e valles desde os ultimos confins do Occidente até os limites extremos do Oriente; e sem desligações ainda com extensas regiões septentrionaes da Africa; foram uma das emprezas mais gigantescas do imperio no mundo então conhecido.

O senado romano mandou fazer para isso a medição dos dominios imperiaes, começando esses grandes trabalhos no consulado de Caio Julio Cesar e Marco Antonio (*Magister Equitum*) no anno 710

da fundação de Roma; e conseguintemente no anno 44 antes da Era Vulgar em que o Cesar assumíra a dictadura perpetua, sendo apunhalado no mesmo anno em pleno senado.

Gastaram-se *trinta e dois annos* em completar essas medições itinerarias, com a respectiva descripção de todas as regiões terrestres, e de todas as ilhas memoraveis.

A nada se poupára a diligencia d'esses conquistadores do mundo, a quem na Eneida (Livr. I. v. 286) appellida o Poeta Mantuano por senhores de tudo (*rerum dominos*): e em toda a parte o mostraram na solidez e magnificencia das *vias publicas*.

Rompiam-se montes, atulhavam-se valles, quebravam-se fraguedos, desbravavam-se florestas, estancavam-se lodaçaes; e lançavam-se pontes nos rios, para que aos viandantes nunca faltassem commodidades nas peregrinações.

E só para isso eram muitas vezes onduladas as *vias romanas*, onde as condições orologicas dos territorios não permittiam tracejal-as a direito, imitando os meridianos e os parallelos das cartas de marear.

Tambem algumas vezes abriram os romanos as *vias publicas* atravez das lombadas das montanhas, como o está testimunhando, em direcção a Napoles, a perfurada rota de Puzzoles (*Crypta Puteolana*).

Foi sem duvida no governo de Caio Octavio Cepias Augusto (ordinariamente só conhecido com os nomes Octavio e Augusto, successor do Dictador apunhalado) que as *vias romanas* começaram a ser *abertas* e *calçadas* nos dominios do imperio; pois foi esse o primeiro dos imperadores de Roma que no *Vetus Forum Magnum*, (ampla praça oblonga entre os montes Capitolino e Palatino, appellidada modernamente Campo Vaccino), fizera erigir a magestosa columna dourada *Milliarium Aureum*, de que fallam Plinio, Suetonio, e Tacito.

A esse padrão itinerario central iam de todo o Imperio ligar-se as *vias publicas*, (como o testimunha

Plutarcho na *Vida de Galba*); tendo-se cruzado e recruzado nos conventos juridicos (chancellarias judiciaes), onde entravam e saiam como grande tronco de muitas ramificações (*diverticula*): Plinio, 31; Suetonio, *Nero*, 48; Servio, Ad Aeneidam, L. IX. v. 379).

Iniciaram-se por consequencia entre o anno 29 antes da Era Vulgar, em que elle fôra acclamado Imperador, e o anno 14 da mesma Era Vulgar, em que a morte lhe pozera termo á vida.

Não é comtudo para esquecer, o haver já na Italia *vias romanas* antes d'Octavio Augusto, *abertas* e *calçadas* com solidez e magnificencia, como era a via Appia entre Roma e Capua, que fôra a primeira das vias publicas *empedrada* pelos romanos; pois foi-lhe começado o *empedramento* pelo Censor Appio Claudio, no anno 441 da fundação de Roma, e conseguintemente anno 313 antes da Era Vulgar, como o indica Tito Livio (L. IX. C. XXIX), assim como Eutropio (L. II. C. IV), donde lhe proviera o nome de via Appia.

*

Foram os carthaginezes os primeiros povos, que tomaram a peito o *empedramento* das vias publicas, embora já *calçadas* antes d'elles por Semiramis, pelos hebreus, e pelos chinas; assim como na America pelos antigos reinantes do Mexico e do Perú.

Aos lados dos *trilhos viarios*, havia casas particulares, onde os amigos achavam hospitalidade e os viandantes hospedagens; e davam-lhes os romanos o nome *diversoria*.

Mas no caso especial da hospedagem davam-lhes tambem os nomes *cauponae*, e *tabernae diversoriae*.

Achamos isto em Horacio e Plauto, que sabiam com rigor o que era seu.

*

Nas entradas das povoações era aperfeiçoado o resalto dos *trilhos viarios*, como nas ruinas da cidade de Pompeia se está vendo.

Fóra das povoações não era assim o aperfeiçoamento dos *trilhos*.

Da construcção das vias militares, achamos um resumo em Manoel Gomes de Lima Bezerra, (ESTRANGEIROS NO LIMA, Tom. I. pag. 252); e por curioso o transcrevemos:

«Todas as vias militares eram *calçadas*; e consistia o pavimento em quatro *camas*, cada uma de differente materia.

A *primeira*, que servia como d'alicerce ou fundamento das outras, era nomeada *statumen;* e antes de a collocarem, alimpava-se d'alli toda a terra molle, ou areia, que pela sua ligeireza obstava á firmeza e segurança que se pretendia.

A *segunda camada*, que nomeavam *roderatio*, consistia em uma composição de fragmentos de louça, telhas ou ladrilhos, pegados com argamassa ou betume de tal qualidade, que ainda hoje nos admiramos da sua dureza e firmeza.

A *terceira camada*, chamada *nucleus*, era de cal amassada com areia, a qual se applicava em consistencia branda, e capaz de admittir as fórmas que quizessem dar-lhe.

E sobre ella collocava-se a *ultima cama*, intitulada *summa crusta* ou *summum dorsum*, que consistia em seixos, calhaus ou pedregulho grosso, tijolo ou cousa semilhante, que fazia os caminhos planos, rijos, e muito duraveis.

E para que as aguas não causasem ruina, faziam fossos d'um e outro lado; e deixavam as *calçadas* com tal elevação, que os enxurros as não prejudicassem ou destruissem.

Se porêm havia sitios em que se não achavam os materiaes, nem por isso se desanimavam; porque os transportavam desde os logares em que os havia, ou em carros, ou pelos rios em barcos».

Nas ourelas do *empedramento viario*, havia um trilho lageado para os viandantes a pé, com duas especies de *toros* de pedra a espaços.

Chamavam-se *poiaes* uns d'elles, para os cavalleiros podêrem montar e desmontar, por não usarem d'estribos os romanos.

Tambem por vezes, attendendo á localisação, era só de *glarea* o empedramento da via publica (Tito Livio, L. XLI.C.XXVII); construindo-se-lhe de cada lado um *trilho* de pedra para os viandantes a pé; e não raro era só de *silex* o meio (*agger*), e só de *glarea* as duas ourelas (*laciniae*).

Os outros *toros* eram columnas (*cippos*) com indicação das distancias itinerarias em inscripções, e declaração dos Imperadores que mandavam fazer as *vias publicas,* ou concertal-as.

Nas *vias terrestres* eram cotadas as distancias em *passos* de 4000 em legua, sendo de 5 pés cada passo, e conseguintemente de 6,424 em palmos (6 palmos, 3 pollegadas, 3 oitavos, e 136 millesimos).

Nas Gallias eram medidas as distancias por *leguas*, sendo estas de quasi 4000 metros (3898 metros e 72 millimetros) n'algumas das vias militares.

Nas *vias maritimas* contavam-se em estadios gregos de 32 em legua (8000 passos): não devendo esquecernos de não ser *medida fixa* o estadio, mas *medida estimativa.*

Em algumas das *inscripções* dos marcos milliarios acha-se no caso recto (*nominativo*) o nome do Imperador: (IMPERATOR CESAR...).

Acha-se n'outras em casos obliquos (*dativo ou ablativo*): (IMPERATORI CESARI....).

Conforme Nicolau Bergerio, annotado por Henrique Christiano Heninio, denotam os nominativos lapidares, que o Imperador, quer per si, quer por magistrados seus, *concertára* á sua custa o trajecto viario.

Em *dativo*, denota que a *via militar* fôra construida ou concertada com dinheiro publico; inter-

vindo n'isso os magistrados da jurisdicção competente.

Os marcos milliarios (*cippos*) eram collocados em distancia de *mil passos*, (um quarto de legua), uns dos outros nas *vias militares*.

Na contagem das distancias milliarias, havia divergencias na referencia aos pontos de partida.

Nas CINCO VIAS MILITARES de Braga (Bracara Augusta), capital de convento juridico, uma das quaes partia para *Olisipo* (Lisboa) e quatro para *Asturica* (Astorga), não eram uniformes os começos das contagens itinerarias, como se póde vêr do MAPPA que d'ellas damos.

*

Vão indicadas aos lados e ao fundo do nosso MAPPA as explicações concernentes a cada uma das *vias militares* da capital bracaraugustana (*Braga*).

Com essas explicações, indicamos no Padre Argote, (MEMORIAS, Tom. II), os *numeros* relativos ao trajecto viario do ITINERARIO D'ANTONINO.

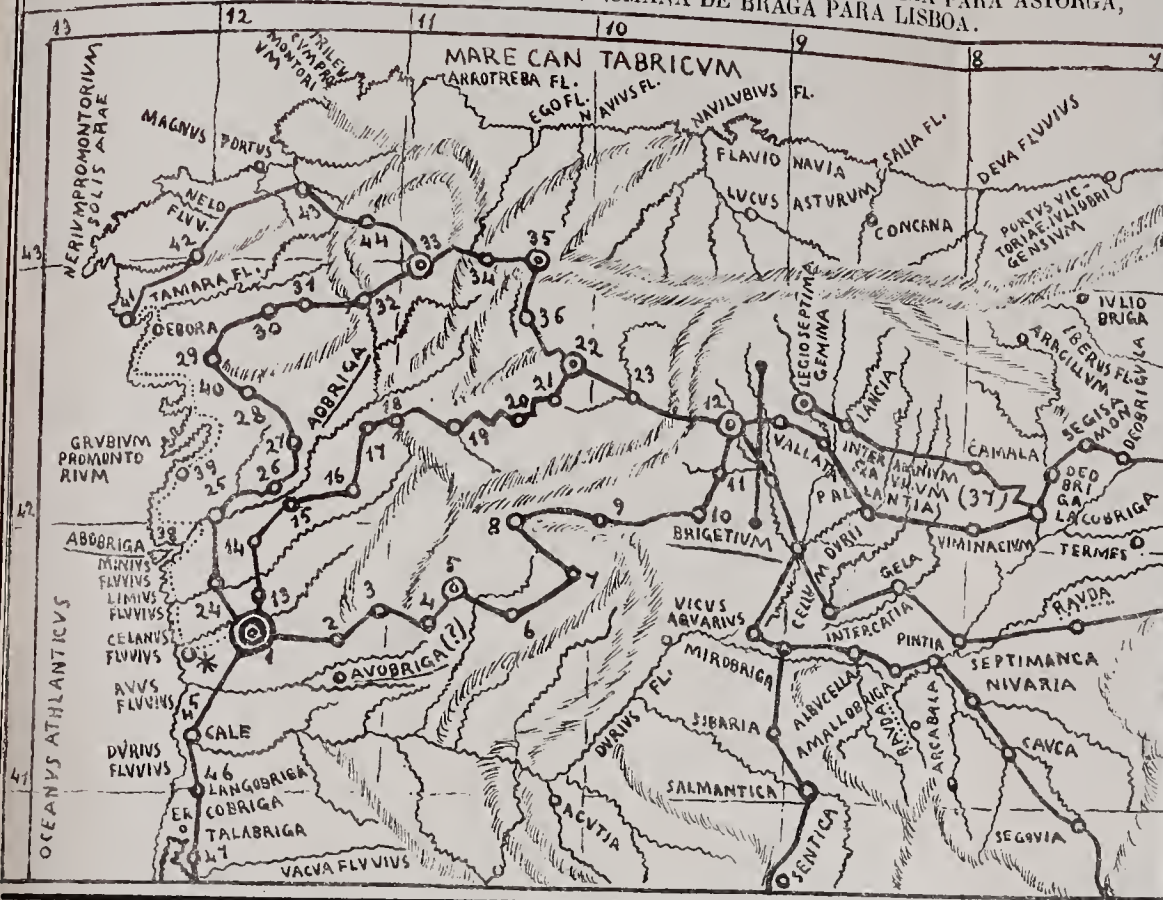
Da *via militar* por *Aquas Flavias* (Chaves), a primeira do ITINERARIO, começa a exposição no n.º 921 (pag. 570), e finda no n.º 967 (pag. 592 a 593).

Da *via militar* pelo Gerez (*Mons Giresius*), a terceira do *Itinerario*, começa a exposição no n.º 864 (pag. 531), e finda no n.º 916 (pag. 566 a 568).

Da *via militar* por Ponte do Lima e Tuy (*Limia et Tude*), a quarta do Itinerario, (e a que é relativo o cippo milliario, *inedito*, do palacete do snr. Conselheiro Jeronymo Pimentel), começa a exposição no n.º 1000 (pag. 610) e finda no n.º 1011 (pag. 618) a 621).

Tinha-a porêm summariado o Padre Argote desde o n.º 917 (pag. 568) até o n.º 920 (pag. 569 a 570).

*

MAPPA DIAGRAMMATICO DAS QUATRO VIAS MILITARES ROMANAS DE BRAGA PARA ASTORGA, COM INICIAÇÃO DA VIA MILITAR ROMANA DE BRAGA PARA LISBOA.

VIAS MILITARES TERRESTRES
(Itinerario d'Antonino)

VIA POR CHAVES (Argote, Memor. II. 921)	VIA PELO GEREZ (Argote, Memor. II 864)
1=Bracara Avgvsta	1=Bracara Avgvsta
2—Salacia	13 - Salaniana
3—Praesidivm	14—Aqvae Origines
4—Caladvnvm	15—Aqvae Qverqvennae
5=Ad aqvas	16—Aqvae Geminae
6—Pinetvm	17—Aqvae Salientes
7—Roboretvm	18—Praesidivm
8—Complevtica	19—Nemetobriga
9—Veniatia	20—Forvm Egvrrorvm
10—Petavonivm	21—Gemestarivm
11—Argentiolvm	22=Bergidvm
12=Astvrica	23—Interamnivm
	12=Astvrica

VIA POR PONTE DO LIMA
(Argote, Memor. II. 1000)

1=Bracara Avgvsta	32 Martia
24=Limia	33=Lvcvs Avgvsti
25—Tyde	34—Timalinvm
26—Bvrbida	35—Pons Naviae
27—Tvroqva	36—Vtaris
28—Aqvae Cilenae	37=Bergidvm
29=Ira Flavia	23—Interamnivm
30—Asseconia	12=Astvrica
31—Brevis	

A via de Chaves era directa a Astorga (12)—grande centro de vias romanas.

A via do Gerez e a via de Ponte do Lima entroncavam ambas em Bergido (22).

VIA-MILITAR-MARITIMA-TERRESTRE, ENTRONCANDO EM LVGO (33) COM A VIA DE PONTE DO LIMA—(Argote, Memor. II. 852)

1=Bracara Avgvsta	40=Ad Dvos Pontes	44—Caranicvm	34—Vttaris
•=Aqvis Celanis (Fanvm)	41=Grandimirvm	33=Lvcvs Avgvsti	22—Bergidvm
38=Aqvis Laenis (Abobriga)	42—Trigvndvm	34—Timalinvm	37—Interamnivm
39=Vicvs Spacorvm	43—Flavivm Brigantium	35—Pons Naviae	12=Astvrica

VIA MILITAR DE BRAGA A LISBOA

1=Bracara Avgvsta	—Conimbriga
45—Cale	—Sellivm
46—Langobriga	—Scalabis
47—Talabriga	—Hierabriga
—Aeminivm	—Olisipo

MEDIDAS ITINERARIAS

Avaliavam-se as distancias terrestres em milhas romanas de 4000 em legua: e as distancias maritimas, em estadios gregos de 8 em milha.

Mas nem sempre são conformes as distancias nas edições Antonianas.

ILLUCIDAÇÕES

Nas edições de Ptolomeu e Plinio, tem-lhe confundido frequentemente, os editores, algumas das povoações, augmentando-as ou diminuindo-as.

Sirvam d'exemplo: Aquis Celanis, Aquis Laenis, e Aquis Cilenis (28), escriptas erradamente Aquis Celenis: e d'ahi as ambiguidades na via maritima.

Sirvam d'exemplo ainda Aobriga (Orense), Abobriga (Insva do Rio Minho), e Avobriga, revelada por uma lapide romana de Tarragona. e situada conseguintemente (?) nas margens do rio Ave, onde tambem existem ruinas de thermas romanas, nas Caldas das Taipas.

Não esqueçâmos por esta occasião, que para as vias militares de Braga a Astorga (*Bracara Augusta a Asturica*) não dava a interposição montanhosa entre estas cidades, altaneira e agreste, senão duas passagens em condições viaveis—*Senabria* e *Ponferrada*.

Por isso ia por Senabria a via militar, que tinha o trajecto por Aquas Flavias (Chaves); ao passo que seguiam por Ponferrada, unindo-se n'uma só antes d'este ponto forçado, as que por terra cortavam pelo Gerez e por Ponte do Lima, e a que por mar tinha o trajecto por *Grandimirum* não longe de Tarragoña).

Entroncavam ambas em Bergidum, (*Villafranca del Vierzo*), as duas vias terrestres do passo de Ponferrada; e ia entroncar em Lugo, (*Lucus Augusti*), o trajecto terrestre da via maritima por Grandimirum, com a via militar do trajecto por Limia (Ponte do Lima).

Unidas ambas em Lugo, assim proseguiam até entroncar em Bergidum com a via militar pelo Gerez (*Mons Giresius*).

*

Como seja pertencente a esta *via militar* o marco milliario, com que deparamos nos nossos excursos archeologicos em Braga, entendemos dever copiar aqui a referida summa, additando-lhe as correspondencias locaes da actualidade:

«A ultima via militar, que Antonino descreve de Braga a Astorga (*Bracara Augusta ad Asturicam*), é a que corria por Tuy (*Tude*); e a descreve na fórma seguinte:

«Diz que todo o comprimento comprehendia o espaço de 299 000 passos, que montam 74 leguas e 3 quartos, d'esta sorte:

«Saia a ESTRADA de Braga (Bracara Augusta) (1), e até Ponte do Lima (Limia) (24), fazia 4 leguas e 3 quartos».

«Passava a Tuy (*Tude*), e fazia mais 6 leguas».

«Proseguia até uma povoação chamada *Burbida*, (26), (*Borben*), e contava mais quatro leguas; e contava outras tantas d'alli a Turoqua (27) (*Turon*)».

«Corria depois até *Aquas* Celenias (Aquis Cilenis) (28) (Caldas de Reyes) em distancia de 6 leguas.»

«Logo contava mais 3 leguas até *Pria* (Iria Flavia) (29) (Padron), donde proseguia até *Asseconia* (30) (Oines), que distava 6 leguas menos 1 quarto, (5 e 3 quartos).

«Seguia-se a estrada até *Brevis* (31) (Abeancos) por espaço de 3 leguas: e d'alli, andadas 5 leguas, chegava a *Marcias* (Martiae) (32) (Marzá de la Ulloa)».

«Adiante, 4 leguas, entrava em *Lugo* (Lucus Augusti) (33), donde passava a Timalino (*Timalinum*) (34), contando mais 5 leguas e meia: depois a *Ponte de Navia* (Pons Naviae) (35) (Puente Navea), contando 3 leguas: logo a *Uttaris* (36) (Vega de Ruitelan) contando 5 leguas; donde até *Bergidum* (22) (Castro de la Ventosa) fazia a estrada 4 leguas; e d'aqui até *Interamnium* (23) (além de Ponferrada)».

«E d'alli a 7 leguas e meia acabava a estrada em *Astorga* (Asturica) (12).

«Esta conta itineraria—continúa o Padre Argote—primeiramente está *errada;* porque a somma de *Antonino* diz que toda a estrada continha 74 le- e 3 quartos; e sommadas as *partidas* produzem 75 leguas e meia: porém isto procede da diversidade dos *Codices* do ITINERARIO em contar a distancia dos logares: e o erro é tam pequeno, que não se deve fazer caso d'elle: mas alem d'isso tenho para mim que o ITINERARIO está errado nas distancias».

«E' tambem d'advertir que esta *estrada* adiante de *Lugo* (*Lucus Augusti*) (33), era a mesma que vinha de *Trigundum*, (42) (Berreo), depois de ter decorrido por mar com desembarque anterior em *Grandimirum* (41) (*cêrca de Tarragoña*)».

«E outro sim se deve reparar, que esta *via militar* girava grandemente, e corria mais occidental que a do *Gerez* (*Mons Giresius*); e ia buscar a cidade de *Cilenas* (*Aquis Cilenis*), e depois a Lugo (*Lucus Augusti*).

Nota ainda o Padre Argote:

«O espaço da sobredita *estrada* de Braga por Ponte do Lima a Tuy, (*Bracara Augusta per Limiam ad Tude*) pelos limites que hoje pertencem ao nosso reino, eram 10 leguas; e era a mesma que hoje se pratica de *Braga* a *Valença* e a *Tuy*: o que se prova com certeza».

«Porque a *estrada actual* sae de *Braga*, e vae á *Ponte de Prado*, onde conta *uma legua*; e por alli mesmo corria a *via romana*, como consta d'um *padrão e medida de caminho*, que alli se acha: o qual dizia que d'alli a *Braga* (*Bracara Augusta*) eram 4000 *passos*, que vem a ser *uma legua*» (*).

«Da *Ponte de Prado* continúa a *estrada* até *Pon-*

(*) Vê-se por esse *padrão milliario* (Padre Argote, MEMORIAS Tom. II. n. 1000), que entre o junho do anno 11 da Era Vulgar, e junho do anno immediato (12), fôra imperialmente começada ou reformada esta *via militar*; pois cabia então o *trigesimo quarto* podêr tribunicio, com treze consulados e quinze acclamações imperatorias, ao filho adoptivo de Julio Cesar então venerado como DIVO, o Imperador Cesar Octaviano Augusto, a quem decerto *Bracara Augusta* erigiria por esse melhoramento alguma *estatua*, em cuja base estivesse gravada a inscripção mencionada:

IMP.CAES.DIVI.F.AVG.
PONT.MAXIMVS.IMP.XV.CONSVL
XIII.TRIB.POTEST XXXIV.PATER
PATRIAE.BRAC.
I.I.I.I.

te do Lima, e conta mais 4 leguas: e isso mesmo era na *via romana*, como consta do Itinerario d'Antonino, que conta de *Braga* a *Ponte do Lima*, (*Bracara Augusta ad Limiam*), 5 leguas menos 1 quarto (4 leguas e 3 quartos): e consta ainda melhor dos *padrões romanos* que actualmente existem junto a *Ponte do Lima*, no logar que chamam *Alem da Ponte*, e que declaram d'alli a Braga (*Bracara Augusta*) 5 leguas (**), que vem a ser quasi o mesmo que hoje».

«De *Ponte do Lima*, e do logar *Alem da Ponte*, corria a *estrada* pelas mesmas partes que hoje corre, até chegar a beber no *rio Minho* em Valença, como consta d'um *padrão romano* alli achado nas praias d'aquelle rio (***), e no qual se declaravam d'alli a

---

(**) Deixamos egualmente para depois da transcripção que fizemos, o que nos offerecem as lapides romanas de Ponte do Lima em relação a esta *via militar* de Braga a Astorga por Tuy, de que démos as correspondencias locaes antigas e modernas, tanto em nosso paiz como fóra d'elle; por já não poder dizer-se hoje como outr'ora dissera o distincto epigraphista allemão o snr. dr. Emilio Hübner (Noticias Archeologicas, versão do snr. Soromenho, pag. 85):

«.....a parte que ficava em territorio hespanhol (d'esta terceira via romana de Braga), é completamente desconhecida».

(***) Foi achado no sitio dos *Arinhos*, defronte de Tuy, 1680, este padrão milliario (Padre Argote, Memorias Tom. II. n.º 1002), com inscripção relativa ao concertamento d'esta via romana no anno 42 da Era Vulgar, em que ao Imperador Tiberio Claudio coubera o terceiro podêr tribunicio com o terceiro consulado:

TI.CLAVDIVS.CAESAR.AVG
GERMANICVS.PONTIFEX
MAX.IMP.V.COS.III.TRIB.
POTEST.III.P.P.BRACA.XLII

Braga 10 leguas e meia, que vem quasi a ser a mesma distancia d'hoje, em que de Braga a Valença se contam 10 leguas».

«E a diversidade que ha entre a *conta romana* e a *conta actual*, entendo eu que procede de não guardarmos ao presente uma medida certa nas *leguas*, mas fazermol-as umas *maiores* e outras mais pequenas».

*

Depara-se ás vezes com rastos de indicações epigraphicas, em cippos milliarios, que na sua decifração não deixam de servir de norte.

Tomaremos para prova um fragmento, cuja copia nos dá o Padre Argote (De Antiquitatibus, Livr. III. cap. II. n. 9), e que existia perto de Famalicão, na antiga estrada publica de Braga para Lisboa, defronte da egreja matriz de S. Thiago d'Antas:

....
....
......MAXIMO.....
......IMP.IIII. COS
IIII.A.B.MP........

Se o Padre Argote comparasse estes dizeres com os do cippo milliario que transcreve no anterior n.º 8, existente na mesma parochia no logar da Portella de Baixo, na esquina d'uma arruinada ermida de Santo Estevam, não deixaria de perceber que tambem esse fragmento pertencia ao mesmo Imperador Cesar Marco Aurelio Antonino (Caracalla), filho do Divo Severo, neto (NEPOS) do Divo Marco Antonino, bisneto (PRONEPOS) do Divo Antonino Pio, tresneto (ABNEPOS) do Divo Hadriano, e quadrineto (ADNEPOS) do Divo Trajano e Divo Nerva,

E convencer-se-ia de vez, recordando uma inscripção de Malaga na Hespanha, onde ao mesmo Caracalla com os quatro consulados que tivera, estão notadas como aqui as mesmas quatro acclamações imperatorias.

Infelizmente, na lapide do palacete do sr. Conselheiro Pimentel não vemos cousa que nos auxilie n'uma decifração segura.

Não podem reconhecer-se n'este milliario, (pela mutilação que lhe deram ao incluil-o na construcção d'um muro), nem as indicações numericas do consulado (COS...) e do podêr tribunicio (POTEST... *tribunitia*), nem tampouco a distancia milliaria da posição do *cippo*, apenas indicada lapidarmente na tarjeta (TVDE.....II).

Pelo PONTIF.(*maximvs*) e pelo PATER.(*patriae*), ambos em caso recto (*nominativo*), podêmos inferir simplesmente, que este milliario é concernente a Imperador que per si, ou por superintendentes seus, abrira ou concertára a *via militar* de Braga a Astorga por Ponte do Lima e Tuy (a 4.ª no Itinerario do Imperador Antonino).

Pelas lettras que podémos achar de novo no milliario, ao ser movido ultimamente depois de photographado; e pelo que nos consta d'uma copia do Itinerario d'Antonino, vista em Oviedo na Hespanha por Ambrosio de Morales, conforme refere o Padre Nascimento Silveira, (Mappa Breve da Lusitania Antiga, pag. 183 a 184), suppomos os dois II da tarjeta (TVDE) como o final da distancia milliaria XXVIIII.

E' esta a cota da distancia (7 leguas e 3 quartos), que o chronista Morales achára na copia que vira; e assim o transcreve o Padre Nascimento Silveira (Pag. 184):

A BRACARA ASTURICAM:
Limia, M.P.XIX.
Tude, (M.P.) XXVIIII.

Devemos notar, que os 19 000 passos dão exactamente 4 leguas e 3 quartos de Braga a Ponte do Lima; ao passo que os 29 000 parecem estar a substituir a cota XXIIII da edição Antoniniana do Marquez Fortia d'Urban (Paris, 1845), e que dá justamente as 6 leguas de Ponte do Lima a Tuy.

Devemos notar tambem com o Padre Nascimento Silveira, (Pag. 190), que não é á cidade de *Tuy*, na margem direita do rio Minho agora, mas á antiga cidade *Tuy* (TUY A VELHA), outr'ora na margem esquerda do mesmo rio, a povoação provecta a que o ITINERARIO D'ANTONINO se refere.

«O grande Campo de Tuydo, (diz o Padre Silveira), proximo á forte praça de Valença, ainda da antiquisima TYDE nos faz lembrados: e d'ella sairam os povoadores da *Tuy* d'hoje, assim como de IRIA sairam os da de Gallisa».

As duas cótas itinerarias (XIX e XXIIII) prefazem exactamente os 43 000 passos (*10* leguas e 3 quartos), que medeam entre Braga e Tuy.

*

Dos padrões romanos de Ponte do Lima, mal tratados embora com renovação de lettras a picão, ordenada por um Juiz de Fóra appellidado Pinto, (a ponto de ficar destruido de todo um dos cippos), deduzem-se todavia as reedificações imperiaes da *via militar* de *Braga a Astorga por Tuy*.

Aberta provavelmente por Augusto Cesar no anno 11 da Era Vulgar, como indicamos com o *milliario* da Ponte de Prado; e reedificada depois no anno 43 por Tiberio Claudio, como indicamos com o *milliario* de Valença; foi ainda outra vez reedificada no anno 134 a 135, como se deprehende d'outro *milliario* dedicado ao Imperador Hadriano, com indicação de 20 000 passos (5 leguas) de distancia a Braga; e achado junto a Ponte do Lima na casa do Antepaço na parochia de Santa Marinha d'Arcuzêlo, (Pa-

dre Argote, MEMORIAS, Tom. II. n. 1004); pois coube a Hadriano o podêr tribunicio décimo oitavo desde o mez de Agosto do anno 134 até o mesmo mez do anno immediato.

Foi reedificada ainda depois esta *via militar*, no anno 213 a 214 da Era Vulgar, pelo Imperador Marco Aurelio Antonino (*Caracalla*), então com o podêr tribunicio decimo setimo, como se vê d'outro *miliario* do mesmo local anterior, descuradamente copiado no mesmo Padre Argote (n. 1006):

IMP.CAE.DIVI SEVERI PN.FIL.
DIVI MARCI ANTONINI.EP
DIVI ANTONINI PII PRONEP.
DIVI HADRIANI ABNEP.
DIVI TRAIANI PAR.T.ET
DIVI NERVA.E ADNEP.
MARCO AVRELIO ANTONINO
PIO.FIL.AVG
PART.MAX.
GERMANICO.MAX.
PONTIFIC MAX
TRIBVNIC.POT.XVII.
IMP.III COS IIII.PPROCOS
BRA CAR.AVG.M.P.XX

Como se vê, ha n'esta copia do Padre Argote graves erros como CAE por exemplo, em logar de CAES(*ari*), PN em logar de PII, EP em logar de NEP(*oti*), PAR.T em logar de PART, NERVA.E em logar de NERVAE, FIL em logar de FEL(*ici*), TRIBVNIC. em logar de TRIBVNIT, e um só P em logar de P(*atri*) P(*atriae*) antes de PROCOS; pois intitulavam a *Caracalla* filho do Divo *Lucio Septimio Severo Pio*, neto do Divo Marco Antonino, bisneto do Divo Antonino Pio, tresneto do Divo Hadriano, e quadrineto do Divo Trajano Parthi-

co e do Divo Nerva. intitulando-o tambem Pio, Felix, Augusto, e Pae da Patria.

Foi reedificada ainda no anno 238 da Era Vulgar, (ultimo do imperio de Caio Julio Vero Maximino, assassinado com o filho *Maximo* pelos proprios soldados), como o comprova um milliario de Britiandos, pertencente a esta mesma *via*, e tambem mal copiado no Padre Argote (n. 1008); pois dá-nos alli TEMPORE VETVSTATIS por TEMPORIS VETVSTATE, aliás transcripto já por elle (n. 990) n'um milliario analogo do Pontão dos Possacos, (proximo da Ponte de Val de telhas), na *via militar* de Braga para Astorga por Chaves (*Aquas Flavias*); embora convertendo o Legado Augustal Quinto Decio em Capitão da Legião Augusta Gemina dos Pretorianos !

E' esta a inscripção com a substituição de XVII milhas por XVIII, como com mais fundamento as indica o Padre Argote (De Antiquitatibus, Livr. III. Cap. VI. pag. 213):

IMP.CAES.C.IVL.VERVS
MAXIMINVS.P.F.AVG.GERM.
MAX.DAC.MAX.SARMA.MAX
PONT.MAX.TRIB POT.V
IMP.VII.P.P.COS.PROCOS.
C.IVL.VERVS.MAXIMVS.NO
BILISSIMVS.CAES.GERM.MAX
DAC.MAX.SARM.MAX
PRINC.IVVENTVTIS.FILIVS
IMP.D.N.C.IVL.VERI.MAXI
MINI.P.F.AVG.VIAS.ET
PONT.TEMPORIS.VETVSTATE.COL
LAPS.RESTITVER
CVRANTE.Q.D.
LEG.AVG.PR.PR.
BRAC.M.P.XVIII

*

Reedificou-se mais uma vez depois do anno 304 da Era Vulgar, como tambem o está testimunhando um cippo romano do sitio do Antepaço em Santa Maria d'Arcuzêllo, parochia circumvisinha de Ponte do Lima.

Transcreve o Padre Argote este cippo nas Memorias, Tom. II, n. 1010), tendo-o transcripto um pouco melhor no volume De Antiquitatibus, (pag. 213 e 220), donde o copiamos:

.......VICIORIO
.........\ESSIMO
..IMP.CNS..ANTIO
....MAXIMO.TRI
VMPATORI
....SEMOE....
.........CI

Nas Memorias (Tom. II. n. 1010) diz-nos o Padre Argote:

«As lettras que o tempo comeu n'esta inscripção, a deixou sem intelligencia: sómente parece foi gravada sendo Imperador Constancio».

«E' certo foi posta depois do anno 304; porque o primeiro Imperador, que se chamou Constancio, foi Constancio Chloro, que entrou a imperar em 305».

Não cremos porêm difficil a intelligencia d'esta inscripção, (como ao Padre Argote parecêra), comparando cippos da mesma epocha; pois vemos n'este milliario o seguinte, (salvo o C numeral da linha 7.ª que póde ser uma transformação de X com mais outros algarismos ligados ao I:

LXXXI

VICTORI
PIISSIMO
IMP(*eratori*). C(*o*)NS(*t*)ANTIO
MAXIMO. TRI
VMP(*h*)ATORI
SEMPE(*r*)
. . . . I

O Imperador Constancio Chloro, com o titulo de Cesar que lhe dera Maximiano Hercules no anno 292 da Era Vulgar, (adoptando-o na mesma occasião), teve realmente a regencia da nossa peninsula em vida do Imperador Diocleciano, acclamado em 284 da Era Vulgar, e que por abdicação deixára as redeas do imperio 21 annos depois.

Realmente bem merecia o renome PIISSIMO esse Imperador, de quem se acham em *Crevier*, (Histoire des Empereurs Romains, Paris—1775, Tom. XI. pag. 346), os encomios seguintes:

«Les peuples soumis aux loix de Constance eurent bien à se louer de leur sort».

«La persécution contre les Chrétiens cessa absolument dans les pays qui lui obéissoient».

«En général tous les sujets jouirent d'une situation tranquille et heureuse sous un Prince affable, populaire, qui souhaitoit que les villes et les particuliers fussent riches sous son Gouvernement».

Foi mais uma vez reformada esta *via militar*, segundo o que se deprehende de dois milliarios da Quinta d'Agra na parochia de S. Thomé da Cornelhã, (proximo a Ponte do Lima), conduzidos para alli do seu logar primitivo.

Em virtude de lhe terem sido picadas quasi todas as lettras, não é possivel conhecer-se, das poucas que ficaram, qual fosse o nome do Imperador na epocha da reedificação.

Conhece-se apenas em uma d'ellas, qne tinham

a collocação itineraria a XXI mil passos de Braga (5 leguas e um quarto de distancia).

Reedificou-se tambem, esta *via militar*, no imperio turbulento de Flavio Magno Magnencio, acclamado ardilosamente na Gallia Narbonense em 350 da Era Vulgar, e suicidado 3 annos depois com a propria espada; assassinando primeiro a mãe, e apunhalando o irmão Desiderio, que em 351 da mesma Era tinha sido por elle titulado Cesar.

Occupa-se d'esta reedificação um dos dois padrões lapidarios existentes na capella de S. Bartholomeu na aldeia d'Antas, (em territorio de Coura no Alto-Minho), e existentes primeiramente no cimo do monte, por onde corria esta *via militar*.

Ainda no Padre Argote, (MEMORIAS, Tom. II. n. 1011), está copiada incorrectamente a inscripção d'este milliario:

D.N.
MAGNO
MACENTIO
IR.IMP.ERATORI
AVG.
P° T C
B.N.R.P.N.
XXXI

Confrontada esta copia com outras similhantes, dá o seguinte resultado:

D(*omino*).N(*ostro*).
MAGNO
DECENTIO
(*nos*)TR(*o*).IMPERATORI
AVG(*vsto*).
P(*rovincia*).T(*arraconensis*)C(*onsecrat*)
B(*o*)N(*o*).R(*ei*) P(*ublicae*).N(*ato*)
(*millia passuum*) XXXI
(*a Bracara*)

Tanto de *Magnencio*, como de *Decencio*, estão esboçados os traços biographicos principaes, com referencias a lapides milliarias de *vias romanas* de Braga a Astorga, na Carta Epigraphica do snr. dr. Pereira Caldas ao auctor do *Portugal Antigo e Moderno*, o snr. Augusto Soares d'Azevedo Barbosa de Pinho Leal.

No mesmo Tom. II., n. 1011, das Memorias do Padre Argote copia-se o seguinte cippo, tambem da Aldêa d'Antas, que nos faz suppor o concertamento d'esta *via romana* durante o imperio dos Theodosios:

MAG
FILIO
THEO.....
NEPOS

«Esta inscripção—(diz com rasão o Padre Argote)—póde ter diversas interpretações».

«Basta dizer, que tracta d'um filho de Theodosio o Grande, e d'um neto ou sobrinho de Theodosio, ou fosse o Grande ou o Velho».

Provado o referido concertamento, deveria ter logar depois do anno 395 da Era Vulgar, em que fallecêra Theodosio Magno, appellidado em medalhas romanas com attributos honrosissimos:

SALVS.REIPVBLICAE.
GLORIA.ROMANORVM.
VIRTVS.ROMANORVM.
GLORIA.ORBIS.TERRARVM.

Pelas poucas linhas do cippo, que não passa de fragmento lapidario, deixa em duvida a verdadeira interpretação.

O mesmo succede tambem com este fragmento existente no muro do snr. Conselheiro Pimentel, e proximo ao marco milliario *inedito* de que nos temos occupado:

LXXXIV

*

No trajecto terrestre das vias militares, havia estancias com os nomes de *mansiones* e *mutationes* (mansões e mutações).

De uma a outra mansão não passava d'um dia de jornada a distancia itineraria; pois era n'ellas que em serviço descançavam e pernoitavam os magistrados, assim como as legiões do imperio.

Eram por isso logares povoados, e não pequenos, por serem obrigados a ter sempre 40 cavallos, alem de numero sufficiente de carros de posta, com mulas e bois para transporte eventual de trens, quér dos Imperadores, Consules, Pretores, Legados, e Presidenciaes, quér das comitivas d'uns e outros, que eram sempre numerosas.

Eram egualmente obrigadas as *mansões* a ter numero sufficiente de ferradores e serviçaes, entrando n'estes ultimos os *celleireiros* dos armazens.

Eram todos dirigidos e fiscalisados por um superior (*Mancipe*), que examinava os registros de posta, por não ser permittido a pessoa alguma correl-a sem auctorisação competente.

Entre as *mansões* estavam situadas as *mutações*, onde eram feitas as *mudas* de cavalgaduras e carros.

Eram tambem logares povoados, embora de mais inferior extensão que as *mansões*; e havia 5 ao menos d'uma a outra, o que fazia muito superior o numero das *mutações*.

Eram obrigadas a ter sempre 20 cavallos e 3 ferradores, alem dos serviçaes indispensaveis.

E tudo estava n'ellas tão bem ordenado, que um postilhão, (conforme diz Procopio), gastava a decima parte do tempo preciso para uma viagem !

*

No trajecto maritimo das *vias militares*, estanciavam sempre embarcações em ancoradoiros.

As embarcações *onerarias* destinavam-se a carregações; e as embarcações *cursorias*, a communicações urgentes, no que eram velocissimas; e por isso costumavam embarcar n'ellas os *postilhões*.

Os romanos davam nomes differentes a cada um dos ancoradoiros.

Eram *portos*, em acepção geral, os que a natureza fornecia:

Refugios, onde as embarcações ancoravam com plena segurança:

Estações, conhecidas tambem com o nome de *Posições*, onde as embarcações ancoravam com bastante segurança:

Praias, onde as embarcações ancoravam com pouca segurança ao longo de *Caes:*

Cotões, onde o ancoradoiro era em parte natural e em parte artificial:

Degraus, onde nos mesmos ancoradoiros havia pontes ou escadas, para segurança dos embarques e desembarques.

Tinham o nome de *littora*, quando o vasadoiro era permanente; chamando-se *plagiae*, quando o vasadoiro era temporario.

*

N'estes trajectos maritimos, não ha nem póde haver *padrões de milhas*—repetimol-o de novo, ainda que escusadamente.

Por isso é que no nosso MAPPA, relativo ás *vias romanas bracarenses*, vae marcado o trajecto maritimo com linha ponteada á orla do mar, e com *numeros* as *povoações costeiras*.

AQVIS CELANIS (*) (*Fão*) na foz do *Celanus Fluvius* (*rio Cávado*);

Aquis Laenis (38) não longe de Lanhelas na foz do *Minius Fluvius* (*rio Minho*);

Vicvs Spacorvm (39) (*Vigo*) em grande bahia;

Ad Dvos Pontes (40) (*Pontevedra*) em grande enseada;

Grandimirvm (41) (*cêrca de Tarragoña*);

Todos eram *portos de mar* de trajecto forçado n'esta via romana.

Não eram sédes conhecidas de *colonias imperiaes*: e por isso não se deve estranhar, embora pareça entrever-se o contrario no profundo epigraphista o sr. dr. Emilio Hübner (Noticias Archeologicas, versão do snr. Soromenho, pag. 86), o que d'essa *via* passamos a transcrever:

«Nem em portos do Minho, nem nos outros portos da Gallisa, que podem ter relação com estas *estradas*, se tem encontrado *ruinas importantes* de *colonias romanas*».

*

No que deixamos esboçado relativamente ás *vias romanas* em geral—terrestres e maritimas, publicas e particulares—acharemos as explicações indispensaveis para o conhecimento d'ellas.

Sendo por isso *trajecto maritimo* esta *via militar*—como parte por mar desde Braga (*Bracara Augusta*) até *Grandimirum* (*cêrca de Tarragoña*); e parte por terra desde ahi até Astorga (*Asturicam*); não nos parece justo o estranhar-se a falta de *padrões milliarios* em *vias militares* de trajecto maritimo, como no Itinerario d'Antonino o estão comprovando as distancias avaliadas n'elle *estimativamente* em *estadios* gregos (32 em legua regularmente).

Salvo portanto o grande respeito que votamos, como todos os epigraphistas, á grandissima auctoridade do sr. dr. Emilio Hübner, como consummado mestre em assumptos d'estes, não lhe achamos fundamento nas Noticias Archeologicas, (pag. 86), para o asserto seguinte:

«Não se póde com certeza fixar, UNICAMENTE PELOS NUMEROS DAS MILHAS QUE MARCAM AS DISTANCIAS, e os logares que correspondem aos LOCA MARITIMA da QUARTA ESTRADA de Braga para Astorga.

*

A via militar de Braga para Astorga, (parte por mar, e parte por terra), tem sido assumpto de discussões bem pouco fundamentadas.

E como no Padre Argote, (DE ANTIQUITATIBUS, Livr. III Cap. IV), está summariada lucidamente esta *via romana*, por isso a transcrevemos aqui:

«A segunda via militar ([1]), que de Braga saia para Astorga (por Fão), em grande parte d'ella se fazia por *embarcações*, navegando pelo rio Celano (Cavado), e costeando depois a marinha».

«Bem sei que digo *uma cousa nova*, e que parece incrivel: porêm os que lerem com attenção o *Itinerario d'Antonino*, e procuram a verdade; entendo que hão d'abraçar a minha opinião».

«Pois aquelle *Itinerario* nunca usa da medida *estadios*, (8 em milha, e 32 em legua), senão nas *distancias navegaveis* e que se caminhavam com *embarcações*—como d'elle consta, e já o erudito *Zurita* observou nas NOTAS que fez àquelle *livrinho*»: (Antoninus Augustus, VETERA ROMANORUM ITINERARIA cum integris Josephi Simleri, Hieronymi Zuritae, et Andreae Schotti notis, curante Petro Wesselingio, Amstelodami—1735).

«Sendo pois assim, que o ITINERARIO D'ANTONINO descreve esta via militar desde Braga até *Grandimiro* por estadios; e d'alli em diante até Astorga por

---

([1]) E' no ITINERARIO D'ANTONINO: a 1.ª por Chaves; a 3.ª pelo Gerez; e a 4.ª por Ponte do Lima.

passos (4000 em legua), quem ha de negar, que o *caminho* de Braga até *Grandimiro* senão fazia por terra, mas por mar?»

«Accrescenta-se a isto, que por toda aquella costa—que corre desde a foz do Cavado *(Celano)* atè Pontevedra *(Ad Duo Pontes)*, por onde atégora se entendeu corria esta *via militar—não se acha columna alguma romana, que eu saiba*».

«E ainda que isto não seja argumento concludente; com tudo, *que existam* tantas columnas, e em mui breve espaço, em cada uma das outras *vias militares*; e que só no grande espaço d'esta todas se perdessem; confesso que bem podia succeder, MAS NÃO posso crer que succedesse».

«E verdadeiramente dando eu conta, por carta, d'esta minha opinião, ao sr. Pedro da Cunha de Sotto-Mayor, alcaide-mór de Braga, (academico da academia real, varão erudito, e com quem tenho antiga amisade), elle me respondeu, que ao tempo que andava vendo a Europa, encontrára em França a um Clerigo, homem versado na geographia, antiga e moderna, que era do meu mesmo parecer».

«Mas nem por isso se presuma que esta *via militar*, logo ao sair de Braga, se ia metter no rio, pois o Celano (*Cavado*) distava da cidade *quatro milhas* (uma legua); mas passadas cinco a seis milhas (legua e quarto a legua e meia), é que os passageiros embarcavam juncto a Villar de Frades; e desde alli pelo rio abaixo, andados 165 ESTADIOS, aportavam a Fão (*Fanum*), que então chamavam AQUAS CELANAS, (nos glosadores geographicos geralmente confundidas com AQUAE CILENAE nos povos lucenses).

«Depois saiam d'ahi ao Oceano, e iam navegando pela costa 195 ESTADIOS; e paravam em um porto a que chamavam o *Logar dos Espacos* (*Vicus Spacorum*,) (Vigo)».

«D'alli tornavam a fazer-se á vela; e depois de navegarem 150 ESTADIOS, entravam em outro porto, chamado *Ad Duo Pontes* (Pontevedra)».

«Ultimamente, tornando-se a fazer ao mar, ca-

minhavam 80 *estadios*, e desembarcavam em *Grandimirum*, (não longe de Tarragoña), onde dava fim a navegação: pois desde alli em diante caminhava-se por terra, indo-se buscar a Corunha—isto é, *Flavium Brigantium* (*Betanzos*); depois Lugo (*Lucus Augusti*); depois Bierço—isto é, Villa Franca del Vierzo (*Bergidum*); e ultimamente se mettiam em Astorga (*Asturicam*).

«Mas aqui advirto aos leitores, que o *Itinerario Antoniniano* tem mui viciados os numeros das distancias no que pertence ao caminho de terra d'esta *via militar*, como facilmente conhecerá quem o lêr com attenção»

*

Alem das *cinco vias militares* que mencionamos, e delineamos em nosso Mappa, cremos que uma *sexta via romana* póde ser dada como saída tambem de Braga (*Bracara Augusta*).

O estabelecimento balnear, que na epocha romana existia nas *Caldas das Taipas*, (conforme o attestam os restos de piscinas alli sobterradas), necessariamente havia de ter communicação viaria com a capital do convento juridico: (Chancellaria Judicial).

Não sendo porêm *militar* essa *via*, (como omissa que é no ITINERARIO D'ANTONINO), era necessariamente uma *via* não pavimentada (*desempedrada)*, mas unicamente de solo endurecido, e attestavel apenas por marcos milliarios, e por sepulchros de finados, que, em tempos do dominio romano, eram sepultados fóra das cidades, nas orlas das *vias* de communicação, imitando a praxe em uso com as *vias militares*.

«A par d'estas vias—escreve o Padre Argote nas MEMORIAS, (Titul. I. Tom. I. n. 1239)—usavam muito enterrar-se os defunctos, porque era prohibi-

do dentro da cidade; e tambem para que os passageiros tivessem noticia d'elles, e para que se lembrassem eram mortaes: e havia *penas* contra os que lhes tirassem as campas».

*

Para inferirmos d'estas circumstancias, com proficuidade archeologica, os testimunhos que ellas pódem ministrar-nos; cumpre-nos não esquecer o caracter especial da multiplicidade das *vias romanas*.

Insistiremos n'estas differenças caracteristicas, por serem a cada passo deslembradas.

Além das *vias militares*, que eram pavimentadas com artificiosa solidez; e além do nome geral que tinham; eram qualificadas ainda outras com os nomes especiaes de *regias*, *pretorias*, *consulares*, *privilegiadas*, *publicas*, *communs*, *vulgares*, e *ordinarias*.

Mas ainda tinham os romanos *vias particulares*, que tambem não eram empedradas; sendo então conhecidas com os nomes de *vicinaes*, *campestres*, *rusticas*, e *transversaes*.

Estas *vias particulares*, ou iam confluir n'alguma *via militar*, ou terminavam em povoação, (villa ou aldêa); ao passo que as *vias militares*, adaptadas para o correr das postas, para as marchas da milicia, e para orientação dos caminhantes, costumavam terminar nas cidades, no mar, ou n'algum rio consideravel.

Não cessaremos de o notar com o Padre Argote, (Memorias, Titul. I. Tom. II. n. 1214 e n. 1219).

A's vias *desempedradas*, com 8 pés de largo e portanto com a capacidade para 2 carros a par, davase-lhes o nome generico—*via*.

Se tinham só 4 pés de largo, davam-lhes o nome —*actus*.

E com menos largura de 4 pés, só duas especies *de vias desempedradas* tinham os romanos, e para communicações particularissimas.

Se tinham somente 2 pés, dava-se-lhes o nome —*iter;* e se tinham apenas um pé, dava-se-lhes o nome—*semita*.

Deveria por consequencia ser de 8 pés de largo e para 2 carros a par, essa *via particular* de Braga (*Bracara Augusta*), para as thermas romanas das Caldas das Taipas.

Não fica porêm n'esta simples inferencia, o que nos impelle a rastrear uma *via romana*, embora não *militar*, entre a *Bracara Augusta* (Braga) e as referidas thermas.

Temos o auxilio d'um cippo milliario do *Imperador Trajano*, que fôra achado perto da egreja matriz de S. Martinho de Sande, não longe das mesmas Caldas das Taipas, e de que o distincto archeologo vimaranense, o snr. dr. Martins Sarmento, dera a transcripção na *Revista de Guimarães* em 1887 (Tom. IV. n. 4 pag. 189):

IMP. CAES. NER
VAE. TRAIANO
AVG. GERM. DAC.
PONT. MAX. TRIB.
POT. VII. IMP. IIII
COSS. V P. P.
IIII

Damos a esta lapide romana um alto apreço.

Ella nos está indicando uma collocação itineraria a quatro milhas romanas (uma legua) d'uma posição geographica de importancia; e somos levados a suppol-a na cidade *Bracara Augusta*, Capital do Convento Juridico Callaico, (ou perto), por estar effectivamente situada a uns 6 kilometros de S. Martinho de Sande, conforme o computo usual das antigas leguas de posta.

E por fóra da antiga villa e nova cidade de Guimarães, deveria seguir esta VIA para as thermas sulphureas das *Caldas de Vizella*, onde são numerosas as ruinas de piscinas romanas, e algumas d'ellas com bellos pavimentos de mosaico nas proximidades; salientando-se os que foram sobterrados na Praça da Lameira, ainda não ha muito tempo, junto ao edificio particular conhecido vulgarmente com o nome de *Casa do Paulino*.

Alem da grande extensão d'estas ruinas balneares, de que possue a planta em grande escala e com muito esmero o snr. dr. Pereira Caldas; tambem n'uma extensão consideravel apparecem alli, muito proximo da egreja matriz de S. Miguel, numerosos vestigios de povoação antiga.

*

Na *Revista de Guimarães* (Tom. I. 1884. n. 4), eis como em traços geraes se refere ás ruinas vizellenses o snr. dr. Martins Sarmento no artigo MATERIAES *para a archeologia do Concelho de Guimarães:*

«Vizella.—Conforme a tradição popular, em Vizella está aluida uma antiga cidade do nome de Susana [2].

«E' impossivel obrigar hoje a tradição a dizernos se sómente as antigas thermas, que realmente existem soterradas na Lameira, serviram de base á sua lenda, ou se tambem e principalmente uma velha povoação, de que não faltam vestigios em todo o terreno que da Lameira se estende para a egreja de S. Miguel.

(José Diogo) Mascarenhas Netto, que primeiro se occupou com minuciosidade das antiguidades de Vizella, dá como assente que pelas immediações da

---

[2] Proximo da Lameira ha um logar chamado de Santa Susana.

egreja foram encontrados, á profundidade de 20 palmos, alicerces de construcções, sepulturas de pedra com fundo de tijolo, etc.; suppondo que a differença entre o antigo nivel do sólo, e o do seu tempo, era devida a alluviões, que só podiam vir d'um monte sobranceiro.

«O certo é que a grande quantidade de pedra lavrada, que se encontra nas casas e paredes dos arredores da egreja; e a que ainda hoje se desenterra aqui e alli, nomeadamente no campo do Pombal, defronte da casa da Deveza; os innumeraveis fragmentos de louça e de telha com rebordo, que se vêem a cada passo; as moedas e capiteis de columnas que se tem descoberto, e sobretudo as *inscripções*, mostram que a povoação em si, independentemente das *thermas*, devia ter tido uma importancia tal qual.

«Infelizmente quasi todos os achados surgem á luz, para desapparecer logo em seguida, como cousas inteiramente inuteis. Mesmo as *inscripções* que Mascarenhas por aqui examinou, e de que deixou uma copia, estão perdidas. Assim a famosa lapide da casa do Sobrado, que conteria, segundo a restauração do snr. Hübner, os nomes de *Lucina*, *Minerva*, *Sol*, *Luna*, *Fortuna*. *Mercurius*, *Genius Jovis*, *Genius Martis*, *Esculapius*, *Hygia*, *Venus*, *Cupido*, *Coelus*, *Ceres*, *Genius Victoriae* etc., já não foi encontrada, quando o illustre epigraphista a procurou em Vizella. Desappareceu do mesmo modo a *ara*, que Mascarenhas diz ter sido achada nas proximidades da casa do Aidro (5).

---

(5) Segundo a restituição do snr. Hübner, dizia: *Sacrum Genio Laquiniesi: Flavius Flavini ex loquela*. Jorge Cardoso, no *Agiologio*, menciona vagamente uma outra «nas Caldas perto de Guimarães», que tambem na opinião do snr. Hübner se deve ler: *I. O. M. Flavius Aventinus cum grata uxore*. (Perdida).

«E com certeza não eram estas as unicas *inscripções*, existentes n'esta parte de Vizella. Nas trazeiras d'uma construcção da propriedade do Aidro, e na capa d'um aqueducto pertencente á mesma casa, vêem-se duas pequenas pedras, que, pelo feitio, denotam ter sido duas *aras*. De lettras, nem vestigio.

«Na parede d'uma córte da casa do Sobrado encontrei eu o fragmento da seguinte *inscripção*, que não comprehendo bem como escapou ás vistas do snr. Hübner, quando explorou aquelle sitio (Inedita): (A)

.RVEC
ENSIS
H.S.Ç

«Da 1.ª linha existe apenas a parte inferior das lettras, mas a restauração que fazemos parece-nos obvia. Na 2.ª linha não póde haver a menor duvida: os caracteres são grandes e profundamente gravados. Na 3.ª linha, a 1.ª e 3.ª lettra são certas; a 2.ª com as maximas probabilidades é um S.

«No campo do Pombal tem apparecido, segundo affirma a dôna, «pedras com lettras», cujo destino se ignora (7).

*

(A) Na *Revista de Guimarães*, (1885.—n.º 4. pag. 190-191), rectifica o sr. dr. Martins Sarmento a transcripção da ultima linha d'esta inscripção, copiando-a com dois S.S. como na inscripção ARQVIVS :

H.S.S.F.

(7) Na eira da casa da Deveza podem vêr-se alguns fragmentos de columnas, encontradas n'este campo.

«Se em face dos objectos encontrados e destruidos seria difficil formar um juizo seguro sobre a origem da povoação, que alli floresceu, e sobre a época em que deixou de existir; na falta de tudo isto, qualquer apreciação não passaria d'uma hypothese ôca.

«M. Netto, fiado nas abreviaturas CINNS GL, que lia na *inscripção* do Sobrado, e que interpretava *Cinnaniae gloria*, alvitrava que estaria aqui a *Cinnania* de Valerio Maximo; e entretinha-se em refutar a opinião dos que a collocavam nas faldas do Marão ou no monte de S. Romão (*Citania*).

«D'esta ultima, diz elle, que, pela sua configuração, não era susceptivel de resistir ao exercito de Bruto; nem ahi se descobriam, por meio de excavações, vestigios alguns de povoação importante. Ignorava Netto que a *Cinnania* de Maximo só podia ser, nem mais nem menos, uma povoação do typo da *Citania*, que elle achava desprezivel.

«E por isso mesmo que a velha povoação de Vizella em nada se assimilha á *Citania*, é licito duvidar que ella remontasse a uma alta antiguidade.

«Com effeito, como a *Citania*, todas as povoações pre-romanas da Lusitania eram construidas n'um local facilmente defensavel.

«Por isso se escolhia sempre a corôa d'um monte ou outeiro, isolado por todos os lados; podendo ser, ou separado d'outro alto por um estreito isthmo, que pudesse ser cortado com facilidade por um fôsso ou por uma muralha, e por ambas as cousas juntas ás vezes. O relêvo orographico, em que se encontram as reliquias da povoação de Vizella, não está de modo nenhum n'estas condições; e deixa por isso inferir que estamos em face d'uma povoação d'origem post-romana—permitta-se-me a denominação.

«Como estas ultimas se formaram; como se fez a transição das primeiras para as segundas; é um ponto que só recebe luz de supposições mais ou menos vagas.

«Não ha duvida, que as povoações dos altos continuaram a subsistir durante a dominação roma-

na: a comparação de *Sabroso* e da *Citania* põe o facto fóra de toda a contestação.

«E' mesmo mais difficil encontrar *castros*, onde a influencia romana se não manifeste, do que o contrario.

«Em seguida, a maior parte dos *castros* foram abandonados; e é mais que provavel que o seu abandono fosse espontaneo. Depois da conquista definitiva do nosso paiz no tempo d'Augusto, a historia não menciona nenhuma insurreição dos Lusitanos, que motivasse uma medida politica violenta, egual á que tinha obrigado os Cantabros a abandonar os altos, vindo fixar-se na planicie e em logares abertos—medida que, conforme se vê dos nossos *castros* romanisados, não abrangeu a *Callaecia Bracaria* (10).

«Por outro lado, o abandono espontaneo dos *castros* tem uma rasão de ser muito natural. O que determinava a escolha dos altos escarpados para séde das antigas povoações, era com certeza a necessidade de pôr a vida e haveres dos seus moradores a salvo da invasão dos inimigos, provavelmente dos inimigos d'ao pé da porta. Toda e qualquer commodidade era sacrificada áquella necessidade imperiosa. Com a pacificação da peninsula e o protectorado romano, a unica vantagem dos altos desapparece, ficando bem accentuadas as suas desvantagens sem conta. A despovoação dos *castros* á custa das povoações da planicie é quasi inevitavel e fatal.

*

«Onde estão agora as povoações d'este novo typo? Já dissemos que a Susana da tradição popular

---

(10) Segundo Dion Cassio, egual medida tomou Cesar a respeito d'alguns povos da Lusitania; mas o theatro dos feitos de Cesar foi para o sul do rio Douro.

de Vizella era, no nosso entender, uma d'ellas: veremos que mais alguma se encontra no nosso concelho; mas a sua raridade, mórmente em confronto com a abundancia das estações pre-romanas, é verdadeiramente surprehendente. A explicação parece-nos ser esta: As povoações concentradas são agora uma excepção; em regra a população dispersa-se pelo valle, pouco mais ou menos como a vemos hoje nas freguezias ruraes: e n'estas condições imagina-se que memorias ella poderia deixar de si.

«Não obstante, attentemos na particularidade seguinte. Os investigadores das nossas antiguidades hão de notar muitas vezes que ao sopé dos castros, e geralmente onde hoje se vê a *egreja parochial*, é vulgar o achado de fragmentos de telha com rebordo, eguaes aos da povoação abandonada no alto.

«Tambem n'essas *egrejas* se encontram não raro lapides funerarias ou votivas, que de certo não foram trazidas de longe.

«A que tempos remontam estas obscuras *egrejas* d'aldêa, successivamente desfiguradas pelas reconstrucções que têm soffrido? Ignora-se; mas algumas d'ellas ergueram-se com certeza no mesmo local, onde floresceu um culto pagão (11): e talvez por isso mesmo, não será desarrasoado crêr que, antes da introducção do christianismo, o que hoje é séde da freguezia fosse um como centro religioso e social das populações, que iam desertando os *castros*, e estabelecendo aqui e alli pelo valle as suas habitações.

«N'este presupposto, são as velharias achadas em torno das velhas *egrejas* parochiaes os unicos vestigios das povoações romanisadas d'esta ordem.

«Quanto ás outras, ás que por qualquer moti-

---

(11) Por exemplo a *egreja* de Ronfe, onde foi encontrada uma *inscripção* dedicada ao deus DURBEDICO.

vo condensaram as suas habitações n'uma área limitada, a sua raridade explica-se talvez sem custo.

«A não sobrevir uma especie de cataclismo, que nos encobrisse estas pequenas *Pompeias*, mais que provavelmente ellas persistiram até hoje, transformando-se de seculo para seculo, e devorando, deixem-nos dizer assim, o seu passado, material e moralmente fallando.

«E' bem possivel que a antiga Vizella estivesse n'aquelle caso; e a sua *exploração* seria por isso d'uma importancia incalculavel. Tal *exploração* póde dizer-se impossivel.

«Mais facil e com resultados certos era a das *antigas thermas*. Não será porêm no nosso tempo que a veremos realisada.

«Hoje, o que ha de melhor a fazer, quando uma *excavação casual* põe a descoberto algum mosaico, é mandar *soterral-o immediatamente;* para o salvar do vandalismo dos curiosos.

«D'estas importantes ruinas apenas se sabe que ellas são da época romana; mas o nome de Bormanico—um deus Lusitano—que se encontra n'uma inscripção achada na Lameira, e n'outra achada no Mourisco, deixa entender que, já antes da dominação romana, as *aguas thermaes* de Vizella tinham fama de miraculosas».

*

Como o snr. dr. Martins Sarmento allude n'esta transcripção a José Diogo Mascarenhas Neto, primeiro explorador das ruinas romanas vizellenses, extractaremos da sua *Memoria* de 1792 o que nos parece mais essencial, para o plausibilismo d'uma via romana, que de Braga se dirigisse para alem do rio Tamega, (*Tamaca* do Itinerario d'Antonino), passando pelos estabelecimentos balneares das Caldas das Taipas e das Caldas de Vizella.

Vejamos esses excerptos valiosos:

«Haverá 80 annos (1712 pouco mais ou menos), segundo a tradicção dos povos, que alguns moradores da freguezia de S. Miguel das Caldas, huma legua ao Sul de Guimarães, principiaram a descobrir as paredes de um *tanque*, e ruinas de edificios subterrados na planicie chamada *Lameira*, onde passa um pequeno ribeiro, que se vai metter correndo para o Sul no rio Vizella, na distancia de 500 passos.

«O mesmo *tanque* se conservou por muitos annos entupido, porque a *Camara de Guimarães* prohibiu aos povos o continuarem a excavação; e nas suas visinhanças, dentro daquella planice, existiam cinco nascentes de agua, com diversos gráos de calôr. Já antes desta descoberta se fazia uso das mesmas aguas para banhos, conduzindo-se em pipas para o Porto, para Guimarães, e para outras povoações; pois que no sitio do seu nascimento não havia commodidade alguma: ellas estavão em charcos descobertos, onde apenas alguns pobres he que tomarão banhos, observando-se com tudo maravilhosos effeitos.

«Os escriptores do principio d'este seculo o affirmam: (*Corografia Portugueza*, fallando de S. Miguel das Caldas).

«Isto deu causa a que, no anno de 1785, se fizesse no sitio da Lameira uma *barraca* coberta de colmo, no espaço em que existiam dous charcos de agua quente, nos quaes tomáram banhos com feliz successo algumas pessoas. No anno de 1787 fez o actual possuidor do terreno huma *barraca* mais commoda, e n'ella construio hum banho; e descobrindo outro, que se achava subterrado, se principiaram a vêr indicios de huma magnifica construcção. Isto me obrigou a animar o referido homem, para fazer n'aquelle sitio huma *excavação maior*, por meio da qual se descobriram no anno de 1788 dezesseis nascentes de agoa, e 8 banhos construidos de argamassas diversas, e fragmentos de tijolo, guarnecida toda a sua superficie com *xadrez* de varias cores, formados de pequenos quadrados de composição calcarea.

«Igualmente se tem achado restos de passeios, que se dirigiam de huns banhos para outros, e eram formados como os mesmos banhos.

«Huma e outra cousa inculca a grandeza d'esta obra, e a sua rica e importante construcção.

«Pareceo-me hum semilhante objecto digno de trabalho, e de curiosidade que se augmentou, á proporção que observei nas visinhanças da Lameira, e por quasi todo o districto, que comprehende a freguezia de S. Miguel das Caldas, a de S. João das Caldas, e parte da de Santo Adrião, muita qualidade de *pedra fina* empregada nas paredes de curraes de gados, nas que tapam as fazendas, e nas casas dos Lavradores: conhecendo-se evidentemente que a referida *pedra* tinha servido em edificios importantes, não só pelo feitio e talho della, mas tambem pela sua qualidade: pois que, conferida com a dos montes visinhos, só podia ser transportada de duas e mais legoas de distancia: ou se extinguio nos mesmos montes por effeito da muita construcção de edificios, o que não he provavel, por não existirem restos, que lhe sejam analogos.

«Igualmente entrei a observar, que nos campos daquelle districto se encontram muitos fragmentos de tijolo excellente, e de telha; e que os Lavradores, quando lavram as terras, descobriam restos de paredes formadas de pedra fina, argamassa, e tijolos; e os mesmos Lavradores se aproveitam da pedra, que desenterram nas suas fazendas, e fazem com ella casas e tapagem de campos.

«Informei-me, com a exacção possivel, de tudo o que as pessoas d'aquelle districto conservavam n'esta materia; e deste modo soube, que, fazendo-se a torre da Igreja de S. Miguel das Caldas no anno de 1777, ao abrir o alicerce appareceram umas paredes na altura de 20 palmos, e entre ellas varias *sepulturas* com os lados e tampa de pedra fina, e o fundo de hum tijolo do mesmo tamanho da sepultura; e existiam nellas os ossos dos corpos em huma quasi perfeita organisação, mas com pouca consistencia. Com a pedra fina lavrada, que se tirou no es-

paço que se abria para o alicerce, se fez toda a cornija, e os cunhaes da torre.

«Isto mesmo observei eu; porque mandando excavar em mais de 100 passos distantes da torre, e segundo a direcção que me informavam tinham as paredes, vim a achar n'aquella distancia continuação das mesmas paredes, e sepulturas da construcção que me tinham informado.

«Na distancia de 40 passos, para o lado das paredes subterradas, se arrancou ha *12* annos huma nogueira muito velha, e por baixo d'ella se achou hum forno de tijolo, sobre o qual existia a altura de terra, em que aquella arvore se nutrio.

«He de notar, que a situação, em que se acham as sepulturas, e paredes subterradas na altura referida, e a mesma em que se encontrou o forno, existem no *alto* de hum outeiro, para o qual sómente por huma estreita lingua podiam as terras de hum monte visinho, mais alto, ser impellidas por virtude dos meteoros; e só por esta causa, e com as terras formadas dos vegetaes e agricultura, não podia subir a superficie a semilhante altura sem hum successo extraordinario, ou huma grande e longa successão de seculos.

*

«Vendo que nas margens do Vizella, atravessando em directa recta do sitio da Lameira, na distancia de 540 passos, existia hum olho de agua quente, mandei fazer huma excavação; e junto a elle, ao longo de varios penedos e rochas, encontrei huma especie de *banqueta*, de que se conhecem vestigios successivos na distancia de 200 passos; a sua construcção he de argamassa, e de tanta variedade de tijolos da mais solida consistencia, que me obrigou a fazer huma idêa respeitavel da grandeza, e luzes dos antigos edificadores d'aquelle indicado edificio.

«Junto á mesma *banqueta*, na face fronteira ao rio Vizella, que lhe dista 20 passos, existem restos de banhos arruinados, e da mesma construcção dos outros que se descobriram na Lameira. A mencionada banqueta se acha ligada aos penedos, e com uma consistencia e união tal, que parece tudo huma só peça de igual dureza: e junto á *banqueta* descobri 4 nascentes de agua com diversos gráos de calor, conduzida por differentes cannos.

«N'esta excavação appareceo huma *cunha* de pedra preta, cuja applicação não posso descobrir; pois que o maior polimento, que tem de huma parte inculca fricção, que com ella se fazia: e isto obsta para que se possa attribuir ao supersticioso costume do funeral dos Carthaginezes.

«Da mesma fórma tem apparecido a 12 e 15 palmos de altura alguns dentes de animal, que pela grandeza, que d'elles se deduz, nos he hoje desconhecido; e tambem se acharam alguns da mesma especie na excavação nos banhos da Lameira.

*

«Dozentos e cincoenta passos distantes destas novas aguas, se encontram no rio Vizella, em hum sitio chamado Porto Cavalleiro, algumas pedras lavradas, que indicam ter servido em arco de ponte; e aquelle logar he, segundo a posição das montanhas, o mais apto para a communicação de huns banhos para outros, e da povoação que, de huma e outra parte, inculcam os indicios ponderados.

*

«No leito do rio Vizella, 60 passos distantes do Poço Quente, (que assim se chama o sitio de que já tractamos), existem dous olhos de agua tão quente, que com 6 e 7 palmos de agua, e a veloz corrente que o rio tem n'aquelle logar, nenhum homem

póde parar os pès sobre elles; e a do rio se conserva quente atè á superficie, o que succede tambem no Inverno; pois que nas occasiões dos maiores frios se observa huma grande quantidade de peixes na circumferencia dos olhos da agua quente.

«Alguns homens me tem informado, que, depois de grandes enchentes, (porque o rio leva n'essas occasiões os depositos), se descobre tijolo e argamassa no logar em que sahem os olhos da agua quente.

«Eu tenho indagado esta materia; e uniformemente adquiri a mesma noticia por todas as pessoas mais experimentadas do rio com o exercicio da pesca; mas espero ter nisto ideias exactas, quando o rio no verão proximo der logar ao trabalho e observação, posto que n'aquelle sitio em nenhum tempo leva menos de 5 palmos de agua.

*

«Na idêa de existirem restos de *banho artificial* no leito do rio, (o que me parece certo á vista das muitas informações, que tenho indagado dos pràticos), he necessario considerar uma grande transmutação n'aquelle sitio; principalmente porque nas visinhanças delle, em algumas partes, corre o rio entre montes escarpados e pedregosos, que por isso não só fazem mais difficultosa a mudança do seu leito, mas tambem, comprimindo-se as aguas, augmentam a sua potencia na rasão directa da velocidade deduzida do seu pezo, e da inclinação do plano por onde corre, impedindo que a superficie do leito se possa levantar com os depositos das aguas, que em tal caso são levadas pelas correntes.

«Plinio, e alguns antigos, que fallaram da Lusitania, não fazem menção do rio Vizella, tractando ao mesmo tempo d'outros, que hoje se não consideram tão importantes. Huma, e outra cousa me persuade, que, ou por alguma revolução do terreno, que parece tanto mais possivel, quanto o sitio

inculca abundancia de mineraes inflammatorios; ou por effeito do longo tempo, que tambem altera a natureza e superficie da terra, o rio Vizella se formou em tempo posterior á edificação, e existencia dos banhos, que se acham arruinados no seu leito.

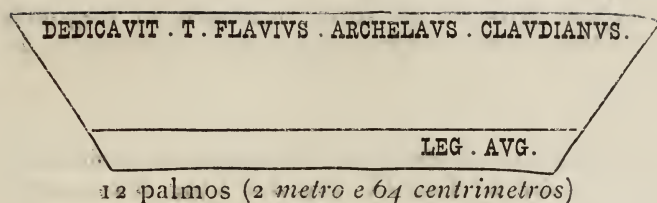
«A construcção dos banhos, e os effeitos que elles produzem a favor da saude dos povos, dão huma idêa certa de que aquellas aguas tiveram grande reputação: e por outra parte é evidente, que alli existio *povoação muito importante*, susceptivel de tanta arte e magnificencia.

«A muita variedade de tijolos da mais solida consistencia, de que se encontram fragmentos nos banhos e nas mais ruinas, e dos quaes apresento algumas amostras, inculca muitas officinas, que só se podem considerar de huma sumptuosa e grande edificação. Sendo de notar que n'aquelle districto, e ainda mesmo a duas e tres leguas de distancia, ha uma grande falta de argillas proprias para semilhante construcção.

«Todas estas circumstancias me fizerão entrar no trabalho de indagar qual fosse o *auctor* d'aquelles banhos, e qual fosse a *povoação antiga*, a que pertencem as ruinas subterradas.

«Dos povos, que domináram a antiga Lusitania, só os Romanos eram capazes de huma semilhante obra, propria dos seus conhecimentos, e dos seus costumes; pois que o uso dos *banhos* foi para elles não só hum objecto de saude, mas tambem de luxo.

«Os nossos historiadores, ou não poderam, ou se não cansaram em examinar este assumpto. O Auctor da *Monarchia Lusitana* apenas diz, que em S. Miguel das Caldas ha fontes d'agua quente; e refere a *inscripção* de uma pedra, que dalli foi transportada para a quinta de Aldão, visinha d'esta Villa, e que existe da forma seguinte:

12 palmos (2 *metro e 64 centrimetros*)

«Esta *inscripção*, pelo seu contexto, e pelo mesmo feitio da pedra que representa ter servido em cimalha de portico, inculca edificio que se dedicou por Tito Flavio a alguma Divindade ou Heroe, que se deve considerar escripto na segunda pedra da cimalha; pois que conhece-se, que aquellas palavras são restos de *inscripção maior*, que alli findou. Assim o inculca não só o contexto das lettras, mas o mesmo feitio da pedra, e fórma porque ellas estão escriptas.

«He tradicção constante das pessoas velhas d'aquelle districto, que a referida pedra fôra desenterrada no sitio da Lameira, na occasião da primeira descoberta de que fallei no principio destas *Memorias*; e que fôra então transportada para a quinta de Aldão, assim como succedeu com outra que existe na quinta do Cirne, na freguezia de S. João das Caldas, e cuja *inscripção* se mostra na copia letra X.

*

(X) Esta lapide da Quinta do Paço (conhecida egualmente com o nome do Cirne), *restituiu-a epigraphicamente* o sr. dr. Emilio Hübner com summa pericia lapidaria: e d'este sabio allemão transcreve a copia o snr. dr. Martins Sarmento no ja citado n.º da *Revista de Guimarães*.

Consta de duas partes esta inscripção achada na Lameira, na occasião do apparecimento casual do *Banho grande* em 1787, ao construir-se alli a primeira barraca balnear no local do *Banho Lua Chea*, (como o povo os começava a denominar ambos desde então).

«José Ribeiro do Adro, morador na freguezia de S. Miguel das Caldas, achou nas visinhanças do

---

No JORNAL da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, de Lisbôa, na Ser. 2.ª Tom. IV (pag. 318 a pag. 335), acha-se um *Esboço Topographico* das Caldas de Vizella, em que as descreve com datas curiosas o sr. dr. Pereira Caldas, a quem o *Diccionario Bibliographico* do snr. Innocencio Francisco da Silva alli dá nascido em 26 de Janeiro de 1818.

Eis aqui a inscripção na parte primeira:

C.POMPEIVS
GAL.CATVRO
NIS.F*il*.*r*E*ct*
VGENVS.VX
SAMENSIS
DEO.BORMA
NICO.V.S.L.M.

Eis a parte segunda gravada em seguimento da primeira:

QVISQVIS.HO
NOREM.AGI
TAS.ITA.TE TVA
GLORIA.SERVET
PRAECIPIAS
PVERO.NE
LINAT.NVNC
LAPIDEM

N'esta recommendação de não se consentir aos *rapazes*, que da lapide fizessem *urinatorio*, acha o sr. dr. Emilio Hübner (NOTICIAS ARCHEOLOGICAS DE PORTUGAL, versão do sr. Augusto Soromenho, pag. 84), uma variante d'outra inscripção de Formiae na Italia, e que o profundo philologista allemão, o sr. Thomaz Mommsen, insere com o n.º 4135 no CORPUS das Inscripções Napolitanas.

seu casal uma pedra enterrada, e contem a inscripção que representa a copia—letra Z.

«No logar do Sobrado da mesma freguezia, e no qual se conhecem muitos vestigios de edificios arruinados. fui achar na parede das casas do Lavrador Manuel Francisco huma *pedra*, que mostrava na face descoberta conter alguma *inscripção;* e fazendo-a tirar, vi que a mesma *pedra* era o resto de hum padrão com quatro faces regulares, cada huma de dous palmos, com meio de largura; e por todas ellas existe parte da *inscripção*, que vinha começada da

---

(Z) Esta lapide da Casa do Aidro, (como o povo a denomina), e a que o sr. dr. Martins Sarmento allude nos extractos anteriores aqui feitos da *Revista de Guimarães*, restituida epigraphicamente pelo distincto lapidarista o sr. dr. Emilio Hübner, e modificada apenas na primeira linha pelo sr. dr. Pereira Caldas, tem na face anversa o theor seguinte:

V.L(*i*)B.S.M.
GENIO L
AQVINI
ESI.FLAV
FLAVINI(*f.*)
EX LO(*quela*)

Na face reversa é seu theor o seguinte:

GE(*nio*).LA(*quiniesi*).

Parece-nos effectivamente mais natural, no anverso d'este cippo, a decifração *Votum Libens Solvit Merito*—do que o *Sacrum* com suppressão das lettras anteriores VLB na copia pouco feliz de Mascarenhas Netto.

pedra que falta; pois se acha quebrada pela parte da base superior: e a mesma inscripção vai copiada —letra Y».

*

(Y) Era faceada em quatro lados, e com inscripções em cada uma d'ellas, esta lapide romana da Casa do Sobrado, que fica a bastante distancia da povoação da Lameira, (onde se acham sobterradas as piscinas romanas), e em situação local elevada em relação aos locaes visinhos.

E' por isso altamente lamentavel a perda deste monumento epigraphico, de que o sr. dr. Emilio Hübner, em face, da estropiada copia de Mascarenhas Netto, pôde fazer pacientemente a restituição lapidaria.

Na face principal, e tomando por guia o sabio allemão, affigura-se ao sr. dr. Pereira Caldas o seguinte:

LVCINA*e*.
MINER
VAE.SOLI.
LVNAE.DI
IS.OMNIP*o*T.
FORTVNA*e*.
MERCVR.
GENIO.IO
VIS.GENIO.
MARTIS

Na face immediata:

*cer*ERI.
*g*EN.VICT
ORIAE.GE
NIO.MEO
DIIS.SED
IS.PER.*a*VG?
GEN.MOR*tis*?

*

Foi oriundo de sangue grego Tito Flavio Archelau Claudiano, como o nome Archelau evidentemente o manifesta.

Era legado augustal do imperio romano, como da lapide se vê; e que o Padre Argote, (MEMORIAS. Tom. II. n. 761), inexactamente diz achada em S. Miguel de Caldellas em logar de S. Miguel das Caldas.

Inexactamente diz tambem, que não eram conhecidas até o anno de 1734, (em que fôra publicado o seu volume), as ruinas thermaes de Vizella.

Na *Monarchia Lusitana* (L. V. C. I.) diz Frei Bernardo de Brito o seguinte:

«Junto a Guimarães, em uma Quinta chamada Aldão, está uma pedra comprida, que antigamente esteve em S. Miguel das Caldas, uma legua da mesma villa; na qual se faz menção d'um Legado de

---

Na face immediata:

*a*ESCVLA
PIO.HYGI*ae*.
SOMNO.
*v*ENERI.
*c*VPIDINI
*c*AELO.H(*onore*).R(*ecepto*)?
(*anim*)O.L(*i*)B.V.S.

Na ultima face apparecem fieiras de lettras indecifraveis, concernentes naturalmente ao nome do dedicante, e que são as seguintes:

........AI...
C. C. C.
R. COS.
CINNS.
GL.

Augusto, que devia dedicar-lhe n'aquelle logar algum templo ou estatua».

Copía Frei Bernardo de Brito a *inscripção* de TITO FLAVIO, e accrescenta o seguinte:

«Qual a dedicação fosse, nem a cousa dedicada, não consta; mas como no logar donde foi trazida estão umas fontes d'agua quente, e durem ainda alli vestigios de banhos antigos, a que os romanos eram affeiçoados, è mui possivel que fosse a dedicação d'algum *edificio publico*, feito por ordem d'este Legado, em commum beneficio dos enfermos que concorressem áquelles banhos; por serem como hoje se vê, d'agua mui salutifera, e acomodada para curar muitas enfermidades, em particular aquellas que nascem de cousas frias».

Como é de 1609 o Tomo II da *Monarchia Lusitana* em que se acha o Livro V no principio, vê-se por este facto ter sido achada a cimalha no logar da Lameira, em fins do seculo quinhentista, e não em 1787, como affirma o Mascaranhas Netto, conglobando esta lapide de Aldão com a outra da Quinta do Cirne.

No imperio de Vespasiano e seus filhos, acclamado no anno 69 da Era Vulgar, e fallecido com 70 de edade 10 annos depois, eram mais communs que n'outros tempos os nomes Titos e Flavios, devido isto ao grande numero de libertos, a quem os senhores d'elles davam os seus nomes.

Se pela procedencia do sangue era Tito Flavio um d'esses libertos, e o era de Vespasiano ou de Tito, fallecidos em 79 e 81, podia no fim de 10 ou 12 annos obter aqui Tito Flavio uma legacia augustal no imperio de Domiciano, que fôra acclamado no anno 81 da Era Vulgar, sendo assassinado aos 45 de edade, e aos 27 de Cesar, 15 annos depois da acclamação.

Tito Flavio não era portanto como affirma Frei Bernardo de Brito, legado do imperador Octavio Augusto, onde os Flavios não tinham a importancia nominal que deixamos expendida.

Nada nos diz tambem o Padre Argote ácerca d'esta obra romana, quando se refere a ter sido levada a sua lapide, (hoje no *Museu Sarmento* em Guimarães) para a Quinta d'Aldão, alli nos suburbios, pelo Dr. Manuel Barbosa, um dos filhos mais illustres e distinctos do Berço da Monarchia.

Devia ser comtudo obra grandiosa, como suppõe Frei Bernardo de Brito, attento o caracter governamental do dedicante, e o aspecto magestoso das ruinas das piscinas vizellenses, com mosaicos variados nos fundos e nos lados de quasi todas— salva a acção destruidora dos seculos e o vandalismo local dos seus descobridores.

Talvez essa obra grandiosa estivesse no local da mais antiga Casa do Paulino, com este nome geralmente conhecida, e onde ainda ha poucos annos fôra descoberto casualmente, proximo á quina esquerda das escadas exteriores, um amplo mosaico de côres variadas, dilatando-se para o lado de traz das casas e na direcção do caminho para a matriz de S. Miguel, de que fica proxima a Casa da Deveza, onde desde muito tempo se descobrem a cada passo numerosas ruinas romanas.

Não podiam por isso deixar de ter uma *via romana* desde a *Bracara Augusta* (Braga), como capital do Convento Juridico (Chancellaria Judicial), as numerosas piscinas romanas de Vizella.

Não viria de certo um legado augustal de Roma fazer dedicações a uma localidade provincial, com manifestos vestigios de riquezas industriaes, para onde a capital do imperio não tivesse ordenado ou permittido as convenientes communicações itinerarias.

Mas accresce a isto ainda um testimunho importante, devido ás descobertas archeologicas d'outrora, e vem a ser uma lapide votiva d'um *lapidario romano*, que tinha a missão de *canteiro* (lapidario), abrindo caminhos, tirando-lhes pedras, e cortando-lhas conforme o testimunho historico d'Ulpiano.

Na *Revista de Guimarães* dá-nos o snr. dr. Mar-

tins Sarmento, no mesmo n. 4 dos excerptos aqui transcriptos, essa inscripção que o Padre Argote inserira nas MEMORIAS (Tom. II. n. 1043).

E' seu theor o seguinte:

REBVR
RINVS
LAPIDA
RIVS.CA
STAECIS
V.L.S.
M.

Dando-lhe o Padre Argote a versão em vernaculo, accrescenta-lhe por fim as palavras seguintes:

«O que se não percebe, são os *Castecos* a quem poz a memoria, ou para quem fez a sepultura».

Em primeiro logar, é *votiva* e não *sepulchral* esta lapide; levando-nos a isso Castro Gonzales, (Versão hespanhola das INSTITUIÇÕES ANTIQUARIO-LAPIDARES do italiano Zaccaria, Livr. II. cap. II. Inscripções Votivas, e cap. VII—Inscripções Sepulchraes).

Em segundo logar, eram *Castecos* os povos e os deuses talvez de *Castaca*, chamada tambem *Castulon*, (Castulo), e de que havia na Provincia Tarraconense duas cidades com nome egual; uma na Andaluzia no local de *Cazlon la Vieja*, e outra na Catalunha no local de *Castelló*.

Esta existencia d'um *lapidario romano* (canteiro), proximamente das antigas thermas das Caldas de Vizella, é valioso testimunho da comprovação d'uma *via romana* para ellas, que por modo algum podiam deixar d'estar em muita communicação com a capital do seu convento juridico, attenta a importancia balnear que as suas numerosas ruinas attestam.

Tanto Santa Eulalia de Barrosas, como Santo

Adrião de Vizella, (onde ha tambem uma lapide romana, que não deixaremos d'invocar em auxilio comprovativo da mesma *via romana*), são parochias visinhas de S. Miguel das Caldas, e S. João das Caldas, onde Mascarenhas Netto iniciára as excavações archeologicas das suas thermas romanas.

E' *sepulchral* esta lapide de Santo Adrião, memorada mal no Padre Argote, no mesmo volume das MEMORIAS (n.º 1042), e mal memorada tambem pelo snr. dr. Emilio Hübner no *Corpus Inscriptionum*, para onde em bôa fé a transcrevêra do Padre Argote, que a insere com referencia a uns *Centuriões* que phantasiára:

D.M.S.
PROVINCIAL
VEREVS.NEI
PROVINCIAL
PROTIDI.CC

Acha-se com tudo perfeitamente lida e decifrada pelo snr. dr. Martins Sarmento, com a sciencia e pericia dos seus variados trabalhos archeologicos.

Está essa copia exacta no mesmo n.º da *Revista de Guimarães* de que temos tomado os excerptos aqui reproduzidos.

Diz a inscripção o seguinte:

D.M.S.
PROVINCIVS
NEREVS.P.I.
PROVINCIALI
PROTIDI.CO
NIVGI.KARISSI
MAE.AN.XXVI.

Estando embutida esta lapide na parede da capella-mór da egreja matriz, no lado que frontea com o antigo castro pre-romano do monte da Senhora da Tocha, foi de certo achada no mesmo local onde está, e approveitada simplesmente como pedra de construcção.

Como é lapide isolada, sem outras mais em disposição de necropole, foi naturalmente achada em orla de *via romana*, que das antigas thermas de Vizella por esse local passasse em direcção a ponte romana do rio Tamaga (*Tamaca* então),

Devia pois haver ponte em Amarante, no rio Tamaga (*Tamaca*), a communicar a VIA ROMANA n'uma e n'outra margem.

No PORTUGAL ANTIGO E MODERNO, (*Amarante*, Tom. I. pag. 189), lembra o fallecido snr. Augusto Soares d'Azevedo Barbosa Pinho Leal a tradicção, que attribue ao Imperador Trajano a primeira ponte amarantina.

Se assim aconteceu, não foi a sua construcção, como lembra o snr. Pinho Leal, pelos annos 106 antes da Era Vulgar; pois teve logar no anno 53 desta Era o nascimento do Imperador Trajano.

Não sendo crivel a incommunicabilidade dos povos das duas margens, no caudaloso rio Tamaga, antes da dominação romana; é de suppor que no local tivessem já ponte sua os povos então dominados, e por ventura de PONTÕES FLUCTUANTES.

Com *pontões de tonneis*, atravessou a corrente do rio Douro o Infante D. Pedro, regente do reino na menoridade de D. Affonso V, para combater o Conde de Barcellos, então revoltado contra a auctoridade real.

Não eram porêm só então usados os *pontões fluctuantes:* são d'antiquissima data em passagens de rios *invadiaveis*

Sem comtudo alludirmos a remotissimos tempos, bastar-nos-ha servir-nos do testimunho de Julio Cesar, (DE BELLO CIVILI, Livr. I. cap. XLVIII), que nos affirma passarem facilmente os rios a nado

(por caudalosos que fossem), tanto as tropas ligeiras dos Lusitanos, como os soldados d'adarga da Hispania Citerior, em rasão de nunca nas marchas deixarem de levar para isso *odres* comsigo.

Da configuração d'estes *odres*, e do ligamen d'uns com outros em *pontes fluctuantes*, occupa-se o curiosissimo e rarissimo volume Flavius Vegetius Renatus, *& alii Scriptores Antiqui de Re Militari. cum Commentariis Stewechii, Modii & Scriverii*, (Vesaliae, Typis Hoogenhuysen, 1670, 8.º gr., gross., pag. 292).

Em vista d'um testimunho tão explicito de Julio Cesar, auctoridade respeitabilissima como ocular que era, não só fica valorisada cabalmente a existencia do *estratagema*, como ainda comprovado o *desconhecimento* d'elle entre os romanos até então.

Não é crivel por isso, que os povos comarcãos do Tamega, (ainda antes do dominio romano), deixassem de ter em *Amarante* uma *ponte de fluctuação* ao menos.

Ulteriormente, n'esse dominio romano e com a via particular d'então, outra *ponte* d'outra especie deveria haver: e seria plausivelmente a reconstruida depois nos annos de 1260 por S. Gonçalo d'Amarante, oriundo da parochia rural de S. Salvador de Tágilde, no logar da Arriconha, na famigerada ribeira das Caldas de Vizella.

A ponte amarantina actual, uma das mais primorosas d'arcarias de pedra em nosso paiz, data de 1790, no reinado de D. Maria I, superintendendo-a o Desembargador Caetano José da Rocha e Mello.

No Padre Argote, (Memorias, Titul. I. Tom. II. n. 762 a 764), indicam-se vestigios de ruinas romanas em Cristello de S. Verissimo na margem esquerda do rio Vizella, indicando-se ruinas similhantes (n. 765), no monte de S. Jorge a uma legua do de Christello, e fronteando com o antigo mosteiro de Caramos, da extincta ordem religiosa de conegos regrantes de Santo Agostinho.

Todas estas antigas ruinas, com outras ainda dos montes das visinhanças, individúa magistralmente o sr. dr. Martins Sarmento, como testimunha ocular, no já citado n.º 4 da *Revista de Guimarães*.

Somos por isso levados a inferir, que sem duvida estavam em communicação com as thermas romanas das Caldas de Vizella, por meio d'uma *via central*, não militar, todas as povoações antigas até aqui mencionadas, e com ellas egualmente as demais esparsas pelos montes até á margem direita do rio Tamaga (*Tamaca* dos romanos).

Não temos por superfluo quanto a este respeito dissermos e repetirmos, por que julgamos as insistencias bem cabidas n'uma senda de pouca luz em muitas trevas, como é esta esboçada na *Noticia Archeologica* das Caldas de Vizella, que em 1853 fôra impressa em Braga.

Ahi è tratado este assumpto desde o § 13 até o § 17, que é o final d'esse opusculo de tiragem limitada.

O seu auctor snr. dr. Pereira Caldas, retomou este assumpto, em fins do anno de 1883, n'uma serie d'artigos publicados no bi-semanario bracarense «O Constituinte» (5.º anno, n. 349 a 350), fazendo depois uma tiragem com o titulo *Uma Inscripção Romana* de Caria de Lamego, transcripta sem decifração no *Elucidario de Viterbo*.

Foi achada essa inscripção em 1788 no logar de *Vide*, proximo de Caria, no bispado de Lamego, onde por seus contornos tem sido encontradas por vezes não poucas lapides romanas.

Na *Monarchia Lusitana* (Liv. III. Cap. XIV), falla d'algumas d'estas lapides Fr. Bernardo de Brito, occupando-se d'outras, no seu *Elucidario*, Fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo.

Damos em copia a lapide de 1788, com o A e V da linha 2.ª aqui desligados, achando-se ambos em sigla na inscripção :

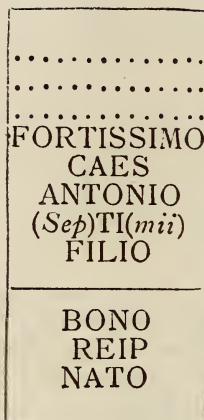
IMP.
M.AV.
V.M.E.
AVG.P.F.
P.M.T.P.
P.P.
IIXX.

O texto latino dado por extenso pelo snr. dr. Pereira Caldas é o seguinte:

«Imperator . Marcus . Aurelius . Valerius . Maximianus . Erculeus . Augustus . Pius . Felix . Pontifex . Maximus . Tribunitia . Potestate . Pater . Patriae . Duo . De . Viginti».

Versão em portuguez:

«O Imperador Marco Aurelio Valerio Maximiano Hercules, Augusto, Pio, Feliz, Pontifice Maximo, com Poder Tribunicio, Pae da Patria: Desoito Mil Passos».

E' portanto esta lapide, que Viterbo diz conservar-se n'uma casa do local, um marco milliario de *via romana,* assim como talvez o fosse outro cippo d'uns 2^{m},20 d'alto (10 palmos), achado sobre uma base quadrada, no mesmo anno, na Quinta da Lagoa, e de que Viterbo nos dá tambem a inscripção: e suppôe-a referente ao Imperador Marco Aurelio Antonino, Caracalla, filho do Imperador Septimio Severo. E funda-se Viterbo n'esta supposição, por achar no fim da inscripção o seguinte:

E isto lhe da para epocha da erecção da lapide os annos entre 212 e 217 da Era Vulgar, em que o Imperador Caracalla tivera as redeas do governo sem o irmão Geta, como entre 211 e 212 as tivera reinando com elle.

Tem comtudo para si o laborioso auctor do *Elucidario*, apesar do vago d'essa lapide da Lagoa, que por alli corria de certo alguma *via romana*, que da capital callaica *Bracara Augusta* (Braga), aonde á sua chancellaria concorriam 24 *cidadanias*, (*civitates*) com 265000 pessoas, seguia a direcção itineraria para os Beirões, Transcudanos, e Pesures.

E ainda certamente o confirma na conjectura, entre outros vestigios romanos, a lapide sepulchral do logar de *Prados*, proximo á villa da Rua. e que elle assim nos transcreve :

VICTOR.
MARII.F.
HEIC.SE
P.IACET.

Pois um cippo funerario isolado, e em local de padrões milliarios, é prova provada, (permitta-se a expressão), da existencia por alli de *via romana*, em cujas orlas eram sepultados os que junto d'ellas pagavam á morte o seu tributo

Em confirmação d'esta conjectura, lembra ainda o ELUCIDARIO, que já o Padre Argote nas MEMORIAS (Titul. I. Tom. II., n. 968 a n. 971), indicára a suspeita d'uma *via romana* de Braga para Amarante; e que só por falta de vestigios e monumentos, que a comprovassem como cumpria, tivera d'abandonar a presumpção.

Talvez fosse levado a essa conjectura, por ter visto em D. Rodrigo da Cunha, (HISTORIA ECCLESIASTICA de Braga, Part. I. cap. III. n. 24 a n. 26) que de Braga sahia para Amarante uma *via romana*, CONSTANTE DE LAPIDES E MEMORIAS ANTIGAS, de que todavia não fallava o Imperador Antonino no ITINERARIO.

Para acclarar a ambiguidade do assumpto, vista a falta das lapides e memorias da referencia do Primaz, (e o facto de não serem romanas umas lapides de Amarante, invocadas como sendo-o), procedeu a averiguações officiaes o Padre Argote por via do Corregedor de Guimarães, o dr. Francisco Xavier da Serra.

E como nenhuns vestigios itinerarios fizessem luz entre essas trevas, viu-se forçado a concluir o Padre Argote, (n.º 970), que lhe parecia nunca ter havido essa *via romana*, POR NÃO SE APONTAR MONUMENTO ALGUM QUE FAÇA MENÇÃO D'ELLA, E NÃO HAVER ENTÃO PARA ISSO CONJECTURA PROVAVEL.

Hoje porêm, com o conhecimento dos cippos milliarios de S. Martinho de Sande e de Vide de Caria, alem dos restos archeologicos entre elles concomitantes, somos forçados a concluir com Viterbo no ELUCIDARIO :

—A' vista d'estes e outros documentos, poderemos não duvidar que de Braga se dirigia a Amarante uma *via romana;* e que ella d'Amarante se dirigia a *Cidadelhe*, povoação romana nas fraldas da

serra do Marão; e que, chegada ahi, derivava de si um ramal para a cidade de *Panoias*, que ficava em territorios de Villa Real, e outro ramal para os territorios de Caria de Lamego, e d'ahi para a região do *Riba-Coa* e para toda a *Beira-Alta*.

O conhecimento das ruinas romanas de Panoias e Cidadelhe, conjunctas a outras mais em correlação com ellas, e individuadas todas no Padre Argote (Titul. I. Tom. I. Livr. II. Dissert. II. Cap. VII e cap. VIII, e Titul. I. Tom. II. Livr. III. Cap. II. Cap. IV. e Cap. V), não deixam de ser tambem comprovações historicas, no que testimunham ainda hoje, da existencia d'uma *via romana*, que na dominação do *povo-rei* as tivesse em communicação com a *Bracara Augusta* (Braga), como capital que era do convento juridico de população immensa.

*

E' pelo conjuncto de todos os testimunhos aqui expendidos com intima confiança de comprovativos, que já vemos acceitas no estrangeiro estas nossas convicções itinerarias.

Achamol-as expressas pelo distincto archeologo da nação visinha o snr. D. Aureliano Fernandez Guerra y Orbe.

Na *Revista Archeologica* Lisbonense, do finado antiquario o snr. Borges de Figueiredo (Tom. II, 1888, n.º 6), encontrará o leitor a nossa referencia, no extenso artigo *Diez Ciudades Bracarenses nombradas en la Inscripcion de Chaves*, acompanhadas d'um bello *Mapa del Convento Juridico de Braga*.

E lembramos isto propositadamente: para notar o equivoco do profundo escriptor hespanhol, em confundir a via romana de *Bracara Augusta* para *Aquas Flavias* (que era *via militar*, e conseguintemente *via empedrada*, e sobordinada a disposições especiaes), com a *via romana* de *Bracara Augusta* para *Amaranthus*, (que por não ser *via militar*, não era sobordinada a essas disposições).

Por não serem attendidas as condições proprias das duas classes de *vias romanas*, (de que nas Memorias do Padre Argote, Titul. I. Tom. II. Dissert. III, estão as indicações concernentes, e que já no essencial aqui foram anteriormente summariadas); por isso não tem sido rastreada, como agora por miudo o fazemos, a *via romana* de Braga para Amarante (*Bracara Augusta* e *Amaranthus*)—passando pelas Caldas das Taipas e pelas Caldas de Vizella, e desviando-se no trajecto por fóra da antiga villa e nova cidade de Guimarães.

Se ao snr. Fernandez Guerra, illustradissimo como é, não tivesse a distracção occultado o que s. exc.ª de certo não ignora, deixaria o sabio epigraphista de tracejar *Salacia* entre o rio Vizella e o rio Tamaga, e não collocaria *Praesidium* no Pêzo da Regua, seguindo d'ahi para *Caladunum* pela direita do rio Corgo, e proseguindo então de *Caladunum* para Chaves (*Aquas Flavias*).

Parece-nos pois devermos concluir estas linhas, (com a consciencia de não phantasiarmos), rematando-as com a reproducção da affirmativa franca do Arcebispo D. Rodrigo da Cunha, (Historia Ecclesiastica de Braga, Part. I. Cap. III. n. 26), ao fallar-nos das *vias romanas* do convento juridico da *Bracara Augusta* (chancellaria de Braga):

«O *sexto caminho*....que leva a Guimarães e Amarante, (de que não fallou o Imperador Antonino)....*consta por lapides e memorias* antigas».

CAELIO

Nas Memorias do Padre Argote, (Tom. III. Supplem. ao Livro IV), acha-se em resumo o seguinte (n. 1334):

«No frontispicio da torre da Sé, para a parte da Rua de Santa Maria, chamada depois *do Poço*, (e actualmente Rua da Rainha), está para a parte da abobada esta inscripção:

A.ÇAELIO.TI
QUIR
FLACCO»

A esta transcripção inexacta dá o mesmo Padre Argote uma versão egualmente erronea:

«Esta Memoria se dedicou a Aulo Celio Flaco, da Tribu ou geração Quirina».

Depois d'esta versão, adduz o Padre Argote o que passamos a transcrever:

«Esta inscripção falsificou certo Auctor, lendo L.CATELIO (*Lucio Catelio*), a quem seguiram muitos: e foi notavel attrevimento, existindo a inscripção á vista de todo o mundo».

Deixou em silencio o mesmo Padre Argote, quem fosse o falsificador da lapide.

Folheando porêm nós o *Agiologio Lusitano* do Licenciado George Cardoso, viemos a saber pelo Tom. I. pag. 184, que fôra Gaspar Alvares de Lousada Machado, natural de Braga, e fallecido em Lis

boa a 29 de Outubro de 1634 com 80 annos de edade, o desastroso falsificador da lapide referida, que elle imaginára na forma seguinte:

C.ATELIO TITO QVIR.
C.A.

A' cerca do caracter moral e pericia litteraria de Lousada Machado, escrivão do Archivo da Torre do Tombo, encontra-se um testimunho irrecusavel nas *Dissertações Chronologicas* do Reverendo João Pedro Ribeiro, Tom. II. pag. 210, assim como nas suas *Observações Diplomaticas*, pag. 83 e 84; e que se acha reproduzido no *Diccionario Bibliographico* do fallecido snr. Innocencio Francisco da Silva :

«Da má fé com que procedia o preconisado antiquario bracarense, accusado de fabricador e abonador de documentos apocryphos, bem como da sua inpericia, e até ignorancia da Cronologia Ecclesiastica e Civil, e bem assim da nossa historia nacional, nos fallam Frei Joaquim de Santa Rosa de Viterbo, Frei Joaquim de Santo Agostinho Brito França Galvão, Frei Manuel de Figueiredo, e D. Antonio da Visitação Freire de Carvalho, para não innumerar outros mais, todos concordes em apregoal-o por um dos mais insignes falsarios, que produzíra o seculo XVI em Portugal e na Europa».

*

Fizemos photographar esta lapide, para fielmente a reproduzirmos em zincographia, e tentar interpretal-a conscienciosamente.

O que a zincographia nos dá é o seguinte :

Por extenso:
Tito Caelio, T(*iti*) F(*ilio*), Quirina, Flacco.
Em vernaculo:
A Tito Celio Flacco, Filho de Tito, da Tribu Quirina.

*

Acha-se escripto com o diphtongo AE o nome CAELIO; mas tambem na epigraphia peninsular apparece o mesmo nome com o diphtongo OE.

Vemol-o assim n'uma medalha de *Ilici*, antiga povoação na região dos Contestanos, hoje correspondente a Elche no golfo d'Alicante.

Foi cunhada em homenagem a Tiberio Cesar Augusto, filho do Divo Augusto, e Pontifice Maximo, sendo Duumviros Quinquennaes Tito Celio Proculo, e Marco Emilio Severo; dedicando-a ao Imperador a Colonia Julia Ilici Augusta (C. I. I. A.):

TI.CAESAR
DIVI.AVGVSTI.F.
AVGVSTVS.P.M.
C.I.I.A.
T.COELIVS PROCVLVS
M.AEMILIVS.SEVERVS
Q.

*

Da egreja de S. Pedro de Lómar copía o Padre Argote, (MEMORIAS Tom. I. n. 412), uma inscripção alli existente nas costas da parede do norte.

Eis o teor da lapide, que é muito semilhante á da *inscripção* da Sé :

T.CAELIO TI
QVIR
FLACCO.

Sotopõe-lhe o Padre Argote a seguinte versão :

«Esta Memoria se poz a Tito Celio Flacco, Filho de Tito, da geração Quirina».

Custa porêm a crêr, que á supposta *sigla* TI fosse dada a significação TITVS, quando é certo que deveria lerse TIBERIVS, segundo as regras da epigraphia romana—quando ella não fosse T. F. como é.

Quando TITVS não era significado só por T, devia sel-o então por TIT., como se vê d'uma lapide romana de Vilchez na Hespanha :

TIT.CAESARI
AVG.F.
VESPASIANO
IMP.PONT.
TRIB.POT.VI
COS.DES.VI
CENSORI
D.D.

Em vulgar:

A Tito Cesar Augusto *Flavio* Vespasiano, Imperador, Pontifice, com o Tribunicio Podêr seis vezes, Consul designado seis vezes, Censor, por Decreto dos Decuriões.

Era no entanto algumas vezes tambem expresso por extenso o nome TITUS.

Sirva-nos de exemplo uma inscripção de Capistrano, (Noticia de las excavaciones de Cabeza del Griego, pag. 112):

TITVS.VALERIVS
K.APTI.FILIVS CALP
VALERIENSIS.H.S.E

ƆAEN NA V.V

Por extenso:

Titus Valerius, K(*aii*) Apti Filius, Calp(*urnius*) Valeriensis, H(*ic*) S(*itus*) E(*st*).

C(*aius*) Aen(*eias*), N(*atus*) A(*nnos*) V, (*menses*) V.

Em vernaculo:

«Tito Valerio Calpurnio, Filho de Caio Apto, Valeriense (natural de Valeria), aqui está sepultado.

«Caio Eneias (aqui jaz tambem) na edade de cinco annos e cinco mezes.

*

Falsificou Lousada Machado a inscripção da Sé Primaz com intuitos manifestos, como por uso e abuso costumava.

Foi para a fazer intervir no *Martyrologio Hispano* em relação ás *Nove Gemeas Santas*, conhecidas nos Agiologios como *Proto-Martyres Bracarenses*.

CXXVII

Em nosso Mappa dos locaes das *lapides ineditas*, indicamos com * a situação do velho edificio (hoje substituido por palacete moderno), onde a tradicção nos diz ter sido o nascimento dessas nove Santas Bracarenses.

*

Na *Antiguedad de la Ciudad y Iglesia Cathedial d: Tuy*, impressa em Braga no anno de 1610 na typographia de Fructuoso Lourenço de Basto, diz a respeito d'ellas (pag. 36 a pag. 38) o Bispo Tudense, D. Frei Prudencio de Sandoval, o seguinte:

«Dicen que fueron estas santas niñas hijas de *Lucio Catilio Severo*, consul, que fue un grã principe, natural de la ciudad de Braga Augusta, y en ella governó por los romanos las dos provincias de *Lusitania* y *Galicia*».

«Sus nombres pone *Iulian* y *Dextro* desta manera»:

«Genivera, Eumelia, Victoria, Germana, Gema ó Marina, Marciana, Quiteria, Basilissa, Wilgeforte ó Liberata».

«La madre se llamó *Calsia*; y avergōçada (como ya acueció a otras) de ver un parto tan admirable, (perdiendo el amor maternal y el de la belleza de las niñas), trató de las ahogar en la mar: y para esto encargó el negocio con todo secreto que pudo a la partera, que como catholica y santa que despues fué martyr, (cujo cuerpo descansa em Portugal junto a la villa de Tomar), no cumpló el mandato de la princesa *Calsia*, antes las dió a criar; y fueron unas grandes santas y martyres de la Iglesia».

«La *Genivera* padeció en Tuy, año 130, lo primero de Noviembre; (segun *Iulian*, en Portugal la llaman Janebra); la Eumelia en *Abobriga*, (ciudad antigua que hubo en este Obispado de Tuy), año 139, lo primero de Deciembre».

«Otros quieren que *Eumelia* es lo mismo que *Eufemia*, y que padeció en la ciudad de Calcedonia en el Obispado de Orense: y otros que nació y padeció junto a la hermita de Nuestro Señora del Camino en este Obispado de Tuy».

«La *Gema* ó *Marina* padeció martyrio en Amphilochia, ciudad griega y antigua en el Obispado de Orense, (a quien llaman con engaño los Breviarios—Bracarense, Toledano, Compostellano, y otros—Antiochia), y alli descansa su santo cuerpo».

«Padeció a 18 de Julio; y quedó la memoria desta Santa mas viva en este Obispado, que de las otras hermanas, por las muchas parochias y hermitas que della hay».

«*Santa Quiteria* padeció en Margueliza, que es en el Arçobispado de Toledo, año 130»;

«*Santa Marciana* en Toledo, año 155»;

«*Santa Victoria* en Cordova»;

«*Santa Wilgeforte* ó *Liberata* en Castraleuca de Portugal»;

«*Santa Germana* en Carthago, en Africa»;

«*Santa Basilissa* en Syria».

*

Ve-se d'estes extractos, que o Bispo D. Frei Prudencio acreditava nos Chronicões então em voga, como se n'elles houvesse a pureza doutrinal dos Evangelhos, e a incontestabilidade das Decisões da Egreja.

Por isso diz com rasão o Padre Francisco do Nascimento Silveira no seu *Pombeiro Interamnense*, (pag. 9. §. V):

«O seculo passado (1600 a 1699) viu com desgosto dos eruditos, e grande descredito da Religião, maculado o mais serio e apreciavel da Egreja Hespanhola, com imposturas pueris e erros intoleraveis; pois n'elle se forjaram aquelles indignos *Chronicões*,

já proscriptos pela critica mais judiciosa, (Fr. Henrique Florez, *España Sagrada*, Tom. VII. pag. 117)».

«E desde então é que entraram a vacillar no credito das *Historias Sacras Nacionaes* os homens de maior talento, aborrecidos de tam feias imposturas».

Deu curso a estas verdades o Padre Nascimento Silveira (1803), no alvo de comprovar contra esses Chronicões do seculo XVI, que não fôra na Hespanha em *Marguelisa*, mas em Pombeiro de Riba-Vizella em Portugal, que soffrêra *Santa Quiteria* as torturas do martyrio.

Já em 1651 o Padre Pedro Henriques d'Abreu, (Vida e martyrio de Sancta Quiteria e suas oito Irmãs), mostrára não ter sido em *Marguelisa*, (como os Chronicões phantasiavam), essas torturas da Sancta suppliciada, mas em Pombeiro de Arganil; não chegando a conseguir, com tudo isso, a victoria para os seus alvitres.

*

Foi embuido tambem pelos Chronicões seiscentistas, e dado a imital-os por indole falsaria, que se arrojára Gaspar Alvares de Lousada Machado a falsificar a inscripção romana da Sé Primaz.

Intentava certamente este Machado Bracarense, basofioso archeologo do seculo XVI, augmentar com falsificações o catalogo dos martyres christãos, como se esse documento venerando não fosse testificado com provas irrefutaveis.

Não o faremos vêr com palavras nossas; servir-nos-hemos de excerptos curiosos de Manuel Gomes de Lima Bezerra nos *Estrangeiros do Lima*, (Tom. I. pag. 269 a pag. 272), n'uma *resposta dialogica* do francez Raul ao inglez Clarck, a respeito d'uma *Dissertação* de Henrique Dodwel sobre ser pequeno o numero dos *Sanctos Martyres*:

«O P. Papebrochio, no *Acta Sancturum,* mostrou convincentemente, que o numero dos Martyres fôra quasi infinito.

«Basta recordar-vos que só no imperio de Severo se contam dezenove mil e sette centos Christãos, martyrizados de uma vez somente na cidade de Leão com S. Ireneo.

Lembrai-vos da Legião Thebana, consistente em seis mil seis centos e sessenta e seis soldados, que toda morreo martyr.

Lembrai-vos que na perseguição de Diocleciano conta o mesmo Papebrochio cento e cincoenta mil Martyres; e que na dos Abexins numerou dezeseis mil.

O criterio e sabedoria, de que era dotado Papebrochio, lhe não disputão até os vossos mesmos Inglezes sabios.

Consultemos porêm ao nosso Abbade Fleury sobre os martyrios, tormentos e morte, que se davão aos Christãos : e pela formalidade delles, attestada por toda a antiguidade imparcial, nos convenceremos da veracidade das Actas dos Martyres, e da veneração com que as coisas delles devem ser tractadas.

Logo que se prendia hum Christão, (porque seguia a Lei de Christo), era conduzido perante o Magistrado do logar; e inquirido alli judicialmente, se adorava ou não a Jesus Christo ?

Se negava, era de ordinario solto, porque a experiencia tinha certificado os Gentios, que nenhum daquelles, que deveras professavam o Christianismo, deixava de o confessar publicamente.

Muito mais se os juizes, para melhor o experimentarem, lhe apresentavão idolos, para que os adorasse ; porque então confessava o Christão com gritos, que o era, e desprezava os ditos idolos.

Sendo pois certo, que quasi todos confessavão a Fé de Christo, se succedia que as persuasoens, as promessas, e os ameaços os não reduzião, erão logo condemnados a cruelissimos tormentos, que fazem horror somente considerados.

Os ordinarios consistião em se estender sobre hum potro, ou cavallete de tractos, o corpo do Christão, atando-se-lhe cordas nas mãos e pés, para o desconjuntarem por meio de roldainas.

Outras vezes penduravam pelas mãos os Martyres, e nos pés lhes atavam grandes pezos, açoutando-os com varas, paos,

disciplinas com picos, ou escorpioens nas extremidades ; e eram estes castigos tão rigorosos, que muitos acabavam nelles a vida.

A outros, tendos-os estendidos, lhes queimavam as ilhargas, lhes arrancavam a carne com anzois, ou ganchos de ferro; e succedia que muitas vezes, pelas aberturas que se faziam, appareciam as entranhas; e outras vezes, que o fogo suffocasse os atormentados.

Esfregavam as feridas com vinagre e sal; e se algumas d'ellas queriam tapar-se, tornavam a ser abertas com ferros cortantes.

No tempo, em que se davam estes tractos, eram os Martyres continuamente perguntados: e tanto as perguntas dos juizes, como as suas respostas, eram exactamente escriptas por hum Notario ou Escrivão, palavra por palavra; ficando os processos verbaes daquelle tempo com mais exactidão, do que ficam os que são feitos pelos Ministros da nossa edade : porque os antigos sabiam a arte de escrever por abreviaturas, e dellas se valiam os taes Notarios ou Escrivaens, de modo que não omittiam huma palavra, nem da pergunta do juiz, nem da reposta do Martyr: o que difficultosamente succederá no tempo presente, em que nos processos se falla por terceira pessoa, e em que são tão diversas as frazes, e as aptidoens dos Notarios.

Os processos verbais dos Martyres eram procurados com summa diligencia pelos Christãos, fazendo-os copiar, e guardar com o maior cuidado : do que resultaram muitas Actas, que hoje temos, desses Martyrios.

No tempo porêm de Diocleciano se esmeraram os gentios em extinguir todos os processos que encontravam, entendendo ser este o meio de acabar com a Religião Christã, e faziam as maiores pesquizas para os descobrir; e esta he a rasão, porque de muitos Martyres nos faltam hoje as verdadeiras Actas, e que appareçam algumas, que, por não serem as legitimas, contêm erros Historicos, Geographicos e Chronologicos, que patenteam bem a sua illegitimidade.

Depois dos interrogatorios, se os Martyres persistiam na confissão da Lei de Christo, eram mandados justiçar; posto que as mais das vezes eram tornados á prisão, para nella serem novamente provados e atormentados; concorrendo não

pouco as mesmas prisoens para os martyrios, por serem huns carceres, ou masmorras escuras, tenebrosas e immundas, onde postos em ferros, e em violentas posituras por meio de machinas, e não poucas vezes nús sobre vidros, e outros materiais picantes, soffriam continuamente; porque os corpos já feridos com os novos tormentos erão cruelmente lastimados.

Além d'isso negavam-lhes muitas vezes a comida e a bebida, deixavam-lhes apodrecer as carnes chagadas; e até lhes prohibiam toda a communicação, que podesse consolal-os; permittindo-lhes somente a que mais podia consternal-os e affligil-os, que era a dos pais, dos filhos, dos maridos ou mulheres, que introduzidos nos carceres pelos ministros, procuravam com supplicas, choros, e as mais vias instancias, apartal-os da Fé que seguiam; ponderando-lhes a magua e saudade do seu apartamento, o desamparo em que ficavam, e o vilipendio que se lhes seguia, e ás suas familias, depois da sua morte: e estes eram os tormentos que mais mortificavam os Martyres; porque ás lagrimas, e rogos de huma esposa amada, de hum filho terno, e de hum Pai afflicto, difficultosamente se resiste.

Se porêm nada bastava para a reducção do prezo, e succedia que este não acabasse a vida, ou nas masmorras ou nos tormentos, ou fosse por graça especial do Ceo, ou pela robustez do seu temperamento; era mandado ao ultimo supplicio, que ordinariamente se executava fóra das cidades.

A huns mandavam degolar, a outros apresentavam ás bestas ferozes, para os devorarem; a huns queimavam vivos, a outros apedrejavam.

A huns lançavam com pedras ao pescoço em poços altos para se afogarem; e a outros atavam os quartos a bois, ou a cavallos, para os despedaçarem vivos.

Causa porêm grande admiração a vigilancia, que tinham os Fieis daquellas edades, em buscar e recolher as Santas Reliquias, ou fossem corpos inteiros ou as suas partes, ou cinzas daquelles, que eram então finalmente queimados, havendo-as das maons dos ministros e algozes por qualquer preço, que elles pediam; e até causa espanto o valor, e a intrepidez, com que muitos dos mesmos Fieis acompanhavam os Martyres, ao logar do supplicio, expondo-se animosamente ao risco de acabarem com elles a vida.

CXXXIII

O que porêm deve causar maior admiração a qualquer animo reflexivo e considerado, he o saber-se, que no meio de tão horrorosos tormentos, de dores tão crueis, e nas agonias, nos ultimos paroxismos da vida não abrissem os Martyres a bocca, senão para louvar a JESUS CHRISTO.

Eisaqui, Senhor Clarck, (e acabo com as palavras de hum meu compatriota), quaeis eram aquelles homens, que os incredulos dos nossos tempos, sem pejo, e sem vergonha, gradúam de fanaticos, de obstinados, e de cediciosos: quando a Historia nos está mostrando, que no meio de tantos martyrios, que soffriam com invicta constancia e paciencia, e com que acabavam a propria vida, não faziam outra cosia mais, que abençoar os seus mesmos perseguidores!»

*

Escusava pois Gaspar Alvares de Lousada Machado—a não ser falsificador por indole--de tornarse avolumador mentiroso dos CHRONICÕES do seculo XVI, arvorando-se em archeologo.

Ao edificio magestoso do Christianismo não quadram ornatos de rendilhados falsarios.

Todos devem tomar por norma litteraria o que disse o Apostolo S. Paulo aos Corinthios, (Epistola II, Capit. IV. versic. II), no alvo de fugir *sempre* do que é vergonhoso; e de *sempre*, sem ardis, aspirar á verdade perante o testimunho humano, com as vistas fixas em Deus.